

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

# SONHO DE PERFEIÇÃO

# bibRIA



PORTO  
Typographia Pereira  
1901

# I

O dr. Matheus era um santo homem. A pé logo ao amanhecer, em singelo esmero, a face barbeada, cabellos brancos, poucos e desalinhados, conserva-se agora, aos cincoenta annos, como sempre fôra desde que saiu de Coimbra. Bondoso, d'uma inalteravel bondade, o olhar calmo, cheio d'indulgente sympathia, todo o tempo se lhe divide entre o escriptorio, onde trabalha e ouve os clientes, o tribunal da villa da Eirinha e o seu quintal, de que brotam com opulencia fructos, vegetações e flôres — unico, mas infinito prazer da sua vida. Conservára-se solteiro, vivendo sob a tutela benefica e doce da irmã, mais velha,



que tudo mandava em casa, mandando bem, modesta e ordenadamente. Desprezando os regalos do matrimonio, nunca se resolvera a casar. Além d'isso, não faltavam herdeiros: tinha os sobrinhos, os filhos do irmão, juiz n'uma comarca do Minho. Demais, os clientes eram tantos!... coitados! não os podia desamparar. Renunciava a uma familia limitada, porque adoptára outra, incerta, vaga e extensa — a dos que precisam d'auxilio.

Não enriquecia. Aváro, julgavam uns, deve ter um thesouro; descuidado, entendiam outros, não se sabe pagar. Mas não era isto nem aquillo: era simplesmente bom, d'uma consciencia delicada. A grande amargura da sua profissão consistia em determinar o preço dos serviços. Hesitava, fitando o cliente n'uma interrogação anciosa, a tremer de lhe pedir mais do que elle podesse dar; — pois, dizia baixinho, não querendo offender a classe nem maldizer da ganancia alheia, nós, os advogados, temos obrigação de attender a todos; cada um ha-de pagar, conforme as posses e não pelo nosso trabalho.

No fundo, o doutor, bello exemplo de intelligencia e bondade serenamente ponderadas, era um d'estes typos não raros na burgue-

zia, unindo a simplicidade e a abundancia em alliança fecunda.

—Obrigado, muitissimo obrigado, dizia-lhe á porta do escriptorio um velho, alto, magro, secco, nervoso, as barbas brancas, o olhar scintillante.

—Obrigado, muito obrigado, repetia tremulo, apertando as mãos flacidas do doutor entre as suas, cuja magreza só as veias enfeitavam. Eu bem sei quanto lhe devo, mias olhe que nunca o esqueço.

—Nada me deve, senão a amizade; nada me deve, apressava-se a responder insistentemente o dr. Matheus, querendo terminar a conversação, vexado, humilhado, pela confissão de reconhecimento.

—Mas, não!... A sua bondade é que lhe faz parecer... E adeus. Lá para o S. Miguel, quando receber alguma cousa, restituirei...

—Ora, pelo amor de Deus, não me falle n'isso!... Olá! meu professor!... exclamou, vendo assomar á porta um rapaz novo, pobremente trajado.—Vinha vêr os morangueiros?... Em boa hora! Até o snr. Antonio de Noronha vêm tambem?... concluiu voltando-se para o velho.

E os tres encaminharam-se para o quintal. Adeante ia Antonio de Noronha, a quem o dr. Matheus de continuo dava mostras de respeito attencioso; em ultimo lugar o mestre-escola que elle tratava com paternal familiaridade.

O escriptorio repleto de livros e autos — unica parte da casa que o dr. Matheus furtára ao governo da irmã, sempre fechado, apesar das reprimendas por causa da poeira, ligava-se ao quintal por um corredor varrido e caiado. No fim, ao canto, os tamancos que o doutor calçava em dias de chuva ou humidade. Seguia-se a rua, coberta pelas vides, plantadas junto ao muro do lado direito; á esquerda a regadeira que distribuia a agua em toda a horta.

— Ora veja isto, dizia o doutor para o mestre-escola, apontando-lhe as pereiras viçosas e carregadas de fructo. E isto?!... era um pecegueiro bem podado, baixo, mimoso e symetrico. Tem mais de quarenta pecegos!

— V. Ex.<sup>a</sup> sabe muito, respondia o professor, e tem muito gosto por estas cousas.

O doutor animava-se. Mostrava e explicava: d'onde mandára vir as arvores, como as dispunha, a profundidade, os estrumes que

mais convinham, e por fim a póda,—era essencial! era o que se devia ensinar aos rapazes na escola, porque não havia um trabalhador em termos!

—Agora isto!... Tem alguma cousa que lhe dizer!?... E isto?... São mais fructos do que folhas. Está ahi um pé com quarenta e seis. Ainda hontem minha irmã os contou.

—São francezes? perguntou o professor.

—Francezes... e todos d'uma unica qualidade. Foi o director do jardim botanico de Coimbra que m'os deu. Mandou-me só dois pés; tambem tinha muito poucos, mas no anno seguinte plantei logo vinte e tres. Não perdi nem um braço.

—Estão lindos! Muito lindos! diziam o mestre-escola e Antonio de Noronha, contemplando os morangueiros.

—Sentemo-nos um pouco, lembrou o doutor ao passarem em frente d'um banco de pedra. N'estas tardes de maio já vae apeteecendo a sombra.

Sentaram-se todos tres, a par, no mesmo banco.

—Aqui o meu visinho, snr. Antonio de Noronha, é que nunca foi muito apaixonado de lavouras.

— Não, o meu destino era outro. Se o governo do snr. D. Miguel de Bragança não tivesse caído, estava hoje general.

E interrompeu-se, como seguindo uma visão fugidia.

Depois continuando:

— Mas também gosto de vêr, não pense que não. Quando passava algum tempo em casa do fidalgo de Fórnos, era sempre o seu companheiro nos passeios pela quinta. Morria por isto! Havia ali de tudo! Procurava enxertos de boas qualidades, fosse onde fosse. Uma vez me lembro eu de elle mandar um creado ao Douro, onde tinha um amigo, grande amador de pomares. N'essa ocasião trouxe de lá bellas castas de uvas e umas peras, a que chamavam da Briolanja, que ninguém aqui conhecia. Dava sempre o que lhe pedissem. O seu regalo era espalhar as plantas finas. Bons tempos!... Uma grande casa!...

N'isto, Antonio de Noronha levantou-se, como incitado por viva impressão de impaciencia, e começou a passeiar d'um para outro lado, em frente do banco.

— Conheceu muito aquella familia, não é verdade? perguntou o doutor.



—Pois não! Já não é do seu tempo; afinal o doutor tem menos vinte e dois annos do que eu . . . Que fidalgo era o pae, o D. José! Eu conheci-o já velho, mas tivemos muitas relações. Ia sempre todos os dias á missa, punha as suas contas em ordem, almoçava e depois vinha cá abaixo vêr os animaes e os creados. Até morrer teve sempre cavallos, a matilha, bellos galgos e bons escudeiros. Cuidava de todas as suas cousas. E que festas! . . . Olhe que só a baixella valia para cima de dez contos de reis! A desgraça foi a neta ser uma rapariga. Se fosse rapaz, talvez toda aquella grandeza ainda hoje se conservasse. Mas casou lá em Lisboa e o marido joga tudo. Que pena! que pena! Esta loucura da lei sobre os morgados . . .

O velho exaltava-se nas recordações do passado e no aferro ao antigo regimen. O doutor, erudito e liberal, chamando á lembrança os abusos dos frades e dos fidalgos, não ignorava até que ponto elle se illudia, como sabia tambem até onde tinha razão. Por isso o escutava attento, procurando certificar-se e aprender. E o proprio professor, que já lia gazetas republicanas e sonhava com liberdade e egualdade, sentia-se captivo

d'aquella extranha eloquencia, fructo unicamente da sinceridade e da pratica do mundo.

Durante mais de meia hora, Antonio de Noronha, ora parado, ora andando, sempre gesticulando nervosamente, fallou d'esse fidalgo de Fórnos, com quem vivera em intimidade.

Bateram enfim seis horas na torre da egreja proxima:

— Vou-me até lá acima, á Suarda, disse, que prometti ao morgado ir hoje tomar chá com elle.

— Obrigado, muito obrigado, repetiu pela derradeira vez, no fim da rua, á portita do quintal, por onde saiu.

— Deve viver triste este homem, observou o professor, quando o doutor voltou ao pé d'elle.

— O desgosto do filho acabou-o muito... Mas é um homem de bem! Um homem de bem! Ha pouco d'isto!

E ficaram-se ambos, scismando por momentos, um na nobreza do velho e nas suas amarguras, o outro na imagem de grandeza, indefinivel para o seu pensamento estreito, mas que o subjugava por mysteriosos impulsos do coração.

## II

# bibRIA

Paremos no solar da Suarda, tres annos exactos antes d'esta tarde de maio, em que entramos na casa do dr. Matheus.

O solar da Suarda está situado a um kilometro da villa, a meia encosta do monte que a abriga pelo poente. D'ali descobre-se ao longe, em baixo, o rio Véro, correndo no meio de campos cortados por comoros de salgueiros e choupos; além, erguem-se as serras com as suas aldeias e ermidas solitarias, a que vêem os romeiros, os penitentes e os bandos de namorados.

A quinta é vasta. Desce em socacos de

hortas e pomares até ao valle,—larguissima pastagem rematada na parte inferior por uma azenha; sobe do outro lado, em encostas de arvoredos espessos, grandes carvalhos dominadores, loureiros bastos, abrigando ninhos. A casa só por um dos corpos lateraes toca na estrada; o resto estende-se sobre o pateo a que dá accesso um largo portão, quasi sempre aberto pela passagem contínua dos trabalhadores de lavoura, de clientes politicos do morgado, dos ociosos que o visitam a miudo, de toda a turba variegada que gravita em torno do poderio social e da opulencia. Mas carece de grandeza; formando um angulo do lado esquerdo do portão, com uma ampla escada exterior, tem duas grandes salas parcamente guarnecidas de singelas mobílias imperio, bastantes divisões interiores e a capella no salão da entrada. Em frente, á direita, no outro angulo do pateo, são cocheiras, cavallariças e desordenadas dependencias. Só a sala de jantar destaca, no meio d'esta vulgaridade, pela magnifica situação; com uma larga janella sacada ao nascente, de que se avista quasi toda a quinta, os campos do Véro e as montanhas distantes, pelo lado do sul communica com a varanda, ao fundo da

qual uma pequena escada conduz ao jardim. O panorama é magêstoso; a largueza e a frescura, dominio dos olhos e liberdade de respirar na vastidão, infundem-nos no espirito a impressão salutar de vigor alegre. O bom morgado sorri todo vaidoso, como se elle tivesse creado aquelles montes, aquellas aguas e aquelles prados, quando algum hospede, chegando ali pela primeira vez, exclama surprehendido:

—Ah!... Que belleza!

Estamos a 15 de maio de 1860. Foi dia de feira na Gandara, um pouco acima da Suarda, — grande feira mensal, muito concorrida de tendeiros, farta de gados, d'alfaias e sementes. Por isso não faltaram convivas á meza do morgado — os da villa, que sempre apparecem n'este dia, e os de fóra, que vieram comprar ou vender e aproveitam o ensejo para vêr os amigos, palestrar, talvez mesmo para uma partida de voltarete, se, cedendo a instancias repetidas, quizerem passar a noite e regressar a casa amanhã, depois do almoço.

Ergueram-se agora da meza; trocam entre si benevolos desejos de boa tarde, depois de darem graças a Deus, resando de mãos



postas, benzendo-se pausadamente, solemne-mente.

Este homem alto, córado, nutrido, de pequenas suissas brancas, olhar vivo e malicioso, com um sorrir que dissimula energia tenaz, é o proprio senhor morgado da Suarda, Antonio Pereira Athayde da Silveira e Faro. Hoje veste calça côr de flôr de alecrim, collete branco, casaco escuro, gravata de setim preto com alfinete d'ouro e sapatos pretos, bem engraxados pela manhã ao sair de casa, agora cobertos de pó apanhado na feira, porque não se quiz dar ao trabalho de o sacudir. É muito facil n'estas cousas, em que, de resto, o acompanham quasi todos os frequentadores da casa. N'este tempo, fazem parte invariavel do seu trajo um casaco de linho e sapatos brancos, salvo quando vae á villa, especialmente quando preside á camara, porque então não poupa a sobre-casaca preta, nem o collete de veludo encanastrado, de flôres roxas, que dá muito particular realce á antiga cadeia d'ouro do relógio.—Assim é preciso! dirá elle consigo. Dotado de virtudes burguezas, esfima a sociedade por tradição, por conveniencia de bem viver, mas de coração ama o trabalho, a

economia, os seus gados e as suas terras, aborrece o luxo, suspira pela liberdade, pelas manhãs orvalhadas e pelas moçoilas sadias, que, folgazão, abraça bastas vezes, não sem mágoa da senhora morgada. É miguelista porque o pae também o fôra — gastou bom dinheiro com isso, Deus lhe perdoe! dizia elle. O seu bom senso, alimentado no contacto da gente do campo, ensinou-lhe, ha muito, que não podia quedar-se acorrentado aos mortos sem o perigo imminente de morrer. Por isso auctorisou os filhos a concorrerem aos empregos publicos. Um já é magistrado; outro, hoje medico de partido na Beira, quiz ser cirurgião militar, mas o pae julgou melindroso para a sua lealdade tão proximo serviço do rei usurpador; o terceiro estuda no seminario de Coimbra e provavelmente seguirá qualquer carreira publica. O morgado não se fia nos bens. Tem mais filhos; por sua morte ha-de ser tudo dividido e elle bem sabe quanto a casa lhe custa a sustentar, estando reunida: partilhada, pouco toca a cada um. É preciso procurar-lhes posição. Quem lhe dera encontrar bons casamentos para as filhas!

A snr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta, sua esposa, trouxe á casa os prazos do Picoto, que dão ainda uns mil alqueires de renda; é uma singela senhora de aprimorada educação, muito fidalga, ainda parenta dos de Fórnos, os mais nobres que havia por aquellas terras. Paciente com o marido, amiudadas vezes violento, caridosa, trata os creados carinhosamente, sem uma palavra de exaltação; cumpre á risca todas as obrigações religiosas desde as missas e confissões até aos jejuns, ordenados pela egreja. N'este ultimo capitulo chega a perfumar a vida com devoções muito além do dever; cada anno faz na capella da casa uma festa á Senhora das Dôres; reunida toda a familia, os creados e os visinhos, canta o mez de Maria, que dirige, auxiliada do capellão, com refinado esmero, sem poupar luzes, flôres nem a debil voz. Talvez sob a apparencia de mansidão não tenha grandes ou muito vivos sentimentos; mas frouxa, lymphatica, de temperamento propenso á doçura, foi educada por esta fórma; converteram-lhe a vida n'um codigo de hábitos e costumes, -por fortuna bons e agradaveis para os que viviam sob as suas ordens ou no seu contacto.—Uma boa senhora, uma boa senhora! dizia o ca-

pellão, invariavelmente, com arrastada suavidade e verdadeiro apreço respeitoso, quando lhe fallavam n'ella.

Este, o padre Francisco Nogueira, não sabia elogiar outra cousa senão as virtudes dos Athaydes, a actividade do morgado, a bondade de D. Maria Benedicta, a belleza das filhas, os bens da casa, a situação do solar e a excellencia dos vinhos. Physionomia d'uma indecifrável vulgaridade, baixo, espadaúdo, larga bocca armada de solida dentadura, olhar baço ensombrado por um lento pestanejar — o silencio era a sua habitual attitude. Comia e bebia moderadamente, mas com que sensualidade e apreço! Sem ninguem lhe ouvir uma palavra, ao seu agudo olfato não escapava folha de louro, ou dente d'alho que trouxessem qualquer perigo a um delicado equilibrio culinario. Em taes casos nunca deixava de advertir a cosinheira com melifluos lamentos: — Ai, Gertrudes! . . . Aquella cabidella de hoje! . . . Escapou-te a mão no vinagre, rapariga.

De resto, o padre era sincero na admiração pela Suarda. Fôra ella que lhe dera uma inefavel satisfação do seu corpo, somenos tranquillós, estomago saciado, com aquelle

contacto de gente fina que não deixava de o lisongear. E assim veio a ter uma fraqueza: — a imitação do morgado. Fallava pela sua bocca, reprehendia os creados no mesmo tom, simulando em gestos e palavras a sua actividade. Até por complacencia com o luxo do Athayde comprára tambem um collete de seda preta, enfeitada de ramagens em relevo; abotoando-o sobre o cabeção, vestia-o, não sem um sorrisosinho de vaidade, nos dias de festa ou de maior frequencia na casa, rivalisando de perto com o collete do amo.

O padre é, porém, a victima dos discursadores enfadonhos da Suarda. Ell-o ahi está ao canto da sala, preso por um advogado novo, de pequeno bigode e luneta d'ouro. O advogado, sahido de Coimbra ha poucos annos, quer uma associação agricola. — Somos um paiz agricola, dizia, e é para a agricultura que devemos olhar. É preciso que a iniciativa individual se imponha. Lá fóra, na Inglaterra e na Belgica, as associações agricolas são ás dezenas; fazem exposições, concursos, distribuem premios, disvelam-se pela zootechnia, apuram as sementes, encarregam-se da venda de generos e compra de adubos,



têm as suas publicações, prestam serviços importantísimos. Importantísimos, senhor padre Francisco!

O padre escutava, meneiando a cabeça, como quem applaude, e deixando o rapaz á sua phantasia. Só se julgou obrigado a interrompê-lo quando elle, abaixando a voz e achegando-se ao collete de seda, disse abafadamente:

— Olhe, sabe quem devia tomar a iniciativa d'estas cousas?... Era o nosso morgado que possui influencia e é um homem intelligente.

— Não, coitado, respondeu o capellão. Não pôde mais. Eu até nem sei como lhe chega o tempo. É que elle é de ferro!

Deixemos o pobre capellão, que sem duvida tem catechese agricola até á noite, e vejamos est'outra gente que se encaminha á varanda, para descer ao jardim.

Adeante vão de braço dado duas meninas que devem ter cerca de vinte annos. Uma é de estatura mediana, branca, d'uma tenra e rosada alvura, jovial e robusta, ostentando a todo o instante a bocca humida e os dentes pequeninos e perfeitos; a outra é pallida, loira, d'uma languidez doentia. A primeira é Helena, a mais velha das tres filhas do

Athayde; gosta de dançar e andar a cavallo e morre por doces d'ovos. A outra é Alice, filha do major Albergaria, menina muito poetica que começou com paixões aos treze annos e recita ao piano versos lacrimosos.

Segue-as um rapaz alto, que logo no fim do jantar se afastára, triste, para a varanda. Ao cruzar com elle, Helena passou-lhe estouvadamente a mão pelo braço e, arrastando-o, disse-lhe:

— Anda d'ahi, não sejas mono. Vamos até á azenha. E has-de ir vêr se temos muitos morangos para amanhã...

Este rapaz é Fernando de Noronha, filho unico de Antonio de Noronha que já conhecemos de casa do dr. Matheus.

Tambem Antonio de Noronha aqui está. Ficou sentado na varanda a conversar com o major Albergaria, que pouco passeia depois que partiu uma perna. O major repete-lhe pela millesima vez o que lhe succedeu em Braga, quando foi da Maria da Fonte; e Antonio de Noronha ouve-o delicadamente, pasmando da rudeza que não lhe permite alcançar quanto o magôa, lembrando factos que não foram favoraveis á sua causa.

O morgado, que tem sempre artes de se

libertar cortezmente dos seus hospedes para ir vêr os trabalhadores e os creados, já desapareceu.

Dispersas as figuras menores que tomaram logar á meza, volta á sala de jantar uma senhora, que tambem lá se sentára e que timidamente saiu e se occultou, finda a refeição. É a snr.<sup>a</sup> D. Luciana d'Oliveira e Castro, senhora pobre, filha d'um fidalgo legitimista que morrera na Patuleia. Foi recebida na Suarda por caridade, mas é ella quem ensina ás meninas bordados e mais prendas do seu sexo; e é ella quem auxilia no governo da casa a snr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta á qual as devocões, a fraqueza, as dôres de cabeça e as visitas não deixam tempo de regular as cousas de perto. Vem agora ordenar o levantamento da meza, guardar os doces, arrumar as fructas, fechar os vinhos e dispôr dos restos, tarefa que ha muitos annos lhe incumbe, e de que sempre se desempenha com aquella pontualidade e zelo meticulosamente pausado e silencioso que a caracteriza.

bibRIA

### III

Antonio de Neronha vivia na villa, a villa da Eirinha, que é uma das mais prosperas e commerciaes da Beira littoral. A proximidade do mar, a riqueza agricola dos campos do Véro, das suas pastagens, e dos gados sem rivaes em belleza e corpulencia, o dinheiro dos brazileiros, e, principalmente, as magnificas quédas d'agua da Oliveirinha, que movem alguns milhares de fuzos, crearam-lhe um movimento mercantil não vulgar em terras portuguezas. Extensa, assaz extensa, com uma grande arteria central de muito mais d'um kilometro, correndo de norte a sul, parallela ao rio que fica ao nascente, com



bastas ruas de flanco, que d'um lado dão saída para o caes, do outro conduzem aos montes, ora agricultados em socalcos, ora ensombrados de pinhaes e formosos carvalhos — tem duas freguezias, a praça em que fica o tribunal, um antigo pelourinho, a casa da camara e o correio, boas lojas de mercadores, droguistas e merceeiros e o *Hotel Central* que dizem ter commodidades modernas, mas que as mistura com moscas em numero fabuloso.

No extremo, á direita, prolonga-se uma larga estrada, sempre cortada de carros archaicos, gemendo sob o peso de grandes fardos, que os bois arrastam com esforço, a tremer do aguilhão, attentos ás pragas e ao grito incitador do carreiro. É a estrada que vae ás fabricas de papel e de fição, nas levadas de Oliveirinha.

Tambem ha um theatro, frequentado principalmente pelas familias de operarios e commerciantes, nas raras occasiões em que apparecem actores em villegiatura. Agora, com a estação do caminho de ferro, espera-se que as companhias que vierem de Lisboa ao Porto não deixarão de fazer aqui uma paragem.

O orgulho dos habitantes não é porém o theatro, é a alameda. Foi obra do morgado da Suarda, que quiz deixar vestigios da sua passagem pela camara municipal e em certo modo cohonestar o cuidado excessivo—murmuração de toda a villa—que teve em abrir boas estradas para as suas propriedades. E, comtudo, a alameda é bella. Aberta sobre o rio, tem deante de si os campos, de que constantemente emana uma sadia frescura, e além, trepando pelos montes, as aldeias proximas. A paysagem é n'este logar vicejante e rica, animada de movimento no arvoredo, nas aguas e nos muitos signaes de vida humana com que os povoados a esmaltam. Já os das fabricas fallam em levantar ali um monumento a Fontes Pereira de Mello, por causa da estação do caminho de ferro com que os dotou. Não é impossivel que venha a fazer-se, posto que seja de crêr que este enthusiasmo da novidade arrefeça no correr dos tempos e nas luctas dos partidos politicos, que dividem a villa.

A casa de Antonio de Noronha fica na rua central, do lado do rio. É pequena e modesta, não isenta talvez de certo character de nobreza; na espessura das cantarias de

granito, na larga sacada ao centro, de ferros torneados e acolytada de duas janellas de peitoril, ha reminiscencias de viver fidalgo e de ostentação de riqueza. Para traz advinha-se a sala de jantar e a varanda sobre o quintal, bafejada dos salgueiraes e do rio.

N'esta casa, que pertencera á mulher, vivia Antonio de Noronha, depois do seu casamento, em 1838. Tinha parentes ricos; o irmão era morgado e residia no alto Minho; mas deixára-o porque, despotico, aváro e altivo, fazia-lhe sentir a cada instante a sua condição de filho segundo e a sua pobreza. Fora assim com elle desde creança: foi essa uma das razões que o levou a alistar-se no exercito legitimista em que serviu onze annos. Quando voltou da guerra, em 1835, vencido e alquebrado da derrota e das prisões, não teve mais onde se acolher senão á casa do irmão, mas quanto isso lhe pesava! Se não fossem as esperanças da vinda proxima do seu rei, a amargura seria sem lenitivo.

Deixou decorrer tres annos. No paiz revolto não via aurora de restauração do antigo regimen que não fosse logo escurecida por uma explosão demagogica victoriosa e cada vez mais radicalmente devastadora.

Na guerra conhecera o morgado da Suarda que, sendo mais novo, começou a estimal-o e a respeitá-lo; depois, por entre os perigos e as luctas communs, acabou por ser seu amigo. Vindo visitá-lo em 1838, abertamente lhe confessou quanto vivia contrariado. Não o visitára mesmo para outra cousa; vinha desabafar. No Minho havia perdido todas as relações durante aquelles onze annos que estivera ausente, a maior parte do tempo em Lisboa. Lá, não tinha amigos com quem se abrisse.

Na verdade, o Athayde, apesar d'uma grande differença de caracteres, era um dos seus mais afeccionados.

Ouvia com interesse de amizade o que o Noronha lhe contava da sua situação. Activo, ambicioso, mas naturalmente prestadio, começava a mostrar-se n'este tempo o character que mais tarde os encargos de familia affirmariam com nitidez.

No dia seguinte áquelle em que Antonio de Noronha lhe expôz a sua situação, o Athayde, enquanto esperava pela missa,—era um domingo—ao vêr o amigo passeando sósinho no jardim, deixou no pateo os caseiros que lhe vinham fallar e, chamando-o para

baixo da olaia, que ficava sobre o banco de pedra, disse-lhe:

— Anda cá. Precisamos conversar. Esta noite lembrei-me d'uma cousa... Tu, na verdade, estás assim muito mal. Eu, graças a Deus, bem o sabes, nunca me vi n'essa tortura; mas imagino bem o que ha-de ser, sobretudo para um homem, como tu, affeito a ser estimado. Porque é que te não casas?...

— Eu!... Mas com quem?!... E com quem?!...

— Ora essa é a questão!... Uma parenta minha, muito boa menina, está hoje sem pae nem mãe, nem familia proxima e possui alguma cousa. A rapariga recolheu-se ao mosteiro de Pedralva, mas nunca quiz professar; e eu creio que não perdeu o sentido de se casar. Tem alguma cousa... como te digo. Não é muito!... Em summa, isto não ha-de ficar sempre assim, — elles não se entendem, tu bem vês o que aconteceu com os Passos, — um dia ha-de chegar a nossa hora, e entretanto vaes vivendo independente. Eu não sei ao certo... mas tem aqui na villa uma casa bem boa, a quinta das Pontes que é pequena mas bom torrão, e



os fóros da Mulata; esses ainda hão-de regular por umas mil medidas. Ora pensa n'isto e depois fallamos.

D'aqui veio o casamento de Antonio de Noronha e a fixação da sua residencia na Eirinha, n'aquella mesma casa em que viveu até ao fim da vida.

Em 1840, nascia-lhe o seu primeiro e unico filho, Fernando. A mãe morreu poucos dias depois do parto, d'uma febre puerperal; quasi o não viu.

Com este inesperado desastre rasgavam-se para Antonio de Noronha novos horisontes d'um doloroso dever, que mais uma vez vinha pôr em prova a sua austeridade.

Tudo o conduzia a uma vida concentrada: primeiro a lição politica, a desgraça da sua causa; em seguida a rudeza do irmão, quatro annos de vexames; agora a inesperada destruição d'este lar, onde começava a sentir os primeiros carinhos da existencia na esposa cheia de bondade, e que o captivava por um respeito em que elle se tornava senhor de toda a sua alma.

Vida adversa! Era o decreto do destino. Convencia-se da sua infelicidade, mas não succumbia. O character fortificava-se na adver-

sidade; as contrariedades estimulavam uma reacção de nobreza, — não o corrompiam. Quanto mais distante a sorte lhe mostrava a realisação das ambições, mais se lhes aferava. Eram provações a que tinha obrigação de não se vergar, de que devia sair cada vez mais firme. O sentimento de lealdade, cimentado nas luctas politicas, derramar-se-á em toda a sua alma, absorvente, dominante. Já até ali a vida não lhe fôra mais do que uma campanha de lealdade e no futuro nem um só instante será outra cousa: — lealdade aos seus superiores militares; lealdade ao seu rei, no campo da batalha e nas relações civis; lealdade aos seus principios politicos, afastando toda a sombra de transigencia; lealdade á egreja catholica, cumprindo religiosamente os seus preceitos; lealdade á sua casta, não descendo a misteres inferiores, regulando todas as distancias no trato social. A vida era um dever, não dever de consciencia prescrutadora e hesitante, mas um dever de serviço a sentimentos, pessoas e objectos, para sempre determinados, indiscutíveis e perpetuos, que não admittiam emenda, conciliação ou fraqueza. Ao rigor do destino respondia com uma rigidez de proceder, contra a qual se

partiriam todas as tentações e tentativas da fortuna do mundo. Os tempos passariam; elle havia de ficar o mesmo, inalteravel e invulneravel. Surgiu agora mais um desastre, mais uma esperança brutalmente perdida? A vontade dar-lhe-á o esforço correspondente para se manter sem tergiversação na linha que marcar.

# bibRIA

bibRIA

#### IV

À lealdade do legitimista, do catholico e do nobre vinha juntar-se a lealdade do pae. Tinha obrigação de crear e educar o filho; essa obrigação havia de cumprir-se á risca. A dôr da perda de doçuras que sonhára vagamente sem nunca as possuir plenas, dissipava-se perante esta nova campanha a emprehender. Havia de vencel-a, como sempre vencera em toda a sua vida, porque vencer para elle era cumprir. A gloria estava no procedimento dos homens, não na fatalidade das cousas. Que eram as vicissitudes do acaso deante d'essa grandeza interior, insubmersivel?

Adivinha-se o que vae ser a educação do pequeno Fernando n'esta fria casa da villa



da Eirinha, no berço desprotegido dos cantares da mãe. Família não a havia do lado materno. A do Minho estava longe e não era amada; — não era amada, não por lembrança da offensa pessoal, mas pela falta á obrigação de morgado; não porque elle magoára o irmão mais novo, mas porque não cumprira as obrigações de primogenito. Culpas de deslealdade! — No povo não podia encontrar relações, porque a nobreza o impedia de convivencia inferior. Só na Suarda teria um brando lenitivo a esta aridez de carinhos; olhando em torno, só ali descobria laivos de parentesco de aspirações e de sangue.

Em casa a creança ficava entregue aos cuidados de Maria da Piedade, que a mãe do pequeno Fernando havia trazido da Pedralva, quando se casára, e que já no convento a servia. Mulher robusta, sadia, intelligente, zelosa, de animo firme, era uma d'estas organizações talhadas para supportar os trabalhos da vida, d'estas que só no povo se encontram. Quando a ama morreu, pensou no que tinha a fazer. Nova, e Antonio de Noronha tambem novo, se ficava ali, talvez um dia a sua reputação se tornasse suspeita. Mas enfim resolveu ficar. Conhecia bem o fidalgo

para saber d'antemão que nênhum mal lhe succederia. Depois, pobre, algures havia de ganhar o pão; e o pão não se ganha sem risco e amarguras. Além de que, — talvez ultima e soberana razão, posto que a menos conscientemente determinada, — dominava-a o desejo de perpetuar no filho a dedicação que consagrara á mãe, que de facto amára. No seu temperamento de acção havia esta secreta necessidade de proteger, que é vulgar nos fortes. A natureza creou no instincto compensações de energia. Era decerto por impulsos d'esta especie que ella sentia impaciencia de vêr terminada a amamentação de Fernando para então se apossar d'elle inteiramente e convertel-o em obra sua. Não era sentimento de dedicação, mas ainda sentimento de egoismo, uma necessidade de possuir vidas alheias, servindo-as.

O pequenito, pallido e loiro, mostrava-se fraco. Os seus grandes olhos azues revelavam uma melancolia permanente, mesmo quando ria e brincava. Na Suarda estimavam-n'o muito, sobretudo D. Maria Benedicta. Até D. Luciana, que sempre prégava rigores para as creanças e não tremia de os pôr em pratica, tinha com o filho de Anto-

nio de Noronha complacencias para ella desusadas. O proprio morgado tentava de longe em longe uma caricia, arte em que nunca fôra experto. E Maria da Piedade gostava de levar a creança á Suarda, toda vaidosa de a apresentar esmerada e de a vêr querida. O respeito pelo pae e a circumstancia commovente de tão cedo ter perdido a mãe creavam ao pequenito, n'aquella casa, uma situação excepcional.

Quanto á educação futura da creança, a regra era uma só, de simplicidade cathorica, — obedecer. Não podia ser outra. Não podia comprehender appetites, impulsos, erros d'espirito quem nunca os tivera. Assim como toda a alma de Antonio de Noronha se concentrava em obedecer submisso aos deuses que interiormente elegera e formára, assim tambem não admittiria no filho o menor desvio d'esse sentimento. O seu corpo como toda a natureza, as proprias acções como todos os objectos do mundo, não eram mais do que instrumentos de justiça, entendida a justiça pela realisação do seu credo social e politico. O resto era nada. Alegria ou tristeza, riqueza ou miseria, ponhamos mesmo vida ou morte, que significavam, se o dever, o seu dever, o da

sua paixão limitada, estreita e inflexível, se não cumpria? Para elle creava o filho, visto que só para aquillo merecia ser creado. Consagrava-o a esse mesmo altar a que consagrara toda a existencia. Que a creança chorasse ou risse, que brincasse ou se arras-tasse n'uma frouxa e melancolica immobili-dade, era o menos. O essencial é que não tivesse caprichos, que não hesitasse um só instante em obedecer.

Não podia ser outra, na verdade, a regra do militar, do politico disciplinado e austero, a quem o mundo jámais testemunhára suavidade ou doçura. Onze annos de caserna, onze annos ao toque do clarim e á voz do com-mandante, seguidos de mais quatro sob o jugo pesado do irmão primogenito, bem peor que o da caserna, porque era sem methodo, remataram no espirito de Antonio de Noronha o despotismo, em que a tradição poli-tica e catholica o iniciára; — despotismo para o bem, despotismo para uma aspiração pura-mente moral, mas nem por isso menos des-tituído de caridade, ao abrigo de toda a meiguice, couraçado em formulas d'aço, incor-ruptiveis.

Maria da Piedade comprehendera-o e não

ousava contrariar-o, ainda que o coração feminino numerosas vezes a induzisse a transigir com a simplicidade infantil. Não temporisava, porque não queria. Lagrimas ou sorrisos, se os tinha, occultava-os, calava-os. Poderia alguém surprehendel-os n'um olhar, n'essas caricias mudas, nem por isso menos doces e penetrantes. A creança é que as não via, decerto. Ha-de adivinhal-as mais tarde, quando a razão e a experiencia lhe desvendarem o mundo infinito das almas. Agora sabe apenas o que seu pae *quer e manda*. No frio silencio d'essa pequena casa ouve-se uma unica voz, sempre firme e serena na convicção, sempre ao serviço de mysteriosas forças permanentemente em actividade, quasi mechanicas, tão prolongadas e eguaes se exerciam.

Chegava, porém, o tempo em que o rapaz precisava d'aprender alguma cousa mais, além d'esta passividade em que ia sendo creado. Já se approximavam os seus oito annos e nem sequer sabia lêr.

Foi então que o padre Diogo da Cunha, abbade d'uma das freguezias da villa e legitimista ferrenho, conversando um domingo, á saída da missa, com Antonio de Noronha, seu



confidente e irmão de esperanças politicas, lhe disse:

— O pequenito é que está lindo! Tem aquelles olhos azues dos Noronhas. Deus queira que tenha tambem os sentimentos! Que não póde ter outros... De tão boa cepa...

— Sim... o peor é que vae sendo tempo de elle aprender alguma cousa, e eu não sei a quem o hei-de entregar.

— Ora essa! Mande-m'o lá á residencia...

— Não, isso incommoda-o muito. Tem as suas obrigações.

— Quaes obrigações! Depois de jantar nunca tenho que fazer. Então agora, depois que veio o cura, até me entretém.

— Pois acceito, meu amigo. E, digo-lhe com franqueza, fico descansado. Olhe que me custava muito entregal-o a essa gente que por ahi ensina. Ha um vento de desordem e de impiedade que devasta tudo, tudo!

Não era só esse o motivo que levava Antonio de Noronha a não se apressar na educação intellectual do filho. Para que?! Para que lhe prestava o saber? Na sua imaginação não havia senão uma occupação digna,

—servir o rei. Era para isso que queria o filho. Desejava-lhe todas as dôres e todos os triumphos por que tinha passado, desejava-lh'os febrilmente. Relembra, não sem nobre orgulho, as doidas correrias na poeira da estrada de Queluz; os salões do duque de Cadaval, em que entrava como amigo; depois o cavallo ensanguentado e morto, ao lado do Telles Jordão, de quem fôra ajudante; a fome e os vermes nos porões suffocantes dos navios do Tejo. De tudo se lembrava e tudo apetecia para o filho, — não era menos glorioso o martyrio do que o triumpho, — tanto mais que as agitações do movimento cabralista ateavam no seu animo esperanças de restauração do rei legitimo, esperanças que, de resto, nunca abrandavam, mantidas pela fé mais viva, em confiança plena. Esperar, esperar sempre; e havia de chegar a hora de dar ao rei que era só um, insubstituivel, e á patria que era na sua mente um codigo de instituições, o filho — character vasado nos puros moldes da lealdade. Já que os braços afrouxavam e o destino não quizera que envelhecessem no serviço da causa da justiça, condemnando-os a dolorosa inactividade, resgatasse o filho essa fortuna cruel. Ah! mas para isso precisava

não perder um instante! Nem um só momento de fraqueza! Que não deixasse fugir a minima oportunidade de lhe representar o que era o dever!

Pouco expansivo, só se abria n'aquillo que julgava obrigação communicar-lhe. Não se perguntava á creança pelós seus desejos, brincueiros ou prazeres; nem tambem razão alguma aconselhava que se interrogassem as suas tendencias e que a ellas se amoldasse a educação. Não, que desde o berço tudo estava determinado e isso havia de ser o que a rigidez paterna concebêra. O problema era assim bem simples. A natureza humana maleavel como o barro, bastava só vasal-a nos moldes preconcebidos. E a primeira condição era a obediencia, bem facil de alcançar; pois a fraqueza do pequeno Fernando não tinha reacções violentas, antes uma accentuada propensão a submetter-se.

Cumpria animar esse debil corpo com uma alma de leal fidalguia legitimista.

O ensino do abbade Diogo da Cunha devia ajustar-se bem a este fim. De certo não deixaria de lhe trazer sempre deante dos olhos o respeito do throno e do altar, e o horror sacrilego dos conventos supprimidos. Tambem tinhamos o exemplo do pae, de Antonio de

Noronha, que o padre havia de apontar bastas vezes porque o admirava, e realmente era de admirar. Mas nada d'isto dispensava as lições de casa.

Descerravam-se então em calorosas narrações os labios do velho Noronha, que só costumavam mover-se para ordenar. Vinham a historia da côrte do snr. D. Miguel de Bragança, os modelos de dedicação dos seus leaes soldados, a anathematisação dos infieis e a exaltação d'aquelles que, não temendo a desgraça e a morte, se bateram sem trepidar pela sua bandeira. Depois, o exilio do rei e dos cortezãos! A fé legitimista n'este ponto illuminava-se de piedade e de poesia — resgate de captivos, lagrimas perennes a enxugar. A imaginação escandecida representava o principe infeliz e desthronado, chorando na pobreza a sua patria, entregue ás mãos impias de cubichosos usurpadores. O coração respondia com um anseio febril. Na sêde de pelejar, a compaixão e a justiça tingiam-se, n'uma promiscuidade criminosa, da mais cega e cruel vingança. A ambição afogava-se em jorros de sangue; o espirito concentrava-se surdamente n'estas visões guerreiras, aborrecendo tudo o que as não servisse.

Para Fernando só havia attenuação de taes rigores nas suas amiudadas visitas á Suarda. Ahi a linguagem era outra. Tambem lá se ouvia missa frequentes vezes, tambem se chorava pelo snr. D. Miguel de Bragança, tambem as mais duras palavras castigavam a suppressão dos conventos: mas moderadamente, com compensações que faziam a vida alegre. O bom senso do morgado, a sua tendencia á acceitação dos factos consumados, derivada d'uma actividade constante no contacto da natureza, a ingenita bondade de D. Maria Benedicta e principalmente a alegria da prole numerosa e desinvolta, tudo dava á Suarda um aspecto absolutamente diverso d'aquelle que era caracteristico da casa de Antonio de Noronha. Dançava-se, corria-se, apreciavam-se os bons manjares, festejavam-se os leitões assados a primor pelo hortelão, e discutia-se mesmo a profissão que os rapazes haviam de tomar, prestando ao trabalho justa reverencia. Das cavallarias phantasiosas, posto que nobres, do Noronha descia-se a uma vida povoada de paixões e de appetites, de todos os sete peccados mortaes contrapostos ás respectivas virtudes. Se muito se apreciavam estas, não se tinha desusado rigor para os outros.



Era entre estas duas atmospheras diferentes que Fernando de Noronha ia crescendo, um pouco ao Deus dará, n'aquella esperança de restauração, o sonho permanente do pae, para a realisação do qual reservava o filho, infiltrando-lhe na alma a exaltação cavalheiresca. O rapaz, porém, parecia triste. Nem se associava de animo leve e franco aos prazeres da Suarda, nem tão pouco se sublimava em irradiações de fé que totalmente o consumissem. Na Suarda parecia ter saudades da solemnidade das predicas paternas; na Eirinha aterrava-se com o silencio que o cercava, como uma ameaça, sentindo chegada a hora de dar conta de si e ouvia o tropel dos cavalleiros correndo ás armas pelo rei.

— Não, minha senhora, não posso conformar-me!

Assim dizia D. Luciana, de livrinho na mão, com gestos irritados, a D. Maria Benedicta, no corredor do palacio da Suarda, voltando da missa, n'essa manhã de maio de 1861.

— Em summa, muitas vezes... as circumstancias... bem vê a menina...

Porque D. Maria Benedicta tratava sempre a D. Luciana por «menina», ás vezes mesmo por «minha filha», assim como ella invariavelmente a tratava por «minha senhora». Da parte d'uma era expressão da sua tutelar e generosa meiguice, como da outra reconheci-

mento de poder e soberania dos seus bemfeitores.

— Não! insistia D. Luciana, não posso conformar-me!... O filho do Cainça á meza do morgado da Suarda!... Pelo amor de Deus!

— Depois tambem, respondia D. Maria Benedicta, não devemos ser orgulhosos.

— Será orgulho da minha parte; Deus me perdôe! Mas cada um no seu lugar, cada qual como quem é.

— Foram tempos, menina, foram tempos!... Hoje todos são fidalgos!...

— Embora, minha senhora. Não posso, não posso conformar-me! O snr. morgado sabe muito bem o que faz, mas eu é que não posso ser superior a isto!

E foram seguindo em direcção á sala de jantar, onde as esperava o bule de chá e duas chavenas da India, postas isoladamente a um canto da meza.

*Cainça* era alcunha. O verdadeiro nome d'aquelle a quem se referiam era Antonio Maria da Silva, taberneiro e negociante de azeite, estabelecido na Eirinha, outr'ora almoceve, agora alli fixado, graças a um pequeno capital que pôde juntar pelo contrabando. O

filho, José da Silva, esse que jantára em casa do morgado, voltára havia dois annos do Brazil, muito rico em pouco tempo. Como enriquecera? Elle contava cousas maravilhosas do negocio da borracha, mas os maldizentes da villa, vendo a coincidência da fortuna rapida com os habitos tradicionaes do pae, commentavam desconfiadamente:—Havia de as ter feito boas por lá!...

O garoto muito turbulento, que ia descalço levar os machos a beber e roubava as peras do quintal do dr. Matheus, ahi estava rico e n'um palacio. Se muitos o evitavam com invejoso desprezo, outros saudavam-no submissos, como potentado. Comprára, ao centro da villa, uma magnifica casa antiga que revestira de azulejo e a que fizera uma alta clarraboia, rematada com bola de vidro; tinha parelha de cavallo hespanhoes e caleche forrado de seda branca com lanternas de metaes muito rendilhados, tapetes por todas as salas e mobílias inchadas de estofos; tratava n'esta occasião de plantar o jardim em que ia construir uma estufa para bananas e ananazes. Já na ultima eleição gastára quinhentos mil reis, sendo voz geral que, se continuasse a dar dinheiro a juro, viria a ter grande influencia.

Mas, sem embargo de todas estas faceis glorias incipientes, á sua presença na Suarda fez escandalo. Levára-o lá o dr. Teixeira, aquelle advogado de lunetas, que queria uma associação agricola. D'um plebeismo ambicioso e audaz, esse doutor mettia-se com toda a casta de gente, da qual lhe podesse vir interesse. A sua ambição era um bom logar publico, cubiçando muito a recebedoria que se tornára rendosa e não o embaraçava d'advogar; até a mania da associação agricola, cantiga aprendida d'ouvido na Universidade, não passava do desejo de quem se quer tornar notavel por serviços publicos, certo de que a notabilidade tambem traz seus fructos e proveitos para a presumpção e para a algibeira. A sua assiduidade em casa do morgado provinha da esperança, que da muita influencia eleitoral do Athayde lhe viesse o despacho; prestava serviços, propunha-se a homem indispensavel, para que na hora propria não lhe faltasse apoio. E pelo seu lado o morgado, espirito pratico que sempre conciliou a sua lealdade legitimista com as novas circumstancias — em tempo com Costa Cabral e agora com Rodrigo da Fonseca, acceitava todos estes elementos, cujo valor apreciava, usando-os astutamente.



O escandalo, porém, da presença do filho do *Cainça* na Suarda não se limitava ao facto de elle lá ter jantado, o que a ninguém era muito difficil, dada a proverbial hospitalidade d'aquella casa. O escandalo estava em que o morgado, evidentemente com o fim de honrar o brasileiro, fizera convites para a noite e reunira ao serão o juiz de direito, o dr. Mathews que pouco saía de casa, o major Albergaria e outros, que raro vinham sem aviso. D. Maria Benedicta não trouxe n'essa noite para a sala o seu cesto de costura; sentou-se no sofá a conversar com a mulher do juiz e a do Albergaria. Helena, a filha do morgado, tocou piano por mais d'uma vez, e quiz valsar um instante com Fernando de Noronha. A Alice, a filha do major, recitou ao piano, o que lhe valeu, ao fim da quarta poesia, a reprehensão do pae que, severamente solemne, disse lá da meza do voltarete:

— Alice! agora basta.

E, voltando-se para os parceiros, a desculpar a interrupção:

— Recita muito bem, mas sempre com uma paixão que lhe faz mal. Não tem peito para isto. O medico está continuamente a recommendar-me que tenha cuidado! Bem me

custa contrarial-a!... Na verdade, vejo que recita muito bem.

O morgado nem jogou nem se sumiu ás dez horas, conforme o seu costume. Toda a noite aturou o brasileiro, que lhe contava cousas phantasiosas da colheita da borracha no matto. A vaidade de se sentir honrado com os favores fidalgos tornava o Cainça loquaz, inexgotavel.

Apenas Antonio de Noronha parecia ter a coragem de resistir á corrente. Só, no jardim, foi sentar-se algum tempo n'aquelle mesmo banco, em que ha vinte e dois annos o vimos com o Athayde. A gratidão aos beneficios, recebidos d'aquella casa, não o deixava pensar livremente, mas tambem não podia furtar-se á triste suspeita, de que o antigo camarada trahia alli a sua casta. Que fraqueza!— considerava, levantando-se para voltar á sala, onde não queria que lhe notassem a ausencia.

Não julgava assim o empregado do correio, junto da meza a lêr a *Nação*, com o fio preto da luneta por detraz da orelha, para lhe não estorvar a leitura: pousando o jornal por um instante, com leve aceno de cabeça, indicou ao tabellião, que estava proximo e ia

fazer paciencias, o morgado, o brasileiro e o dr. Teixeira:

— Que me diz a isto?! Politica, com certeza?...

E o tabellião, o homem das correspondencias para a *Revolução*, grande doutor politico de sobrecasaca preta, pé pequenino, alfinete d'ouro na gravata e muita pomada no cabello apartado ao meio, com um risinho de manhosa e subtil intelligencia:

— Não póde ser outra cousa! diz-lhe ao ouvido. O morgado é realmente muito fino! Muito fino!...

# bibRIA

bibRIA

## VI

O tabellião enganava-se; o caso era outro. Nem mais nem menos que no casamento de Helena pensava o dr. Teixeira, levando o brasileiro á Suarda. Já tinha o plano formado. O Silva continuava a apoiar o morgado nas eleições, dava tres contos de reis para o hospital, em seguida era feito barão. Assim se nobilitava, tornando-se ao mesmo tempo util á politica do Athayde. Brasileiro e advogado, ambos eram interessados na empreza; o primeiro, sonhando luxo, dominios e preponderancias, via no parentesco do fidalgo magnificos instrumentos de satisfação das suas ambições; o Teixeira, tornando-se executor e principal



architecto da phantasia do amigo, esperava da sua gratidão bons presentes, dinheiro para negocios e influencia politica, que lhe assegurasse a recebedoria. Para isto se uniram os dois, occultando cautelosamente as mais secretas intenções, desconfiados sob apparencias de dedicação, promptos até a separarem-se inimigos ao primeiro conflicto de interesses.

Que diria o Athayde?

A abolição dos morgados produzira-lhe profundissima impressão. Não a acreditára até final, mas quando a viu realisada, capitulou. Vencido! Não havia duvida alguma. Não se tratava d'um mero incidente da vida, nem da fortuna pessoal; n'esta crise todo o seu credo politico ruia por terra. Em sua casa, protegido pela instituição dos vinculos, havia um pequeno reino, patria que se mantinha victoriosa e intacta. Por isso transigia facilmente, porque sempre se lhe afigurava não soffrer perda fundamental, enquanto podesse conservar e transmittir aquelle dominio. Destruído elle, parecia-lhe a sociedade um montão de ruinas. Evora Monte era agora, não fôra ha vinte e tantos annos. Ruina! ruina! Tudo acabado!... Nem a suppressão dos conventos o ferira tanto. Só n'este momento

a revolução verdadeiramente o tocava, pois só agora o feria no lar, onde se refugiára, até alli, com segurança.

Não se gastou, porém, em estereis lamentações. Capitulou sem reservas, sem esperanças vãs, bem convencido d'uma derrota, da qual não havia desforra possível. Como homem pratico, sempre dominado pelo temperamento de acção, tratou apenas de conformar o seu viver com as novas condições, impostas por novas leis. Podia ainda prolongar o morgadio por mais uma vida. Não quiz. Para quê? O que tem de ser ao tarde, seja ao cedo, pensava. A questão é arranjar dinheiro, trabalhar, poupar, ser mais forte que os outros. Em vez de desanimar, ia redobrar de zelo e de actividade.

Percebeu desde principio os planos do brasileiro? Se os percebeu, acceitou-os; quando o dr. Teixeira lhe fallou em baronato para o Silva, sem o menor gesto de contrariedade, promptificou-se a escrever para Lisboa. Se não foi por desdem de fidalgo, foi já por cumplicidade tacita na conspiração. O certo é, que nada disse, nem mostrou repugnancia nem fez a menor observação; pareceu achar o pedido a cousa mais natural do mundo.

Tambem o ministro, que n'estas cousas era sceptico consumado, não lhe pôz impedimentos, contente por ganhar jus á gratidão do morgado a troco de tal bagatella. Alegremente, respondeu na volta do correio: «Se o homem é tolo, tem dinheiro e quer pagar, faça-se-lhe a vontade. Mas dois contos de reis será pouco. Vejam sempre se elle dá tres contos. Não percam a occasião; d'estas apparecem raras vezes.»

O *Cainça*, com aquelles habitos do tempo em que confessadamente mercadejava, habitos que ainda mantinha, embora resolvido a dar os tres contos, e até tendo já determinado este ponto com o dr. Teixeira, foi offerecendo só dois.

Como o doutor sorrisse do ardil, elle respondeu-lhe:

— Você não sabe o que é o mundo. Eu tenho já lidado com muita gente, hein?

Sempre mercante, o brasileiro foi largo no pedir. Concedeu a quantia exigida, mostrando-se comtudo contrariado e allegando, que era só por fazer a vontade ao sr. morgado, mas queria ser barão da Eirinha.

Com isto não se conformou o ministro. «Da Eirinha será muito», respondeu. «Não

tem por ali alguma propriedade que lhe sirva para titulo?»

Por estes tramites, José da Silva, o brasileiro, o filho do *Cainça*, appareceu uma manhã barão do Paço da Eirinha. Ainda manhosa-mente, escolhera a sua quinta do Paço da Eirinha, já de proposito para se assignar Barão do P. da Eirinha, suppressão que com o tempo lhe daria o titulo recusado pelo ministro.

Na villa os commentarios foram dos mais picarescos e galhofeiros, mas na Suarda, conhecida a intervenção do Athayde, ninguem se atreveu a discutir o improvisado fidalgo. Só o tabellião repetia mais uma vez: — Este morgado é muito fino! muito fino!...

bibRIA



## VII

E Helena? Não seria d'ella que tudo estava dependente? Só quem não conhecesse o governo domestico do morgado da Suarda poderia julgal-o. Sem ser destituído de bondade, não reconhecia de portas a dentro outra vontade senão a sua. Sem duvida, os filhos gozavam de grande liberdade; os rapazes caçavam, riam, montavam a cavallo, e as raparigas não se esquivavam a galanteios, já de parentes, ou companheiros dos irmãos quando os visitavam, já mesmo d'alguem da villa, se por ociosidade, petulancia ou ambição, se dava a esse mister. Mas tinham essa liberdade, por ser indifferente ao morgado que a tives-

sem; referia-se a cousas de pouca monta para o seu espirito, absorvido, como sempre andava, com a administração economica da casa. O essencial era não gastar mais do que á sua situação convinha, e darem os rapazes boa conta de si, para alcançarem collocação; quanto ao resto toda a indulgencia; elle mesmo tambem não fugia a peccar. Até a snr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta, tão cortezmente tratada na presença de extranhos, temia o rosto sombrio do marido, se porventura reclamava vestidos para si ou para as filhas. Abastança só a havia na meza; por tradição, por gosto, o proprio morgado comia bem, pela necessidade de tratar dignamente os hospedes frequentes, talvez por vaidade.

No caso actual, porém, a vontade do morgado não podia encontrar em Helena estorvo poderoso, porque a sua fraqueza de animo era completa. D'uma intelligencia estreita, a educação favorecera-lhe o desenvolvimento unico e exclusivo do seu bello corpo, robusto e agil. Até aos doze annos estivera na Suarda, onde uma mestra da villa lhe vinha dar lições de primeiras lettras; depois fôra alumna interna d'um collegio de Coimbra, e aos dezeseite voltou para a Suarda. O pae nunca cuidou da

educação das filhas, pensando sempre que só pelos rapazes era responsavel; e a mãe, na sua natural moleza, não obstante os melhores desejos e as mais puras ambições, nunca soube fazer valer a auctoridade propria, impôndo-lhes disciplina e obrigações, que lhes revelassem a comprehensão dos seus deveres.

Á liberdade da casa paterna correspondeu admiravelmente o collegio de Coimbra. As alumnas de fóra eram as portadoras das cartas de namoro para as meninas internas; nas horas de recreio, as conversações versavam sobre um unico assumpto — amores. Bem cedo, n'uma promiscuidade de todas as edades, cada uma fazia o retrato do seu futuro noivo, contava e commentava as palavras doces que na praia, durante as férias, ouvira aos rapazes do seu conhecimento; para matar o tempo, lançavam-se sortes sobre amores futuros. De fórma que Helena encontrava-se agora, aos vinte annos, tão sadia do corpo, creado em meza lauta e vida ao ar livre, como vasia de sentimentos, que lhe regrassem a conducta moral. Ter marido devia ser excellente; era mais um objecto de gozo, conforme no collegio aprendera. Só bastava que o noivo fosse bonito homem, ainda conforme os preceitos que em Coimbra

lhe ensinaram e o seu temperamento tão expontaneamente acceitava. Ora acontecia por casualidade que o brasileiro, apesar do abuso de brilhantes denunciando affrontosa ostentação, era uma linda figura, formada pelo trabalho physico, mantida pela abundancia, como animal de luxo em mãos de bom palafre-neiro.

O que se passou entre o dr. Teixeira, o morgado e o brasileiro nunca ninguem o soube: mas depois de receber o titulo, o barão começou a frequentar a Suarda com mais assiduidade. Nunca perdia ensejo de se dirigir a Helena, fallando-lhe muito dos prazeres da capital, de luxos e de jóias, com proposito manifesto de tentação. O instincto de commerciante ainda aqui o ajudava. Com o desprezo pela mulher, caracteristico da professional aridez de coração do traficante, só como commercio comprehendia o casamento, e por isso tomava por este caminho, que não podia conduzir-o a mau destino, tratando-se de pessoa tão futil, como Helena.

Uma manhã, o morgado, contra o seu costume, recolheu a casa antes da hora do almoço. Em lugar de se encaminhar para a sala de jantar, dirigiu-se ao quarto de D. Ma-

ria Benedicta, onde esteve algum tempo. O almoço tardou um pouco por esse facto. Sem nenhum d'elles o confessar, pelo espirito de D. Luciana e do capellão passou a suspeita de qualquer cousa extraordinaria. Só Helena com o seu habitual estouvamento, fazendo uma pirueta sobre a ponta do pé e lançando as mãos aos hombros de D. Luciana, disse:

— Oh, minha querida Luciana, o papá hoje não tem fome. Que estará elle a dizer á mamã?! Alguma declaração de amor... Olhe que havia de ter graça...

Mas, quando o morgado entrou com a sua habitual firmeza e seguro appetite, a sala tomou o aspecto normal e a conversação animou-se.

Findo o almoço, D. Maria Benedicta mandou chamar Helena ao seu quarto.

O morgado encarregava-a de lhe propôr o casamento com o barão, proposta que correspondia a uma simples ordem. D. Maria Benedicta, toda em lagrimas, confusa e indecisa pelos contrastes de desejos, de ambições, de prejuizos aristocraticos e de obediencia ao marido, torturada pela falta de energia que lhe quebrava toda a vontade, interrompendo-se



a cada instante, transmittiu á filha o que ao pae tinha ouvido: — «o barão era um bom rapaz, muito rico; hoje não se olhava para a geração de ninguém; demais estava titular...» Em taes dizeres se envolvia a confissão do firme proposito paterno de enriquecer a familia.

A rapariga não se affligiu, nem com a proposta nem com as lagrimas da mãe. Até já conversára no assumpto com a sua amiga Alice que, cubiçando os brilhantes do brasileiro e abdicando um momento do seu romantismo, lhe havia dito: — É um bom casamento, mas não para ti; deves querer mais nobreza.

Serenamente, sem espanto nem reflexão, respondeu á mãe:

— Então!?!... Não se agonie. Se o papá quer assim, é por entender que é bem. Eu, com franqueza lhe digo, não faço tenção de ficar para freira.

— Sim, replicou D. Maria Benedicta, já confortada com este desprendimento, que ingenuamente tomava por bondade: — Sim, o casamento e a mortalha no ceu se talha. Se ha-de ser peor... Deus Nosso Senhor é quem ordena. Na sua vontade está tudo.

Á tarde, no fim do jantar, Helena abraçava D. Luciana, dizendo-lhe risonha:

—A minha tiasinha, depois, também ha-de lá ir á minha casa fazer-me as fatias celestes : . .

—Olhe, sabe o que lhe digo, menina?! respondeu D. Luciana córando de raiva. Sabe o que lhe digo?! . . . Devo muitas obrigações a esta casa! . . . Muitas! . . .

bibRIA

**bibRIA**

## VIII

Pobre Fernando! Lembrava-se bem do dia em que consagrara o seu coração a Helena, — na primeira communhão, por uma manhã de junho, na capella da Suarda. Era Helena, elle e mais tres creanças pobres da aldeia, que D. Maria Benedicta quizera associar-lhes em reconhecimento de humildade, conforme em sua casa lhe haviam feito e ensinado. Tambem, conforme lhe fizeram, mandou estender nos degraus do altar o desbotado tapete de Arrayolos, d'uma belleza suave nas suas tintas esmorecidas; cobriu de rosas e cravos o pequenino throno da capella e accenderam-se todas as velas. A natureza

coroava triumphantemente esta iniciação na vida divina; pela fresta lateral superior ao altar e aberta para illuminar o missal, entravam os raios do sol, que obliquamente cortavam a capella, abençoando a festa. Além da familia do morgado, assistiram só Antonio de Noronha, Maria da Piedade e os paes dos pequenitos pobres. Mas no fim da communhão, quando o velho creado, que ajudára á missa, passou ás creanças o copo da agua, servido na salva de prata, brilhando ao sol com o brazão dos Athaydes gravado ao centro, no meio do rumor dos homens que se erguiam, sentiram-se soluços e enxugaram-se lagrimas: a indeterminada e subdita percepção d'uma segunda existencia, que ia começar para aquellas creanças, deixava vêr, como por entre sombras, as esperanças, as agonias e as bençãos d'esse novo mundo.

Seria a commoção religiosa, inflammada pelo silencio, fulgores primaveris e as palavras solemnes do sacerdote, que incendiou a imaginação infantil de Fernando, acordando-lhe a visão, o sonho futuro da sua vida inteira, revelado n'este momento? Talvez não! nem lampejo de cubiça, nem anseio de gloria terrestre desabrocharam do seu espirito



n'aquella hora; mas sim a primeira realisação da obra architectada pelo pae, o primeiro juramento de lealdade n'uma consagração cavalheiresca. Servir o rei, a patria e a egreja, servir leal, nobre e desinteressadamente, era toda a regra absoluta e unica, em que Antonio de Noronha consubstanciava a educação moral do filho, prégando-lh'a com fé, auctoridade e ardor communicativos; e elle, acceitando-a, esperava o rei e a patria invisiveis, pelos quaes derramaria o sangue. Ao primeiro alvorecer do amor encontrou em Helena o objecto, por que o seu coração anejiava; e ingenuamente confundindo os impulsos do instincto com as lições paternas, fundiu tudo n'uma só vontade, impetuosa e flamejante. Este fogo, lançado por um lado nos serões da casa da Eirinha, nas palestras em que resurgiam as sombras heroicas e as recordações dos combates, e por outro lado traiçoeiramente ateado, nas correrias da quinta da Suarda, nos folguedos á sombra dos carvalhos da azenha, sob o alento da mocidade de Helena e nas caricias dos seus cabellos, irrompia agora n'uma unica labareda, tão impetuosa ao erguer-se, quanto fôra lenta em se gerar.

Desde aquella hora a vida de Fernando

resumia-se em servir Helena. Era para o seu coração o supremo prazer; nem apetecia os dias continuamente passados na Suarda, senão para lhe satisfazer os mais pequeninos caprichos; brincando se ella queria brincar, ou trepando ás arvores para a regalar de fructos. Suspirava sempre por ensejo de fazer acreditar serem suas as muitas diabruras que ella commettia, calcando os canteiros do jardim, ou soltando os gados pelo simples gosto de os vêr correr. Ainda os longos mezes, que durante cinco annos Helena passou no collegio, em Coimbra, não foram para Fernando isentos d'intimo e extranho prazer; vagamente encontrava na saudade o modo de servir a sua amada com a representação constante da sua presença nos logares preferidos por ella; e, alegre por se sentir forte na paciencia e na resolução de trazer, mais do que ninguém, deante dos olhos a imagem querida, servia-a sempre, porque sempre a trazia na lembrança, empregando n'ella todo o pensamento, visto a distancia o prohibir de lhe dedicar todas as acções.

D'aqui resultava ter o rapaz adquirido uma physionomia extranha—doentia tristeza para uns, silencio proprio da estupidez para

outros. Os filhos do morgado, que o estimavam pela bondade, riam-se d'elle, sobretudo da sua brandura. Recusava-se sempre a acompanhá-los nas travessuras, nas caçadas e nos serões, em que perseguiam com boa fortuna as raparigas da aldeia, seguindo as tradições paternas, n'este ponto famosas. Chamavam-lhe o donzel, tão comedido e tímido lhes parecia. O morgado achava-o molle, e D. Maria Benedicta, julgando ter encontrado par ao seu temperamento apathico, vendo-o de modos pausados e nobres, aproveitava toda a occasião de o elogiar pela sua grande delicadeza: D. Luciana, que pela natural revolta de pessoa soccorrida desaprovava a educação livre, dada pelo Athayde aos filhos, nunca deixava de applaudir, exclamando: — Não que este tem tido um pae, que sabe dar-lhe educação!

Esse pae matára no filho todas as energias salutaras, capazes de crear uma organização equilibrada, querendo central-as n'uma aspiração de honra cavalheiresca. No espirito do filho dominava o terror de faltar á sua obrigação, que era para todos os casos taxativa. O despotismo paterno tudo regulára, formalmente, categoricamente.

Por isso Fernando de Noronha nunca con-

fessou a Helena o seu amor. Confessal-o importava a obrigação de casamento, que não se atrevia a tomar, por não poder cumprir-a. Seria uma deslealdade. Lá estavam as severas palavras do pae e as suas continuas advertencias. Tremia; mas não de temor de consciencia, d'uma voz interior: tanto se habituára a trazer associadas as formulas e a imagem severa de quem severamente as dictava, que a obediencia e sujeição eram antes uma especie de medo, quasi coacção physica, o predominio d'uma vontade estranha. Assim, no contentamento de ser fiel e leal, infiltrava-se a mágoa crescente da repressão de todos os impulsos, alheios ou contrarios á regra. A tristeza invadia-lhe a alma, como mancha a dilatar-se.

Não escapou ao pratico bom senso do morgado e á sua experiencia a assiduidade de Fernando junto de Helena, nem mesmo tal união lhe repugnava, por muito respeitar Antonio de Noronha. Via na sua nobreza, como n'um espelho, as fraquezas proprias; e não podia furtar-se a certo receio de condemnação, acceite com humildade, porque intimamente a reconhecia justa. Mas a paixão dos bens do mundo subjugava no seu animo esses

passageiros phantasmas da consciencia; seguindo ávante, como homem de vontade firme, executava o seu plano. Nunca deu importancia á approximação de Fernando e de Helena. Casar não deviam, faltavam-lhes meios para isso; estava bem senhor da sua auctoridade para nada temer. Se lhe passou pela imaginação a possibilidade de que a filha resistisse ao casamento com o brasileiro, por amores com Fernando, logo afastou tal hypothese. Trataria essa resistencia, como perrice de creança. O casamento tinha de fazer-se; era necessario que se fizesse.

# bibRIA



# bibRIA

## IX

No verão, pelas seis horas da tarde, havia d'ordinario uma grande e calada tranquillidade na Suarda. O morgado andava vendo as terras ou vigiando os trabalhadores; os gados estavam na pastagem ou repousados no estabulo; os hospedes passeiavam; e D. Maria Benedicta e D. Luciana mal se sentiam — uma entregue sem ruido aos cuidados domesticos, e a outra ou muito fidalgamente preocupada com devoções religiosas ou recolhida nos seus aposentos, ora bordando mantos para as imagens, ora urdindo rendas finas com as mãos mimosas. Só ao cair da noite o solar se animava; na dispersão entre o fim

do jantar e a ceia, a casa parecia abandonada. Se alguém entrava ou sahia, os passos despertavam um breve sussurro no saibro e nas folhas seccas que juncavam os pateos. Era tudo. Nem o latido dos cães lhe respondia, porque tinham seguido os creados na sua faina.

Quantas vezes Fernando de Noronha alli entrára, por acaso, a taes horas! Pois esse silencio e a paysagem que o envolvia e o encerrava, qual involucro rico guardando luxuosamente joias caras, haviam hoje de se lhe gravar na memoria para nunca mais serem esquecidos; haviam de lhe ficar na lembrança, como prenuncio terrivel de suspeitas e ameaças tenebrosas, quando eram unica revelação magestosa da serenidade augusta da natureza. Mas o nosso espirito é assim; na sua dôr estende a injustiça dos homens ás coisas; cuidando advinhar uma surda conspiração nos objectos mais familiares, augmenta-nos a amargura do coração, quasi sempre filha da nossa loucura ou da nossa culpa.

As aguas ainda correm abundantes; vão descendo mansas pelos minusculos ribeiros que sarjam as encostas da Suarda, entre hervas altas, curvadas, oscillando ao pezo das semen-

tes, mas ainda tenras de frescura. Desprendem-se da videira os ultimos aromas da flôr; já a cilindra se desfolhou, e começam as rosas a murchar; cruzam-se no salgueiro as laminas de prata; o choupo treme, viçoso e tímido, nas brizas da tarde. Além do campo, no pinhal, quasi ao fundo da encosta, onde os carvalhos bracejam soberbos e protegem os fetos, aqui frondosos, ora humildes, altivos ou modestos, arrastados sempre pela sombra — n'aquelles bancos de azulejo que um antigo senhor, amigo de luxo, alli fizera construir, conversam Helena, a mulher e a filha do major Albergaria, um filho do juiz, que está na Eirinha a passar as ferias e segue Alice com leviana insistencia de homem ocioso. O capellão tambem alli está, de pé, pouco afastado, conversando com o dr. Teixeira, que gesticula com largueza victoriosa, como quem vê deante de si grandes façanhas realisadas, e horisontes largos por onde se espraia.

Todos estão contentes. O capellão acha optimo o que o morgado julga bom, e o doutor sente-se possuido d'uma alegria infinita: não lhe parece impossivel, senhor do brasileiro e firmado em tal bordão, vir a ser o maior influente do circulo, deputado, talvez ministro.

Helena falla do seu casamento; caso tão facil e vulgar, como a festa do Sagrado Coração de Jesus. No seu espirito tudo degenera em futilidade. O casamento representa-se-lhe á imaginação pela meza bem posta, muitas luzes no altar, flores, rendas e setins, bulicio, movimento e valsas até ao romper do dia.

— A menina está uma creança . . . dizia-lhe D. Rufina, a mulher do major.

— O essencial é saber, se elle terá por ti o amor que dá felicidade, accrescentou Alice. A riqueza não serve de nada, minha querida.

No fundo, atravez o romantismo, a Alice não podia furtar-se á inveja do dinheiro do Silva.

— Não, não se afflijam, respondeu Helena. Eu vou dizer ao certo se é bom ou mau. Querem vêr? . . .

Abaixou-se e apanhou uma flôr de malmequer.

— Malmequer, bem me quer; mal me quer, bem me quer . . . mal me quer!

— Não vale! accudiu o filho do juiz. É preciso perguntar tres vezes.

— Então lá vae! . . . Segunda! Mal me quer, bem me quer; mal me quer, bem me quer . . . bem me quer! . . .



— Ah! exclamaram. Agora sim!

— Terceira!... Agora é que se vae decidir a minha sorte, continuava Helena. Mal me quer, bem me quer; mal me quer, bem me quer; mal me quer!... É o mesmo! concluiu vivamente, rindo-se com alegria. Deixal-o! Também eu não me importo com elle. Amor com amor se paga. Não é assim, D. Rufina?...

— Eu, como fui muito feliz, graças a Deus, não lhe sei dizer nada, minha menina.

N'isto approximava-se Fernando de Noronha. Vira-os do alto da quinta. Vinha juntar-se-lhes.

Ninguém dava importancia na Suarda á intimidade de Fernando e Helena; e todavia todos se calaram. Houve um pressentimento, uma revelação instantanea e indefinida, de que uma nuvem se formava. Ninguém reflectiu, e todos se encontraram instinctivamente conformes para mudarem de assumpto.

— Então só a esta hora?! perguntou o filho do juiz.

— Não sahi cedo e vim muito devagar. Reccei o calor. Afinal a tarde está agradável. Levantou-se esta aragem do norte...

— Pois já aqui tínhamos estranhado a

sua falta! Veja, como estas meninas lhe querem.

— A mim . . . não as mereço. Só se fosse pelo desejo de as servir . . .

— Quer que o elogiem. Hoje não . . . tem paciência, disse Helena. Vamos até á azenha, vêr se as nesperas estão maduras.

O caminho era quasi plano, a meia encosta, descendo ligeiramente, ladeado por uma valla, n'este tempo abundante de flôres. Helena abaixou-se para as colher, e pediu a Fernando que lhe trouxesse uma grande centaurea azul, d'além da valla; entretanto, atravavam-se dos companheiros que iam caminhando sempre. Tão estouvada e indiscreta, sentia uma extravagante fraqueza perante Fernando. Não se atrevera a fallar-lhe no casamento na presença de extranhos, e agora mesmo hesitava, afastando o instante de pronunciar a primeira palavra; e comtudo sentia pressa de lh'o communicar; desusado tremor a affligia. Na inanidade do seu espirito houve um momento de amor, talvez a magoa pela crueldade que, de subito suspeitou, ia commetter. Então brutalmente, como quem n'um esforço desesperado alija o fardo esmagante, quando se ergueram de apanhar as

flôres e elle veio para junto d'ella, fitando-o, disse-lhe com a voz levemente velada:

— Fallaste com minha mãe?

— Não, porque?

— Ainda não sabes nada?

— Não, não sei.

— Estás a brincar . . . Já toda a gente o sabe . . . E sorriu.

— Não sei! — respondeu elle, julgando pelo sorriso, que se tratava de qualquer das suas habituaes brincadeiras.

— Sabes . . . o brasileiro quer casar comigo?

— E tu?! . . .

— Eu . . . se meu pae insistir, que lhe hei-de fazer?

O rosto de Fernando cobriu-se d'uma palidez d'agonia.

Helena, vendo-a, apressou-se a accrescentar:

— Não ha nada decidido. O pae quer; mas eu não gosto d'elle. Não gosto d'elle! . . . Não sei porque . . . Não é um homem fino!

E Helena dizia isto com a voz tremula e os olhos rasos de lagrimas.

No coração da mulher, ainda o mais arido, brilham de vez em quando lampejos de pie-

dade e amor. Este era talvez um d'elles; luz ephemera que a inconsistencia moral não deixaria durar, e morreria á falta de alimento, mas ainda assim luz pura.

Fernando ouviu-a sem poder articular uma palavra. A dôr paralytava-o. Nem um só musculo lhe estremeceu. Apenas o sangue se lhe precipitou no coração com tamanha violencia, que um frio mortal lhe envolveu o corpo. Depois, ao accordar d'este instante de perturbação, viu as sombras que se estendiam sobre o ribeiro, a escuridão da azenha coberta de heras, umas manchas de sol nas glycinias da varanda, lá em cima, sobre o jardim, e ouviu uma voz conhecida a dizer-lhe:

—Logo conversaremos. Agora não. Esta gente julgará que andamos com segredinhos.

Não era timidez, mas cobardia. Helena, como todas as creaturas moralmente fracas, procurava assim libertar-se d'um momento oppressivo. Desde que o amor a magoava, não podendo sentir os prazeres da propria magoa, mudava de rumo. O egoismo reagia. E talvez por isso, por virtude do dominio d'essa estreita animalidade, conservava uma belleza e juventude que nem os vinte annos indicavam.

A exaltação morbida de Fernando a tudo

se communicava. Não podendo comprehender o que dentro de si não existia, imaginava as almas dos outros á semelhança da sua. Suppunha Helena victima do despotismo paterno, e o seu riso o mesmo com que os martyres christãos corriam ao supplicio. As lagrimas atraçoavam-n'a, e elle para lhes corresponder, sentia-se armado cavalleiro. Enxugal-as-ia pelo esforço, combatendo. Era chegada a hora do heroismo, havia encarcerados a libertar; quasi a abençoava... As aspirações, com que a educação paterna lhe sublimára o espirito, encontravam aqui o seu campo de batalha. Com que serena alegria e nobre orgulho dirá a Helena:— És minha, resgatei-te, não precisas do ouro vil do plebeu. Venci. Salvei-te!

Quando chegou a noite e todos se reuniram no salão da Suarda, a agonia transformara-se em esperança tão viva, que pelos olhos do apaixonado cavalleiro só passavam quadros de triumpho.

O brasileiro veio tambem ao serão. Fernando viu-o approximar-se de Helena e intimamente sorriu desdenhoso ou antes piedoso, com a generosidade propria dos vencedores.

Na verdade, uma só cousa lhe pesava,



como culpa de deslealdade e fraqueza, ou como acto de cobardia. Já desde muito notára as denguiças do brasileiro na presença de Helena e por vezes sentira mordeduras de ciúme. Que fraqueza e que offensa!... Fraqueza por admittir a supposição de ser vencido; offensa ao incorruptível amor da sua amada, ha pouco com os olhos arrasados de lagrimas candentes.

Tudo resgataria! Nos montes ao longe, para lá do rio, que a lua começava a illuminar magestosamente, e nas mysteriosas nevoas cobrindo os valles, ouvia-se o fragor de clarins e tambores, chamando á peleja. Abençoados! Esse arder, recalcado no seu peito moço, ia desabrochar em fulgurações sublimes. As montanhas, o arvoredos e as aguas, para que tantas vezes olhara indifferente, sorriam-lhe agora, fazendo o cortejo d'um pendão glorioso.

## X

Antonio de Noronha, como o morgado da Suarda, costumava madrugar. Não só o seu temperamento nervoso se contentava com um somno breve, mas também gostava de ir á quinta das Pontes ordenar o trabalho de cada dia e seguir os creados. Ao atravessar as ruas da Eirinha, pelas frias manhãs de inverno, ou pelo orvalhado romper dos dias do estio, á hora em que se corriam os fechos das lojas e caminhavam ao mercado as cestas de hortaliças frescas, colhidas ao alvorecer, julgava cumprir grandes deveres de senhor rico. Não resistia a esta vaidade. O dominio da terra era para elle uma condição de nobreza; por

isso essas poucas geiras, denominadas a quinta das Pontes, com os mattos, as vinhas e o estreito ribeiro, adquiriam aos seus olhos valor d'um condado.

Na verdade, a adega reduzia-se a duas vasilhas de vinho, nos melhores annos; o celeiro encerrava-se em poucas velhas arcas de castanho; os mattos e o pinhal eram umas courellas muito desbastadas pela necessidade de continuados cortes de lenha para a casa; dois creados e uma junta de bois faziam toda a cultura. Trabalhadores de fóra eram poucos, raras vezes se precisavam; pelas vindimas, na colheita do milho, nas cavas, e só muito excepcionalmente em outras occasiões. Mas tinha os seus creados, as suas terras, as suas rendas, tinha em quem mandar e que recolher: esta sombra de dominio e independencia bastava para produzir a illusão d'um poderio, cuja perda seria, nos seus ingenuos prejuizos de nobreza, humilhante aviltamento.

Tambem Maria da Piedade queria muito a esses pedaços de terra. Davam emprego á sua actividade e via n'elles uma infinita riqueza, a fonte do pão de cada dia. Administrava-os com zelo. Nunca o jantar faltou aos trabalhadores, na cesta aceiada, coberta da

forte e branca toalha de linho, nem a chave da adega lhe esqueceu na porta, nem a mão se descuidou na salgadeira ao talhar as rações. Eram os seus brios, as suas cartas nobiliarias. Com sereno e legitimo orgulho podia dizer, e de facto dizia: — Graças a Deus, creio que não tenho dado prejuizo a esta casa!

Fernando erguia-se tarde, porque vinha tarde da Suarda, quando lá não dormia, empregando-se sobretudo no serviço do morgado; por isso quasi nunca acompanhava o pae, que não lh'o levava muito a mal, não só por observar com alegria aquella permanente boa vontade de auxiliar os estranhos, mas ainda, vivendo em grande estreiteza de meios, não se furtava á triste apprehensão, de que ao filho seria difficil manter a casa. Os foreiros da Mulata pagavam mal e o principal rendimento era d'ahi. O dr. Matheus aconselhava-lhe que os demandasse, mas temia as demandas; eram caras e interminaveis. Futuro incerto! E a restauração do seu rei tardava tanto... Afflicções, porém, se as havia, supportavam-se com coragem. N'esse casal da villa da Eirinha, a vida toda cheia de dignidade parecia correr tranquilla.

Não sem surpresa, na manhã immediata

áquella tarde, em que Helena communicou a Fernando de Noronha o pedido de casamento do brasileiro, vamos encontrar o desventurado rapaz a pé, alta madrugada, dispondo-se a sair.

—Tão cedo, Fernandinho?! perguntou-lhe Maria da Piedade com a habitual e carinhosa intimidade. Nem o pae ainda se levantou!

—Não dormi bem e quero dar um passeio, respondeu embaraçadamente, olhando para a escada.

—É verdade!... parece que o acho tão descorado... Era melhor tomar uma chicara de café. Ir assim para a rua...

—Não, não... estou bem... continuava elle, sempre com os olhos pregados nos degraus, sem se atrever a fitar Maria da Piedade, ancioso por fugir, mal contido pelo desejo de não magoar a creada e pelo receio de revelar a angustia.

—São esses serões em casa do snr. morgado!... Deus me livre de ceias. Olhe, se o senhor seu pae é capaz de tomar alguma cousa á noite?!...

—Não foi isso, não foi isso!... Logo, estou bom. Verá! Não se afflija... Até já, até já.



E quasi risonho, tamanha era a impressão dos maternas cuidados da creada, desceu ligeiro.

Precisava respirar. O ar e a luz da manhã davam-lhe força e vigor. Acordava dos sonhos de heroismo, que toda a noite lhe embalaram o pensamento febrilmente inquieto. Ia agora reflectir, determinar o plano da empreza. Para onde se encaminharia? pensou ao sair de casa. Para cima? ... Não; para não passar na Suarda áquella hora. Haviam de o estranhar. Para os lados da fabrica? ... Também não, que o movimento ali era grande e n'este momento aborrecia-o. Pela estrada da beira do rio? ... Era a melhor, por ser a mais deserta.

D'alli a pouco, longe da villa, n'um recanto d'arvoredo mais espesso, rememorando e coordenando as phantasias, persuadia-se de que pensava com absoluta serenidade.

Impunha-se antes de tudo assegurar uma posição economica independente. Só então poderia propôr ao morgado o casamento com Helena. Não duvidava d'ella, julgava-a prompta a todo o sacrificio, mas temia o pae, friamente ambicioso. E depois, também não era digno sacrificar-lhe ao seu amor... Queria

viver para ella, libertal-a pelo esforço, dando-lhe os regalos que a adoração cubicava, não porém vêl-a humilhada na pobreza, mortificada. Deslealdade!... Assim, rebaixando-a, atraíçoiaria a sua missão.

Mas em que empregar-se? não havia tempo a perder... Provavelmente o brasileiro insistiria por um compromisso formal, e a Helena só restava obedecer á vontade do pae. Pobre Helena! A resignação aureolava-lhe a gentileza do corpo, santificava-a, e a piedade juntava-se agora aos extasis da admiração. Carecia contudo não deixar o pensamento perder-se n'estes sonhos, a que a chimera o levava. A hora coagia ao combate. Dentro em breve tinha de apresentar-se na Suarda e offerecer a Helena uma situação a par dos pergaminhos. Sentia perto os passos traíçoeiros do animal, buscando a presa. Qualquer demora podia ser a derrota.

Se ouvisse o conselho d'alguem... O seu espirito fraquejava, implorando soccorro. Não! não devia ser. A elle só cumpria salvar-a. Toda a intervenção estranha empanava a grandeza do feito. Todavia talvez tivesse obrigação de consultar o pae... Dúvida terrivel! O dever enlelava-se na paixão;

não se distinguíam os limites d'um, nem o começo da outra. O coração pedia-lhe afflictivamente actos heroicos. Para que? Para gloria sua ou para salvação de Helena? Para a remir humildemente, como o Crucificado, ou para se envolver em fumos de triumpho, como um Cesar? A propria grandeza da ambição obrigava-o a concentrar-se nas forças proprias e a afastar o auxilio dos outros. E assim devia ser. Talvez o dr. Matheus pudesse valer-lhe!... Tão intelligente e bom, tantos lhe batiam á porta... Não! Delirava. Ninguém mais, só elle, ha-de resgatal-a. Via-a, como n'um incendio, proxima a ser carbonisada; queria, cobrindo-se até de queimaduras, arrebatá-la á morte; queria-a por direito de conquista, não por esmola alheia.

Mas como?! Onde trabalhar, onde offerecer os braços? Era pela via dolorosa das humilhações que a victoria tinha de realisar-se? Só mendigando collocação, crearia o tecto e o ninho para abrigar a sua amada? Quanto a realidade estava cruelmente distante dos sonhos! O amor, a lealdade, a nobreza, que lhe pulsavam no peito, de nada valiam; sem preço n'este mundo, não davam o pão e a

independencia. Terra ingrata! Para vencer precisava curvar-se, para pelear não servia a espada. Terá de caminhar, de joelhos, ras-tejando. Revoltava-se, mas o destino sorria satanicamente, impondo-se, dominando com satisfação ferina todos os arremessos do cavalleiro.

Havia um meio! . . . Contemporisação, reconhecia córando, contemporisação em que comtudo a generosidade alcançava a melhor parte, não simples negocio, mas verdadeira solidariedade de acções ñobres. Se elle descia pedindo, outro se elevava concedendo; como ambos procediam em plena consciencia dos seus deveres, o acto lavava-se de qualquer vileza. A casa do fidalgo de Fornos ainda era grande. Iria a Lisboa propôr-lhe o arrendamento de todas as terras, confessando a sua situação; plantaria vinhas, arrotearia terrenos; fazendo a fortuna do proprietario, conquistava ao mesmo tempo a sua felicidade e a de Helena, dando-lhe um palacio para ella habitar, ao abrigo das arvores seculares, que só por si testemunhavam soberba grandeza.

N'este pensamento voltou a casa.

— Então? Está melhor, Fernandinho? perguntou a Piedade.

— Muito melhor! E até com vontade de almoçar...

— Bem se vê. Agora já o acho com outro parecer; de manhã... credo! Essas noitadas não podem fazer bem. Uma vez por outra, vá, como o senhor seu pae. Mas todos os dias...

— Lá vem vocemecê ralhar-me!...

E fitava-a, sorrindo com segurança, como quem se sente na mais firme e despreoccupada tranquillidade.

Findo o almoço, sentia necessidade de repouso. A serenidade de espirito, succedendo a uma noite inteira de agitação, dominava o cansaço, quasi a prostração. Adormeceu profundamente, e em casa não se sentiram, durante algumas horas, senão os passos cautelosos da Piedade, preparando o jantar.

Quando acordou, a perturbação resurgiu. O plano não deixava de lhe merecer confiança; levantavam-se todavia obstaculos. Precisava em primeiro logar ir a Fórnos, entender-se com o procurador do fidalgo. Para isso tinha de sair no caminho de ferro. Era impossivel fazel-o, sem que se soubesse, n'uma villa tão pequena; e não descobria como explicar em casa semelhante jornada. Depois, o pae...



Que singularidade não lhe ter fallado no casamento de Helena! Porventura adivinhou o seu amor e temeria magoal-o? Estranhava este silencio e reserva.

Corou de pudor; tremeu de novas duvidas. Seria aquillo a vida heroica, a vida de lealdade, a que consagrara a sua alma sob a inspiração das severas lições paternas? Dissimulava, mentia, sem coragem de confessar a tempestade que lhe dilacerava o peito! ... Deslealdade!

Mas o amor tudo sanará. Embora para muitas das hesitações não encontrasse solução sufficiente, continuava o caminho, aguilhoado por uma força mysteriosa. Havia na estrada cardos que rasgavam as carnes? Poder mais alto o impellia; o passo não afrouxava.

Chegou a hora de jantar. Era forçoso encontrar-se com o pae. Nada dirá, senão que tivera um ligeiro incommodo. Depois, passearia; e á noite tinha o comboio para Fórnos: até então pensará, como explicar a jornada. Tambem sentia vivo desejo de vêr Helena, mas não ha-de ir á Suarda: não voltará lá sem lhe poder dizer que é livre, para ella não partilhar das suas agonias; queria só associar-a ao jubilo do triumpho.—Pobre

Helena! pensava; como deve soffrer! Aquellas amargas lagrimas, que lhe foldaram os olhos, quanta dôr occultavam! D'essa imagem, reapparecida a cada instante e desenhando-se com nitidez nos logares da confissão que o enlouquecia, tirava coragem inexgotavel.

Perto da noite, depois de vaguear toda a tarde, encontrava-se na estação do caminho de ferro, embora não tivesse descoberto razão justificativa da jornada. O melhor será mandar aviso que sahia e voltava no dia seguinte; entretanto occorrer-lhe-á explicação accetavel. O pensamento fixava-se obstinadamente n'este ponto, figurando-se-lhe por momentos ser a questão capital da sua vida. Um nada, reconhece, uma futilidade, facil de resolver; mas convertendo-se em obsessão, perseguia-o com tenacidade tanto mais angustiosa, quanto mais a solução tardava.

Entrou na gare escura e deserta. A um carregador que passava, com a blusa azul enxovalhada de negras manchas d'azeite, perguntou:

— A que horas vem o comboio para Fórnos?

— Ás nove, respondeu o outro seccamente,

sem parar, continuando a bater o asphalto com a pregaria dos tamancos.

Na verdade, elle bem o sabia, teve porém n'este momento a impressão da estranheza da sua presença alli, n'aquelle instante e quiz encobril-a com uma pergunta, que suppunha ignorancia ou equivoco.

Quando o carregador se afastou, olhou em volta de si. Debaixo da sineta, descobriu um banco. Sentou-se. Estava fatigado; andára toda a tarde.

Muito de mansinho, com esforço lento, abriu-se a fresta da porta do telegrapho. Era um gato medio, tigrado, que procurava safar-se.

O gato veio, parou um instante; depois, saltou ligeiro para o banco, dorso arqueado, a cauda erguida e tremula, a encostar-se a Fernando, afagando e pedindo afagos. Fernando pousou-lhe a mão sobre a cabeça, com instinctiva gratidão. Estes afagos caridosos do animal desconhecido suavizavam-lhe o desamparo; talvez esperanza, bom agouro do futuro. Quasi esquecido da sua cruz, repetia os afagos insistentemente, entregando-se a uma familiaridade cada vez mais intima e consoladora.

A illusão pouco durou. Sentiram-se passos leves, descendo; na gare appareceu o chefe da

estação; e, enquanto elle, aprumado, baloiçando a lanterna, passava cumprimentando gravemente Fernando, — Muito boa noite, snr. Noronha! — o gato, n'um pulo, deixou o banco e correu a seguir o dono.

Começavam a aparecer na sombra vultos arrastados, vagarosos, de aldeões. Accendeu-se o primeiro lampeão lá no extremo; em seguida, o segundo, o terceiro, ainda um outro; e por fim todos em linha, protegidos do vento pelos globos de vidro, illuminaram a gare.

Com a luz exterior pareceu illuminar-se a consciencia de Fernando. Que desvario! Nada dissêra em casa, andava louco, fugido, errante. Nem sequer pensára em comprar bilhete! E já tanta gente na gare!... Por certo, eram horas. Ouviu-se longe um surdo ruído metallico. O comboio entrava na ponte. Santo Deus! Que pavor! Que indomavel tentação de fugir! Ai! Era um monstro que vinha devoral-o. Não, não podia ser! E os seus pensamentos, e projectos?!... Tudo se pulverisava, dissolvido n'aquella escuridão, e no clamor que se approximava, crescendo assombrosamente, da banda dos pinhaes. Uma nuvem de fumo vermelho, desprendida da machina, allumiu ao longe as arvores á borda

da via ferrea. Fernando, vendo-a, como penetrado d'um terror de ameaça, fugiu a furto, devagarinho. Ao dobrar a esquina da estação, olhou para traz. Estava no escuro; era certo, ninguém o via. E tomou pelo carreiro deserto, que da estrada ia ter ao caes das mercadorias.

Foi andando, distraído, com a impressão d'extraordinario allivio. Repousado, como se escapasse a grave perigo, sentia-se senhor d'uma liberdade, que com incerta reminiscencia estivera em risco de lhe ser roubada.

Às dez horas encontrava-se em frente das fabricas da Oliveirinha.

A casaria extensa, agglomerada na encosta, olhava o valle pelos seus innumeros olhos — janellas em linha, illuminadas; o ruido dos fusos e dos teares vencia o sussurro da agua, espadanada nas levadas; e o rouco compassado arfar da machina a vapor dominava a desordem, como a consciencia soberba d'um dragão voluntarioso. Nova voz, vinda d'aquelle tumulto infernal, derramava na alma de Fernando consoladora esperanza. Parou alli, reflectindo tranquillamente.

O primeiro plano era louco, considerava agora. Como se lhe formára essa ideia de ir para Fórnos? Nem elle o sabia. Desvaira-



mento que procurava explicar pela anciedade! Em primeiro logar o marido da senhora de Fornos, jogador, não tardaria a vender todos os bens. Muitas vezes ouvira isso ao pae. E depois, onde descobrir dinheiro para restaurar o palacio e explorar as terras? Pobre, só podia contar com os seus braços. Os haveres do pae mal lhe chegavam para viver. Demais, commetteria grande falta, pedindo sacrificio não devido, se exigisse d'elle qualquer participação na sua angustia. Bemdizia esse momento de pavor, que o afastára da estação do caminho de ferro. Poupeu-lhe passos baldados, e a vergonha de revelar inutilmente a afflicção. Abençoada hora!

O caminho era outro. Por subita inspiração, via-o deante de si, rasgado em feitiçeiros bens, e d'esta vez com segurança inabalavel.

O principal proprietario das fabricas era, de facto, um negociante chamado Santos, estabelecido na villa. Os seus capitaes avassalavam tudo, operarios, fidalgos e burguezia: — fortuna difficil de calcular, e poderio indisputado.

Esse homem, imaginava Fernando, não carecia de dinheiro, mas de braços. Elle

estava novo, queria trabalhar, irá offerecer-se-lhe. Para que? Para fundarem uma nova fabrica. Não era certo o que lia nos jornaes? O paiz tinha toda a sua industria a crear e a desenvolver; depois os caminhos de ferro desentranharão magicamente os thesouros perdidos nas provincias. Actividade, iniciativa, eis o que se pede. E elle alli estava, cheio de coragem, firme, prompto para tudo.

Antecipadamente sabia ser bem acolhido. O Santos, ambicioso insaciavel, exultará com uma collaboração tão dedicada e desinteressada. Não precisava de muito, apenas do bastante para manter Helena n'aquella situação, exigida pela nobreza. Sentia mesmo intimo orgulho em trabalhar assim para os outros, fosse para quem fosse. A isenção justificará a deslealdade á sua classe, se deslealdade havia, como suspeitava. Os sentimentos nobilitariam o mercantilismo, por natureza vil.

Quando na manhã seguinte se ergueu, depois de longas horas de pesado somno, que sensação de vigor e frescura! Chegára talvez o dia de poder annunciar a Helena a sua libertação. Dentro em pouco, tudo estaria resolvido. Só na impaciencia lhe

tardava o bater das dez horas, designadas por elle mesmo para a visita ao Santos... Via o relógio repetidas vezes, implorando-o. Entretanto vestia-se como em dia de festa; o coração trajava galas, e instinctivamente conformava com o animo alegre a presença exterior.

O Santos morava n'uma rua estreita, tortuosa, escura, calçada de seixos desiguaes. Nascera alli, tinha-lhe amor, dizia elle. A casa não era melhor, mas também não a reformava nem a abandonava, porque habituado aquillo, faltava-lhe tempo para se metter em obras; muito estreita e comprida, com duas unicas portas sobre as quaes se abria uma sacada, toda a parte inferior occupava-a a loja e o armazem, em que se accumulavam saccos e barris; a um lado, os degraus moidos e sebosos da escada que conduzia ao primeiro andar.

— O snr. Santos? perguntou Fernando de Noronha ao caixeiro, atarefado a retirar os pesos da balança na presença dos freguezes, pasmados do movimento.

— No primeiro andar, no escriptorio. Faça o favor de subir.

— V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença? disse Fernando,

proximo da porta do escriptorio que estava aberta.

— Entre, quem é, responderam de dentro.

— Oh! o snr. Noronha! Queira V. Ex.<sup>a</sup> perdoar... Não tinha conhecido... Então, como vac?

— Muito obrigado; e V. Ex.<sup>a</sup>...

— Rheumatismo que farte... Aconselham-me S. Pedro do Sul. Mas eu, para lhe dizer a verdade, nem descanso tenho para me tratar. E o senhor seu pae, como passa?

— Esse, bem...

— É um homem muito rijo! Eu quando vou á fabrica, é raro não o encontrar. Sempre a pé! Muito rijo!... Outras febras que não são as do nosso tempo!... Ora V. Ex.<sup>a</sup> dá-me licença de fallar aqui com este meu amigo e já conversamos. Faça-me o obsequio de se sentar... É um instante! E desculpe-me?...

— Oh! por quem é...

Aproveitemos esta pausa para examinarmos o escriptorio do principal capitalista da Eirinha.

Os vidros embaciados de teias de aranha e poeira, nas paredes um papel desbotado a indicar ter sido aqui em outros tempos a sala

de visitas, ao centro uma carteira de vinhatico, que desaparece inteiramente sob a multidão desordenada de cartas, contas e livros amarellecidos e profusamente semeiados de borrões de tinta, umas estantes velhas por onde se estendem mais livros e sujos papeis esfarrapados, um escarrador com pontas de cigarro ao lado da carteira, um escabello de pinho e duas velhas cadeiras de couro,— eis toda a simples e harmonica decoração d'este cubiculo infecto.

O Santos é um homem alto, de suissas cortadas rentes e bastante cabelo preto, apesar dos seus cincoenta annos. de rosto quadrado, queixo breve e firme, labios delgados, fronte elevada; os olhos, feição caracteristica, de tão desmaiado azul mal se percebem atravez das largas lunetas. Deante d'esta physionomia de linhas masculas, fica-nos a impressão d'uma grande força, de grande energia mas cega, qualquer cousa de indefinido e inconoscivel, com ausencia de illuminação communicativa. Não tem lampejo ou brilho de odio nem de amor.

Arranjou a fortuna d'uma maneira sabida. Começou por adeantamentos de generos aos operarios com juros nunca inferiores a vinte por cento; foi empregando os capitaes em



acções das fabricas, e desde que lá conseguiu influencia, fez-se o principal gerente. Tudo lhe passa pelas mãos e de tudo tira proveito. A sua unica moral é enriquecer, cerrando todavia compungidamente os olhos, quando se refere aos operarios, — Para ajudar essa pobre gente, coitadita! — e sabe encarecer o seu trabalho; se não fosse, diz elle, o amor áquellas officinas, por as ter creado e darem de comer a tanto povo, já ha muito tempo as deixára. Uma vida de negro! Não vale a pena! . . .

Nunca falla, nem explica, porque aos quarenta annos casára com uma mulher de sessenta e cinco, viuva d'um agiota, rica e horrenda, que por extraordinaria ventura morreu volvidos dois annos, deixando-lhe tudo. Pois não foi a menor das causas da sua fortuna!

Despedido o guarda-livros da fabrica, de quem estivera recebendo umas contas, miudamente examinadas e conferidas, voltou-se para Fernando de Noronha.

— Estou ás ordens de V. Ex.<sup>a</sup>!

E sem interrupção, enquanto Fernando se approximava da carteira, continuou:

— Parece-me bonita aquella quinta do senhor seu pae! Quando vou á fabrica, vejo-a

muitas vezes, quasi sempre passo pelo carreiro do pinhal para encurtar. O rendimento é que talvez não seja grande . . .

— Meu pae fal-a por sua conta; por isso não se póde bem calcular . . . Produz todavia ainda umas trezentas medidas, e duas ou tres pipas de vinho . . .

— É foreira?

— Não, felizmente!

— A casa . . . parece-me em mau estado.

— Abandonada por completo.

— Pois é pena; aquella construcção não é má.

— Sim . . . mas V. Ex.<sup>a</sup> bem vê, o rendimento não dá para luxos.

— Ah! d'accordo, d'accordo, sobretudo pelo preço a que a propriedade chegou . . . A minha rende-me, quando muito, dois por cento. E que inquietações! Não imagina . . . Compro, d'ordinario, para salvar alguma cousa de qualquer divida mal parada, por me vêr obrigado; d'outro modo não queria um palmo de terra!

O Santos calculava que Fernando de Noronha viesse para algum emprestimo. N'essa fé e na esperança de mais uma hypotheca, inquiria da propriedade, tratando já de a de-

preciar. Mas Fernando, na sua impaciencia, não o deixou alongar-se; mudando d'assumpto, começou:

— Ora eu não quero roubar muito tempo a V. Ex.<sup>a</sup> . . .

— Não calcula . . . suspirou o Santos.

— E vou desde já dizer-lhe o que me traz aqui . . .

— Estou ás suas ordens, não só por V. Ex.<sup>a</sup>, mas por ser filho de quem é. Respeito muito o senhor seu pae!

— Muito obrigado . . .

— Sem favor! É na realidade um homem que me enche as medidas.

— Muito obrigado . . . Eu vinha aqui para propor um negocio . . .

— Perdão . . . interrompeu o Santos, levantando-se e dirigindo-se á escada.

— José, gritou para baixo. Então aquella letra?!

— Já lá fui duas vezes. Ainda não pagou!

— Pois volte lá e diga-lhe que o espero até ás tres horas. Se não vier, leve-a ao escriptorio para protestar. Não tem vergonha! . . . murmurou com enfado.

— Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup>, disse para Fer-

nando. Só o tempo perdido com os desleixados . . .

— Imagino!

— Não pagam senão assim! . . . Mas dizia V. Ex.<sup>a</sup>? . . .

— Como sabe, recomeçou Fernando, estou novo e sem posição. A fortuna de meu pae é pequena; preciso de trabalhar.

— Faz muito bem. Eu não sei como ha gente que póde passar a vida sem fazer nada . . . Deus me livre!

— Lembrei-me de me dirigir a V. Ex.<sup>a</sup>, pois tendo capitaes e negocio muito variado, talvez . . .

N'isto assomou á porta um lavrador, pobremente trajado. O Santos, sem esperar que elle fallasse:

— Vinha por causa da continha, não é verdade? . . . São oito por cento.

— Mas é que . . .

— São oito por cento. Vocemecê não ignora o nosso tratado: cinco, vindo no dia; dez, faltando; levo-lhe a oito, já é caridade.

— Mas só passaram quinze dias, estive á espera que me pagassem o trigo . . .

— Hoje são quinze dias, amanhã serão

quinze mezes. Habituem-se a ser pontuaes, como eu faço.

—Ao menos sete... por esmola... se V. S.<sup>a</sup> quizesse.

—Já lhe disse! São oito. Vá lá abaixó e o José que lhe faça as contas! Está a gente a favorecel-os e ainda querem mais!...

—Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup>... continuou dirigindo-se a Fernando, enquanto o pobre devedor se retirava lentamente. Foi para não demorar...

—Eu tenho pensado que, dando eu o meu trabalho e fornecendo V. Ex.<sup>a</sup> os capitaes...

—Sim, já comprehendo, atalhou serenamente o Santos, uma sociedade. Mas para quê?

—V. Ex.<sup>a</sup> melhor saberá o que lhe convem.

—Com franqueza, meu caro senhor, como negocio, eu já lhe diria que não acceitava. Não tenho um momento de meu, estou velho e preciso de descansar. Mas para vêr como aprecio os seus sentimentos...

Um caixeiro pallido, de cabello intonso, subiu com passo ligeiro a escada. O Santos olhou para a porta e interrompeu-se, a ouvir-o.



— Está alli o Figueiredo; vem dizer que se lhe fizessemos um abatimento de 40 reis em sacca, ficava com tudo.

— Não, senhor. Diga-lhe que lhe abato 30 reis. E se elle quizer, accrescentou em voz mais baixa, acenando com a cabeça ao rapaz para se approximar, dê-lhe metade do de segunda, entendeu?...

E, quando o caixeiro descia o primeiro degrau:

— Olhe que a saccaria volta, disse muito alto. Não haja engano. É sempre isto; proseguiu mudando de tom e voltando-se para Fernando de Noronha. V. Ex.<sup>a</sup> bem me póde desculpar...

— Ora essa!...

— Como lhe ia dizendo... Negocios já tenho de mais, mas pelo desejo de ser agradavel a V. Ex.<sup>a</sup>, talvez seja possivel alguma cousa. Aqui e nas fabricas de fiação está tudo tomado. O que poderíamos... e parecia distrahir a arrumar os objectos sobre a meza — o que talvez podessemos fazer, era crear uma fabrica nova.

Fernando estremeceu de jubilo e de surpresa.

— Tem-me lembrado muitas vezes, conti-

nuou o Santos, que uma fabricasita de sabão ainda era negocio...

— Perfeitamente! exclamou Fernando não podendo conter a alegria.

— Sim... o consumo é muito grande. Eu sei, porque o vendo. Por este lado não estamos mal. O caso é produzir em conta.

— Estou ao seu dispôr. Não vim aqui para outra cousa.

— Ha ainda outro ponto importante. Tíhamos de pensar na maneira de fundar a sociedade: porque era preciso uma garantia...

— Garantia?... A minha probidade...

— Não!... Pelo amor de Deus!... Ora que ideia!... Não é isso... Eu desejava que V. Ex.<sup>a</sup> para tratar em situação mais independente, além de socio de industria, tivesse tambem um pequeno capital. Eu até o poderia adeantar todo, mas V. Ex.<sup>a</sup> garantia-me a sua parte com hypotheca, por exemplo. Não sei, se faço comprehender o meu pensamento... Sim, com franqueza, dizia accelerando o discurso... são negocios. Muitas vezes, quando menos se espera, acabam mal. Ora por isso eu desejava, para ficarmos em egualdade de condições,—bem vê V. Ex.<sup>a</sup> ser de justiça—que a sua parte fosse garan-

tida de qualquer forma . . . Seu pae, se quizesse . . .

Fernando, aturdido de surpresa, não sabia replicar.

Foi o caixeiro que veio tiral-o do embaraço, subindo de novo a escada com ligeireza.

— Os snrs. do conselho fiscal que vêm por causa do relatório! — disse para o patrão.

— Que façam favor de subir!

— Enfim, meu caro senhor, disse o Santos precipitadamente, com a intenção manifesta de terminar a conversa, V. Ex.<sup>a</sup> pense n'isto. Pelo lado da garantia, não haverá duvida. Mesmo uma simples fiança. O morgado da Suarda . . . o barão que vae agora, disseram-me, casar com a filha . . . Enfim, estas cousas precisam ser tratadas com muito vagar. Entretanto eu faço tambem os meus calculos . . .

Os do conselho fiscal começavam a entrar. Fernando despediu-se pallido, aterrado e frio.

Garantia! . . . o barão! Não havia humilhação que não lhe offerecessem. Com o pensamento concentrado em salvar Helena, esquecera até aqui os seus inimigos. Agora que lh'os lembravam, incendiava-se-lhe o peito em odio, n'um ferino rancor. Via-os ambos ato-

lados na vil ganancia, e Helena arremessada no jogo da baixa cubiça. Riquezas, vaidades! Que era isso? Immunda lama, desconhecida pela sua nobreza exaltada. Ao odio succediam impressões de desprezo; porventura a tentação de tudo abandonar. Ah! não... Helena, Helena!... Era toda a sua vida, toda a sua honra.

Deante d'essa imagem, o orgulho offendido pela brutalidade mercantil do Santos rendia-se humildemente. Mas rehavendo a coragem, por momentos periclitante no desespero, elle lá vae, pelas sombras das estreitas ruas da villa, combatendo os combates da phantasia, esperando vêr surgir por encanto a fortuna, que livrará a sua dama, captiva da sordidez do pae.

De repente, como por inspiração providencial, olhou para o lado, viu uma logita na curva mais apertada da rua; recuando dois passos, porque já passára adeante, entrou.

Na loja estavam sós, o homem e a mulher, donos do estabelecimento, ambos dentro do mostrador; ella dobrando uma peça de chita; elle, de lapis na mão, lançando notas e signaes sobre as facturas, cujo masso examinava com attenção minuciosa. O homem era

baixo, magro, de grandes olhos em que se adivinhava doce e segura tranquillidade d'alma; na physionomia da mulher havia linhas varonis, d'estas que immediatamente apagam toda a expressão de futilidade, e revelam firmeza de character laborioso e nobre.

— O snr. Fernando de Noronha por aqui?! A esta hora... Com este calor... Ora muito estimo vê-lo!... disse com franca alegria o homem do balcão.

— É verdade... foi que...  
— Mas, reparo agora, V. Ex.<sup>a</sup> não está bem, está incommodado?...

— Sim, um pouco...

— É melhor sentar-se... Sair com este calor!... observava carinhosamente o negociante. Quem não é forte... Deve ter mais cuidado comsigo.

— Não vale nada! Ha dois dias que não ando bom...

— Talvez precise tomar alguma coisa, acudiu a mulher.

— Um copo d'agua, fazia-me favor...

A mulher correu a trazer a agua, Fernando bebeu e um suor abundante resumou da extraordinaria pallidez da fronte.

Fez-se por um momento silencio completo;



o marido e a mulher, de pé, voltados para Fernando, e este sentado com a cabeça pendida, todo vergado n'um desfalecimento de mortificação.

— Mais alliviado? perguntaram-lhe.

— Não vale nada . . . está a passar . . .

Depois, com doloroso esforço, ergueu a cabeça. A nobre altivez, com que o viramos ha pouco em casa do Santos, naufragára n'aquella primeira derrota. Já não propunha contractos, nem imaginava futuras opulencias em magnificas emprezas. Nos gestos lentos e timidos, na voz incerta e velada, no corpo alquebrado, a custo supportando a anciedade, havia a confissão inteira e plena de fraqueza e desalento. Parecia mendigar. Esse cavalleiro que em toda a mocidade só tecera sonhos de valor e de heroismo, o filho do destemido Noronha que combatera com a espada na mão pelo seu rei, estava alli, como acolhido em derradeiro refugio, esmolando a caridade do mais ignorado plebeu.

— Eu vinha fallar-lhe . . . começou. Não! Eu, para dizer a verdade, passei aqui por acaso . . . Lembrei-me de lhe fallar . . .

— O que quizer, dizia o negociante accudindo á agonia de Fernando. Já sabe que n'esta casa manda sempre.

— Eu sei . . . sei muito bem a amizade que lhe devemos, respondeu Fernando animado.

— Toda a amizade não chega para pagar as minhas obrigações ao pae de V. Ex.<sup>a</sup>

— Não fallemos n'isso, não fallemos n'isso!

— Nunca o posso, nem devo, esquecer.

— Agora . . . eu queria pedir-lhe um favor . . .

— O que V. Ex.<sup>a</sup> mandar!

— Meu pae, coitado! destinava-me a outra posição. Mas o tempo vae passando, e eu preciso ganhar alguma cousa . . .

— Perfeitamente!

— Mesmo, porque se um dia me casar . . .

— É verdade . . . Pensa V. Ex.<sup>a</sup> muito bem.

— Lembrava-me, que talvez o meu amigo podesse . . .

— Com certeza! respondeu o negociante, adivinhando-lhe o pensamento.

— Talvez podesse encontrar-me collocação . . .

— Se V. Ex.<sup>a</sup> quizer sujeitar-se á vida commercial, aqui mesmo . . .

A mulher estremeceu de surpresa. O marido lançou-lhe um olhar de auctoridade e continuou:

— Muitas vezes me lembra a necessidade de quem me olhe pela escripta da casa. Isto desenvolveu-se bastante, e infelizmente não tenho senão tres raparigas; com franqueza, preciso muito de quem me ajude. Querendo V. Ex.<sup>a</sup> sujeitar-se a esta triste vida...

— Mas eu só quero trabalhar!

— Depois combinamos as condições, em que podemos associar-nos...

— Obrigado! disse Fernando, erguendo-se e apertando entre as suas as mãos do negociante. Sim... depois fallamos. Mesmo... ainda não me acho bem...

Despediu-se e saiu.

— Mas que disparate é este?! Que vem cá fazer este homem?! perguntou a mulher, desvairada de surpresa e apavorada com tão estranha resolução.

— Já esqueceste o tempo, em que recebiamos esmolas d'Antonio de Noronha?! Estás muito enfraquecida da memoria!... replicou sombrio e desdenhoso o marido.

Nos olhos d'ella brilharam rapidamente duas grandes lagrimas; o negociante voltou pausado a folhear e a marcar as facturas; e o trabalho continuou no silencio quente da calma primavera, pela hora da sésa.

## XI

Fernando de Noronha voltava a casa triumphante. O desvairamento dos últimos dois dias, os sonhos vãos e as humilhações do agiota, dissipavam-se perante esta inesperada fortuna que lhe surgira, onde elle nunca a esperára. Auxilio de Deus! Os preconceitos catholicos appareciam agora victoriosos; a fé ardente no seu destino e no auxilio do ceu convencia-o, de que basta ser grande e heroico no intento, para a Providencia nos levar á exaltação suprema. Combatera sobretudo idealmente, com nobreza e generosidade, pelo amor e pela justiça. Tanto bastára para que o socorro divino o amparasse! Na caridade do

homem, que n'este instante lhe vinha em socorro, descobria a voz de Deus e a benção do seu heroismo. Não distinguindo o incendio d'um amor juvenil, ateiado pela vida de re-traiamento e compressão moral, das aspirações a que a desventurada nobreza do pae o consagrara, julgava-se transportado ao reino da gloria, só por salvar Helena! Gloria a Deus e ao homem que fôra seu braço e instrumento na terra! E as lagrimas rolaram-lhe, abundantes, pelas faces. Era orgulho ou gratidão? Nem elle o sabia, nem podia discernil-o. Ajoelhado, aos pés do crucifixo, soluçava, ao contemplar aquellas carnes rasgadas e a corôa de espinhos, gotejando sangue. Ai! Talvez nem orgulho nem gratidão.... Talvez apenas sympathia no soffrimento, iniciação n'esse mundo da dôr, infinito, insondavel, vertiginosamente captivante.

Ao erguer-se d'esta crise de lagrimas, prostrado de fadiga, adormeceu. E só com arrastada morosidade o seu espirito pôde recuperar a consciencia, quando a voz timida e mansa de Maria da Piedade o despertou, annunciando-lhe a hora de jantar. Ella julgava-o muito doente. Sem querer confessar os seus temores, observava-o e tremia.



De resto, a tranquillidade de Fernando em face do pae é bem propria a afastar toda a suspeita de gravidade. Áparte a extrema palidez e o brilho levemente febril nos olhos, parece em estado normal. Conversa com a despreocupação habitual, n'aquelle tom nada expansivo, d'uma deliberada seriedade, como Antonio de Noronha quiz que fosse característico nas suas relações com o filho.

O jantar terminou; deram graças a Deus, de mãos postas, benzendo-se escrupulosamente; beijou a mão do pae, e ambos sahiram, segundo o costume, reservados, sem dizerem onde iam.

Só Maria da Piedade não se illudia facilmente. O seu amor, quasi materno, segredava-lhe as mais tristes apprehensões. Quando Fernando desceu a escada, veio á janella vêr para que lado elle se dirigia.—Queira Deus que me engane! murmurou sósinha, a meia voz, atravessando a sala. E ergueu os olhos supplicantes, para a imagem da Virgem, que estava no oratorio, com manto de setim azul bordado a ouro e corôa de prata.

Fernando foi, estrada acima, a caminho da Suarda. Agora dominava-o o receio, de que Helena percebesse o martyrio, por elle soffrido

para a libertar. Se o percebesse, soffreria tambem. Este pensamento affligia-o. Affligia-o porque queria para ella a liberdade plenamente gratuita, sem penas que lhe pozessem o minimo preço, e tambem por julgar amesquinhado o seu feito, se alguem partilhasse as amarguras. Assim, era necessario dissimular, talvez mentir.

Por muito que aborrecesse a mentira, n'este caso parecia-lhe virtude. Contaria os passos que tinha dado, como a mais singela e tranquilla campanha; havia de convencer Helena de que nada se alcançara por seu esforço; tudo fôra uma facil casualidade, bem indicativa da vontade de Deus. A felicidade e a alegria tornavam-n'o sorridente, e animavam-lhe as faces escalavradas com lampejos de contentamento, que a poucos deixariam de illudir.

Quando chegou proximo da Suarda, lembrou-se que eram as horas do jantar do morgado.

Esta circumstancia enleava-o. D'ordinario, ou ia mais cedo para jantar com os Athaydes, ou á tarde para passar a noite. A essa hora, só por um caso extraordinario. Depois, com aquelle calor! Evidentemente, tinha de

entrar em explicações; e quaes? Não sabia bem . . . Além d'isto a sua falta na vespera daria ensejo a novas perguntas, ainda mais embaraçadoras. Tremia de revelar o segredo.

Antes de chegar á Suarda, desviou-se pelo caminho estreito, que d'umas choupanas ia terminar no campo da feira, já muito além. Ahi, entrou novamente na estrada e vagarosamente seguiu em frente.

Correndo de nascente a poente, ladeada de sobreiros, em campo raso, sem casas, circuntado ao largo por espessos pinhaes, a estrada cortava alli um deserto. Mal passaram duas gerações, depois que a chameca tosquiada pelos rebanhos se convertera em terra arável. O logar da feira da Gandara e a sua propria denominação indicavam, de maneira precisa, a historia agricola d'aquelle planalto. No principio apenas vestido de raro centeio, delgado e desigual, já agora mostrava boas geiras de trigo basto e pesado, curvando-se ao peso de fartas espigas.

Fernando sentou-se á sombra d'um sobreiro, no corte d'um terreno, que lhe serviu de banco. Tinha deante de si a planicie vasta, quieta, dormindo abrazada, como se em sacrificio consciente e magnanimo abando-

nasce aos homens magestosamente a seára rica. Não era uma esmola, mas uma dadiva divina. Sentiu-se pequeno, mesquinho perante a ostentação de tamanha e tão generosa riqueza; pelo espirito passou-lhe a impressão aguda e cruel da propria mesquinhez, imaginando-se confundido com as formigas, que a seus pés se moviam diligentes; talvez mais pequeno. Perdido na vastidão e esmagado pela grandeza, comprehendeu que o grão d'areia, que calcava, não lhe era inferior n'esse infinito turbilhão. E uma immensa tristeza, a tristeza da inanidade dos seus esforços, da inanidade d'esse heroismo, que ha pouco o transportava ao auge da gloria, começou a invadil-o apertando-lhe o coração lenta, tenaz, dolorosa e inflexivelmente:— cansaço, prostração, o anniquilamento de todas as forças, desanimo, descrença, desprendimento. A natureza fallava mais alto que o seu ingenuo orgulho, e lançava-o ao vento com a mesma facilidade, como áquella hora espalhava no pó as sementes amadurecidas.

N'uma pausa d'essa tristeza, porventura tentando fugir-lhe, ergueu-se. Começou a caminhar de novo para o lado do poente. O sol estava ainda alto e lavava com suave

alvura as cristas incertas das nuvens accumuladas no horisonte, coroando a atmosphaera plumbea e cerrada, que escurecia o ceu das bandas do mar. Ouviu-se um rugido pavoroso; o sol empallideceu. Dentro em pouco na planicie eccoaram sombriamente trovões medonhos. Fernando teve um fremito de terror. Como a caça perseguida, foi esconder-se n'um sulco, entre o trigo, a face occulta nas mãos contra a terra, pedindo n'uma supplica pagã que lhe abrisse o seio e o abrigasse na escuridão redemptora. A cada estampido do trovão, a agonia redobrava. A imagem de Helena desaparecera. No terror restava-lhe apenas animo para implorar a morte, a pulverisação de todo o seu sêr na paz, ao mesmo tempo apetecida e temida, do mundo inconsciente.

Do ceu entenebrecido, cortado pelos relampagos de pallidos e rapidos fulgores, começaram a cair raras, pesadas gottas d'agua, alastrando-se na poeira, de que se desprendia o cheiro acre da terra humedecida. Depois, as nuvens correram sobre os campos banhando-os mansamente n'um fecundo diluvio; os trovões cessaram, e na planicie erma mal se ouvia o gottejar das arvores. Era quasi noite.



Fernando levantou-se e olhou em torno. Estava só.

Frio, a roupa collada ao corpo, principiou a caminhar sem rumo, sem destino. Semeilhante ao vestigio d'um crime impossivel de occultar, pesava-lhe a lama que não podia limpar nem desvanecer. Ia perseguido por essa impressão physica, sempre na vaga confiança de achar algures remedio, e ficar limpo e enxuto, sem ter ninguem sabido ou suspeitado da sua quêda. Tudo agora esquecia perante esta perseguição implacavel. E caminhava, caminhava sempre a custo, movendo-se mal sob o peso das roupas molhadas e tiritando de frio, um frio estranho que não sabia d'onde lhe vinha. Se pudesse desfazer-se d'aquelles farrapos enlameados!... Mas não, não podia!...

Por entre os pinhaes, descobriu ao longe uma luz. Era a Suarda. E viu-se lá, no meio da sala, n'aquelle miserando estado, Helena a rir-se, ás gargalhadas, e os outros a olhal-o, como animal exotico. Passaram-lhe no coração ondas de revolta e odio. Praguejando, amaldiçoou a sorte, o seu destino e quantos o tinham preparado; todos eram seus inimigos; todos se haviam conjurado para o perder n'este labyrintho de tormentos e o desamparavam no

naufragio, sem uma voz de soccorro, ou grito de piedade! . . . Nas trevas e na mudez que o cercavam, sentiu um abandono mortal.

O frio não o deixava; tremia. Por momentos imaginava ficar paralytico, alli, sem mais se poder mover. O peito apertava-se, oppresso e rigido. Suffocava.

Pela meia noite, ao lado do leito pobre e aceiado de Fernando de Noronha, n'essa casa onde toda a vida se transformava em obrigação serena e nobre, estavam Maria da Piedade, Antonio de Noronha e um medico. Ninguém mais! O lençol tinha umas pequenas manchas de sangue, da ultima hemorrhagia. Maria da Piedade quizera mudal-o, mas o medico indicara-lhe imperativamente, em voz abafada: — Agora não! Não lhe mexa.

O medico observa o pulso do doente sem occultar na physionomia a gravidade das apprehensões. Antonio de Noronha sáe por momentos do quarto para passeiar na sala. O seu rosto não tem uma contracção. Nunca houve angustia que a sua coragem não dominasse.

Pouco e pouco, foi-se cogestionando o rosto de Fernando. Ouviram-se umas vagas palavras, incoherentes, e entrou em delirio.

O medico levantando-se, despediu-se, dizendo:

— Será o que Deus quizer!... Volto pela madrugada. Então veremos o resultado do accesso.

Dias depois, o morgado da Suarda encontrava á porta da camara o medico de Antonio de Noronha, que vinha de vaccinar as creanças:

— Ora muito folgo de o encontrar, disse o morgado alegremente; estava morto por noticias seguras do pobre Fernando. Estimo tanto aquelle rapaz...

— Mal, muito mal! interrompeu o medico.

— Mas o pae diz-me que já não tem febre, deixou de deitar sangue pela bocca!...

— Está muito mal, digo-lh'o eu, insistia o medico animado pela contradicção.

— E o seu collega tambem...

— Bem sei! Eu assisti á conferencia.

— Muita pena tenho!... lamentava o morgado fitando, interrogador, o medico como á espera de descobrir ainda indicios de salvação.

— Pois, meu amigo, ou a minha clinica não vale de nada ou aquillo acaba n'uma tysica. Digo-lh'o hoje. Lembre-se d'isto.

— Não! Deus nos livre! os paes eram tão fortes...

— O que quizerem!... Não vê aquelle organismo?! E a educação aperreada que o pae lhe deu... Ora verá! Deus queira que me engane!... Mas acaba tysico, não tenha duvida.

bibRIA

bibRIA



## XII

São passados seis annos após o casamento de Helena com o barão do Paço da Eirinha, e tres depois que falleceu Antonio de Noronha.

Na antiga casa d'este, n'uma calma tarde de Novembro, com as largas sombras dos salgueiraes a estenderem-se pela terra saciada e fria das primeiras chuvas do outomno, vae um suave e moderado movimento, todo cheio de paz. Os passos são raros e brandas as vozes.

Na varanda, sentado junto ao parapeito da janella, está um homem magro, esquelético, olhos cavados, barba comprida e macia, lindamente semeiada de luzidias brancas; ao

lado, na sala de jantar contigua, uma mulher que já não é moça, vestida de preto, em cima d'uma cadeira, vae collocando sobre o friso do guarda-louça, cautelosamente, as maçãs que tira do cesto, sustentado na mão esquerda. Vem subindo a escada do quintal, com outro cesto de maçãs no braço, uma rapariga, talvez de dez annos. É magra, com bellos cabellos castanhos e grandes olhos, n'este momento scintillantes d'alegria, emquanto brinca com o pequeno cão que a persegue, lambendo-lhe as mãos e trepando pelos vestidos.

— Beatriz?! . . . Então, minha filha, ficas ali? disse de dentro a mulher trajada de luto.

— Coitadita! Deixe-a brincar, accudiu o homem que estava sentado.

— Sim, mas eu tenho mais que fazer.

— Ha tempo de sobra. Ainda não déram cinco horas.

— As tardes pouco rendem. Toda a roupa para passar, e depois a quinta . . . Não é que eu não goste de lá ir; mas atraza-se-me sempre o serviço cá em casa.

— Vamos andando . . .

— Assim Deus nos dê saude; tudo se ha-de arranjar! Nunca me assustou o trabalho.

— Até faz bem. Nos dias em que tenho mais que fazer, nem a doença me lembra.

— Não se fie muito n'isso; só mais tarde é que o cansaço se sente.

— Pois eu tenho sempre cuidado...

A rapariga entrara e pousou o cesto sobre a meza. A mãe, descendo da cadeira, examinou as maçãs; pegando na mais rosada e perfeita, veio mostral-a ao homem que estava sentado.

— Que linda! disse.

— Este anno são muito boas, respondeu elle. Aquellas chuvas do principio de Outubro ainda lhes aproveitaram.

— É que também são d'excellente qualidade.

— Essa é Martingil. Foi plantada por meu pae.

— Foi?! Não sei se estará enganado. Talvez seja das antigas.

— Não são, não. As antigas são as de cima. Todas as d'ao pé da valla foram plantadas por meu pae. Lembro-me perfeitamente... Foi quando se cortaram as laranjeiras, que a geada seccou. Vamos a vêr agora o que dão as pereiras.

— Ora!... Plantadas pelo snr. dr. Ma-

theus! E que paciencia a d'aquelle homem! Até lhe enxertou ramos do lado para ficarem bem iguaes.

— É um santo.

— Isso é! Faz bem a muita gente! Quando elle morrer, ha-de fazer mais falta que muitos ricos, que por ahi andam.

E a mulher trepou novamente á cadeira continuando a arrumar as maçãs que a filha lhe passava, uma a uma, cheirando-as, sorridente, a sorver-lhes o perfume.

A mulher é Maria da Piedade, a pequenita — sua filha, o homem escalavrado e decrepito — Fernando de Noronha.

Toda a gente na villa o conhece. Nas ruas, que vão da sua casa ao estabelecimento do negociante Vieira, é uma figura amiga que marca as horas com a pontualidade do relógio da egreja. Passa invariavelmente ás nove para o trabalho; recolhe ás tres. O seu passo não se altera, pausado, lento, pelos temporaes, pelos dias mais risonhos, pelo sol canicular. Todos o respeitam e se descobrem á sua passagem, saudação, retribuida por elle com bondade, sem exaggeros nem petulancia.

Sobre a sua vida corre uma lenda. Estivera doido, apaixonado pela filha do morgado

Athayde. Depois, sem se saber porque, começára a trabalhar em casa do Vieira. Por extravagancia singular, esse homem desconhecido e indifferente para o maior numero, quando estava são — doente e louco começou a ser venerado. A loucura santificára-o na imaginação popular, que instinctivamente lhe reconheceu a nobreza.

De resto, os rumores que circulavam a respeito da sua vida eram quasi a verdade, não por serem verdadeiras as palavras e as acções attribuidas, mas porque a desordem do seu espirito fôra d'um character inequivoco.

Durante muitos dias immediatamente aquelle em que o deixamos semi-morto no singelo leito da sua casa, a febre e as hemorrhagias incessantes tiveram-lhe ameaçada a fragil existencia. O delirio, porém, nem o atraçou nem desmentiu o orgulho. Atravez da obscuridade e confusão do entendimento, a energia da vontade mantinha-se intacta n'um só ponto; no proposito firme e fielmente realisado de não revelar a sua paixão por Helena. Fallava a medo, percebendo-se não dizer o que queria e extraordinario esforço para occultar o que fosse. Mas os seus passos eram conhecidos, sabia-se que estivera na estação do



caminho de ferro e de lá saíra sem fim apparente; havia quem o tivesse visto de noite gesticulando em frente das fabricas; contavam-se de variados modos as visitas ao Santos e ao Vieira, e não faltavam as mais exóticas explicações d'esse passeio que começára á tarde, pelo sol abraçador, e terminára de noite, n'um miseravel estado de desordem physica e moral. Pequenos factos ligados por muita phantasia deram á crise de Fernando de Noronha, na tradição popular, o character d'um ataque de loucura indiscutivel e formal.

De resto, a affeição intelligente do pae e da criada descobriram o que os estranhos ignoravam. Certa anciedade de Helena, o afastamento de Fernando da Suarda, a sua supposta doença, a mortificação, e principalmente os desvairados projectos de vida nova, dissiparam todas as duvidas, e esclareciam o drama por completo.

Para Fernando foi bom que assim acontecesse. Ninguém se atreveu a dizer-lhe uma palavra a tal respeito. Tambem com isso lucrou o morgado, a quem Antonio de Noronha julgou de obrigação não tocar, nem de longe, no assumpto. Intimamente pensava que o filho valia bem o brasileiro; se estivera no

logar do Athayde, acceitaria, como boa fortuna, a troca dos bens pela nobreza e do ouro pela dignidade. Mas calou-se, embora com dôr pungente se visse sacrificado, humilhado, até certo ponto trahido pelo procedimento do amigo. As obrigações de gratidão e de amizade impozeram-lhe silencio, a que se sujeitou, consciente de mais um dever a cumprir. Pelo seu lado, o outro, impellido pela ganancia, entre os derradeiros escrupulos de fidalguia e a ambição exaltada pela velhice, folgou com uma solução que o livrava de explicações amargas.

Tacitamente, entre elle e Antonio de Noronha, assentou-se que nunca se fallaria de Fernando, senão como d'um doente de doença vulgar.

Contrastando, porém, com o proceder do fidalgo, houve da parte do filho do *Cainça* uns arrepios, que durante breves dias pozeram em perigo a realisação do casamento.

O brasileiro hesitou, temendo as inclinações de Helena e vergonhas consequentes. Expôz ao dr. Teixeira as suas duvidas. O advogado, tão destituído de nobreza como elle, tendo a mais o cynismo proprio do utilitarismo aprendido na escola, e exercitado na pratica de defender a mentira contra a ver-

dade, a violencia contra a fraqueza, a oppressão contra a justiça, replicou-lhe impondo-se: — Você está doido? Então que importa que o pateta do rapaz esteja apaixonado?! De mais a mais, sem saude, sem vintem — sim, porque o Noronha não tem quasi nada! Aquillo podia lá ser? É ir para diante!

— Sim, mas eu tenho medo que ella afinal . . .

— Não tenha medo de cousa nenhuma! Estou farto de conhecer esta gente. Pois você não vê á noite o que ella faz? Está alli ao canto a mexericar com a filha do major, com uma cara de palmo e meio, enquanto a outra lhe préga as pieguices, de que traz cheia aquella cabeça d'arroz. Depois joga e ri-se, como se nada fosse! . . . Mulheres! . . .

— Isso é verdade! — respondia o brasileiro convencido.

— É assim, como lhe digo. O essencial é o pae. E esse está firme.

— O que eu não queria, era ficar mal. Demais, já tenho feito uma despesa grande . . .

— Ora adeus! Um casamentão! . . . Com o seu dinheiro e a influencia do morgado, ha-de trazer tudo isto atraz de si.

Assim foram correndo os dias, entre a fri-

volidade d'uns, o orgulho dos outros, a ganancia de poucos e a indifferença do maior numero; por ultimo realisou-se o casamento com grande abundancia de flores, de sedas e champagne do brasileiro, que regou os votos de felicidade.

Maria da Piedade, expontaneamente, com o instincto seguro do seu sadio affecto, encarregou-se de transmittir a Fernando a noticia do casamento de Helena. Esteve sempre convencida de que elle havia de realisar-se. Ninguem talvez melhor, com aquella rapida penetração que nas mulheres intelligentes é o processo caracteristico de comprehender, conhecia o morgado e sabia o peso da ambição nas suas acções; e conhecia igualmente Helena que reputava frivola, leviana e inutil. Por isso nunca perdia ensejo de encaminhar o espirito de Fernando á ideia de que o casamento era inevitavel, a cada passo referindo-se a elle, como a cousa feita.

Costurando junto da janella, ao pé de Fernando, quando começou a erguer-se da cama, após o periodo mais agudo da doença, ao vêr passar a carruagem do barão:

— Lá vae o brasileiro para a Suarda, disse desprendidamente. Aquillo agora ha-de

estar para breve ... É um casamento muito igual, não ha duvida.

— O mal será para ella, respondeu Fernando.

— O snr. Fernandinho ainda é de bom tempo! ... Muito interesseiros, louvado Deus!

Outra vez, sabendo que o brasileiro fôra eleito juiz da confraria do Santissimo, em logar do morgado que tinha aquelle cargo havia muitos annos, contou o caso na presença de Fernando; fallando das grandes festas da semana santa, promettidas pelo novo juiz, rematou ironicamente:

— Aquillo é que é um sogro! Dá-lhe a filha e honrarias ainda por cima!

De resto, a tarefa era facil; Fernando tudo ouvia e recebia serenamente. Na sua alma desenhava-se uma transformação, revelada apenas por completa placidez, que ninguém estranhava, tomando-a antes pelo restabelecimento physico e moral do enfermo; pois fôra sempre de tal impassibilidade de physionomia, que muitos a traduziam por inanidade d'intelligencia.

Ao fim de quatro mezes de doença, começando a dar os primeiros passeios, quiz vêr o Vieira, aquelle negociante que lhe promettêra



collocação. Foram para alli os seus passos, d'uma maneira quasi inconsciente. Da tempestade que lhe tinha açoitado a alma, ficára uma paradisiaca impressão de carinho — o acolhimento da sua agonia na caridade d'esse homem. Rememorando as humilhações, as vilanias e os tormentos, tão dolorosamente aprendidos, restava-lhe um refugio na firmeza risonha e generosa que encontrára no modesto mercador. Voltava para elle os olhos, e sempre lhe parecia qualquer coisa unida, plana, lusente, sem espinhos nem mancha. Era uma attracção quasi material. Quando a doença o prendia na alcova, tinha por momentos impacientes desejos de tornar a vêr aquella casa, renascida a mesma impressão de refrigerio e alegria que o invadira, crendo na sua exaltação haver salvado Helena. Embora ruisse o maravilhoso edificio, dos escombros destacava-se esta columna alva, de marmore, linhas suaves e puras, erguida ao sol.

Fernando de Noronha voltava a casa do Vieira: porque, nem elle mesmo o sabia. Gratidão pelo acolhimento, capricho de mostrar que os seus passos foram estranhos á paixão, vagos propositos de vida nova, simples lealdade a um compromisso accete e

agradecido, talvez tudo isso pesasse simultaneamente na resolução. Em qualquer caso, a antiga existencia estava terminada pelo casamento de Helena; era necessario encontrar outra profissão que não fosse dar todos os dias espectáculo á curiosidade, passeiando pelas ruas da Eirinha o olhar desvairado e o corpo esquelético, fôrma material clara d'uma mortificação interior, sem termo nem ao menos repouso. Porventura, mais naturalmente, procurando o Vieira tentava acolher a um lar amigo a figura miseranda da sua infelicidade, roubal-a aos olhos indifferentes e injustos, que pela indiferença e injustiça lhe infligiam nova, secreta mágoa.

O negociante Vieira era um typo raro de honestidade e de trabalho. O pae, pobre sapateiro, morrêra ainda novo, d'uma congestão cerebral, deixando a familia na miseria:— a viuva com cinco filhos, a sustentarem-se d'uma tenda insignificante. A fome batia-lhe á porta. Dos filhos, o unico capaz de trabalhar, o mais velho, era este, o dono actual da loja. Mandaram-n'o para longe, servir de caixeiro, entre gente sordida e brutal. O resto, tudo creanças, ficára em casa.

Foi a esse tempo que as escolas de Antô-

nio de Noronha valeram á infeliz mulher. Elle, que afinal tambem se encaminhava á pobreza, nunca nas suas tristes circumstancias faltou ás obrigações da caridade. Tinha-as inscriptas nos deveres de nobreza, era-lhes fiel e leal. Só a suspeita, de que podia faltar-lhes, o fazia córar. Por dever ou por simples compaixão d'uma desgraça, de tão perto presenciada, foi o principal amparo da viuva.

Talvez mesmo a referencia, insistente nas suas conversas, á infelicidade d'aquella familia, concorresse para muitos começarem a preferir o estabelecimento da viuva, preferencia tão accentuada, que ao fim de poucos annos obrigou o filho mais velho a vir ajudar a mãe.

Desde essa época, a abundancia substituiu a pobreza; e dentro em pouco seguiu-se uma crescente prosperidade.

O Vieira conquistava clientela pelas qualidades moraes. A riqueza, que muitos fazem por astucia, e fraude, fazia-a elle por honestidade e franqueza. A miseria não o corrompêra. Pelo contrario, ao mesmo tempo que a necessidade o incitava a trabalhar, a experiencia das amarguras iniciára-o na compaixão da

desgraça alheia. Apoiando-se n'estes dois bordões, constituiu a sua grandeza e fortuna.

Quando Fernando de Noronha lhe entrou em casa, depois que a affrontosa avareza do Santos o despedira, castigando-lhe a phantasia, o Vieira não viu deante de si senão a angustia do filho do seu bemfeitor. Não pensou, não reflectiu, não calculou, não quiz saber nem do que dava, nem do que promettia. Nada percebeu senão que o coração lhe ordenava uma esmola, e indignou-se contrariado só pela pequena advertencia da mulher, ousando querer pôr um dique a este impeto de generosidade.

Mais tarde soube de tudo, comprehendu tudo e houve-se por feliz de ter cumprido a sua obrigação. Mas Helena tinha casado; era voz geral que Fernando de Noronha estava louco e tísico; por isso não pensou mais na promessa.

Ia sentir-se embaraçado com a insistencia de Fernando.

Ao vê-lo entrar novamente em casa, nas primeiras palavras encontrou uma confissão de reconhecimento pelos carinhos do amigo, confissão breve, sem protestos, mas trasbordando d'intensissima emoção.

— Obrigado! O que tem sido para mim, não se esquece.

E pouco mais lhe disse sobre esta primeira parte da sua visita.

Depois, fez-se longa pausa, só cortada de palavras banaes. Ao fim, Fernando, que não levantára os olhos do chão, distraído, erguendo-os n'um movimento de firme e serena resolução, accrescentou:

— Ora eu não vinha aqui, só para significar quanto lhe estou obrigado. Vinha também para conversarmos sobre aquillo em que, ha tempo, fallamos.

O Vieira còrou ligeiramente.

Fernando, sem o perceber, continuou:

— Na verdade, estou ainda muito fraco, muito doente, mas posso trabalhar alguma cousa. Lembrei-me...

N'isto o Vieira, recuperando de golpe a presença d'espírito e com ella a generosidade habitual, já sem córar nem tremer, interrompeu-o:

— Quando V. Ex.<sup>a</sup> quizer... É sempre o senhor d'esta casa; ella tudo lhe deve. Lamento não poder dar-lhe uma situação correspondente á sua condição. Era só isto o que me embaraçava, com franqueza lhe direi. Se porém V. Ex.<sup>a</sup> quer partilhar da minha humilde sorte...



— Não quero outra cousa!... Vim aqui uma vez pedir-lhe que me ajudasse a ganhar o pão. Hoje, não é bem isso... Nem eu sei...

As lagrimas toldaram-lhe os olhos, mas immediatamente, uma revolta, talvez d'orgulho, abafou aquella tentação de descobrir as chagas do seu peito.

— Quando V. Ex.<sup>a</sup> desejar, começaremos; disse o Vieira. Havemos de nos dar bem, esteja certo.

E riu-se, apertando-lhe muito a mão, com o sentido d'afastar pensamentos dolorosos, alegre por ver terminado aquelle momento que o agoniára.

Em casa, Fernando julgou-se obrigado a explicar ao pae que acabava de tratar com o Vieira dirigir-lhe, — não ousou dizer «servir», — a escripturação da casa, para se entreter e tambem para ganhar alguma cousa; os meios eram poucos, mórmente depois das enormes despesas da sua doença.

O pae, informado pelo abbade dos passos do filho, não se mostrou surprehendido. Não comprehendia, de facto, o motivo da nova resolução. Mas no profundo desalento d'este ultimo desastre na velhice, quebrada a antiga energia,

pôz de parte inuteis interrogações e reflexões, para as quaes, de resto, o abatimento do filho lhe tirava toda a coragem.

— Como quizeres, respondeu-lhe. Terás tu saude para isso?

— Tenho! . . . Estou muito melhor!

Assim, com grande pasmo da villa, começou Fernando de Noronha a frequentar o estabelecimento do Vieira.

Este, julgando que a fidalguia do filho do seu bemfeitor seria vexada, collocando-o junto do balcão, reservou-lhe logar recatado no primeiro andar. Era um canto estreito, proximo da janella, com pouco mais que uma cadeira, a meza, muitos papeis e alguns livros, em breve todos escrupulosamente arrumados.

Não tardou o Vieira a julgar-se felicissimo pela nova ordem das suas cousas. As urgencias do negocio não lhe permittiram até alli ter escripturação methodica; com surpresa conhecia-lhe agora os beneficios. Confundia-o sobretudo de admiração e de respeito o caracter do companheiro. Na vida commercial encontrára sempre perfidia, dissimulação, mentira; e tinha alli um dependente, outra coisa não era Fernando, que substituiu aquelles vicios por um zelo, methodo, pontualidade e

consciencia, superiores aos do proprio amo. Havia n'isso qualquer cousa nova que lhe captivava a veneração e a gratidão. A nobreza do coração plebeu appreciou, em communhão estreita, a nobreza tradicional do fidalgo, a dedicação, a lealdade, a honra e a dignidade, exclusivamente concentradas no cumprimento do dever. N'esse consorcio, estranho e disparatado aos olhos do vulgo, não havia mais que a junção d'almas gêmeas, creada uma na experiencia da vida dolorosa, a outra na exaltação mystica, ambas identicas e conformes n'uma aspiração d'amor, a sua razão de ser, porventura inconsciente.

Para Fernando de Noronha a transformação fora completa. Substituia uma vida ociosa pelo trabalho; aproveitava tranquillo as miniguadas forças, quem dissipára loucamente o vigor da primeira mocidade.

No intimo era talvez o mesmo. Aos sonhos de alegria e esperança, o alimento da paixão amorosa nos continuos folguedos da Suarda, succediam os de conformidade e de martyrio, agora o pão quotidiano da sua alma. Continuaría a viver para Helena, santificada aos seus olhos pela obediencia á tyrannia cruel que a roubou á sua posse. O juramento

fizera-se uma só vez. Devia lealdade a essa imagem; não podia admittir que lhe faltasse, por ser a falta a propria deshonra.

Então, nas horas livres das obrigações, infinita tranquillidade d'espírito, n'uma harmonia perfeita de todo o seu sêr, olhando as sombrias aguas do rio, á luz crepuscular, vinha em longos extasis lançar-lhes a recordação das mágoas e alegrias. Confidentes discretas de tamanha dôr, as aguas levavam-n'as e perdiam-n'as hoje, para amanhã as receberem de novo, brotando da mesma fonte inexgotavel.

Das profundezas incertas da vastidão d'além, illuminada intermittentemente por ondulações de vida, nas aldeias das serras, pelas noites negras, confusas, em que as chammas dos lares soltavam murmúrios de paz e de labor, resistindo victoriosos á treva e á mudez, cantava, cantava sempre, o seu poema d'amor.

Encostado ás grades da varanda, em vigílias tão longas como deliciosas, via Helena, o corpo robusto e agil, lembrava os momentos em que os seus cabellos se prendiam ás arvores, quando pela floresta humedecida das primeiras chuvas do outomno iam alegres colher medronhos, com os quaes ella infan-

tilmente se toucava. Sentia ainda o arfar d'aquelle cóllo farto e são, veludoso, sem macula, ora alargando-se na carreira ora repousando pelas sombras. Tinha bem presentes na imaginação, como o horisonte em que os seus olhos se dilatavam sem poder transpô-lo, os braços de Helena, maravilha de graça e de força, d'uma divina harmonia, deixando presentir por baixo das linhas de infinita suavidade um latejar de pujança, que escravizava os sentidos. No seu ouvido vibravam palavras de affecto e de carinho.

— Obrigada, meu bichinho loiro, dizia-lhe ella, quando elle lhe apresentava os morangos cautelosamente acamados no açafate, todo fresco, guarnecido deervas tenras. Sim, porque tu bem sabes, és o meu bichinho.

E elle nada respondia, ficando a receber o seu olhar de gratidão e dominio, como benção religiosa.

Ai! quem lhe déra tornar a vê-la!

Mas para que?!... Deixára alguma vez de a ter presente? Até era melhor assim! Na lembrança a visão era perpetua, inalteravel, livre das crueis interrupções da vida material.

Relembrava o rutilo espadanar da azenha da Suarda em noites de luar, sob os troncos



immoveis, protectores, dos carvalhos; essa natureza, eterna esphinge, que nada lhe dizia na mocidade, reapparecia-lhe agora enleada nos pensamentos, como deusa amiga, benefica, inspiradora. O corpo de Helena, as arvores, os campos, orvalhos, sombras e fulgores, tudo se fundia n'uma unica imagem, mais do que desejada, mysticamente vivida em vida perenne, na imaginação enferma, na exaltação da sensibilidade apaixonada, transformando-se esta mesma em combustivel das labaredas inextinguiveis.

Às vezes, tamanho era o calor e a luz, irradiados d'essa incandescencia, que aborrecia o mundo, como estorvo intruso e estranho. Queria viver só para aquillo, para a contemplação d'aquella imagem. A sua alma não tinha e não podia ter outro alimento. A simples lembrança de deixar esmorecer na memoria as fórmulas e sentimentos, creados pela phantasia, isso se lhe figurava infima deshonra. Lealdade!... E o vulto severo do velho Antonio de Noronha lançava, sobre este peccaminoso e fugidio pensamento, anathemas de inflexivel e olympica justiça, que lhe prostravam a alma fraca e condemnada, em agônias de arrependimento.

A simples possibilidade, afastada pelo horror da baixeza, de perder um estado de espirito que era toda a sua razão de ser, a consagração, a delicia e a grandeza da sua vida, aterrava-o: então apetezia o claustro. Lembra-se dos mosteiros abandonados ou profanados por usos vis e que algumas vezes visitára; na clausura d'esses estreitos horisontes, na penumbra das arcarias, embalado pelo canto da pequenina fonte a cair sobre as taças que bebem a luz do ceu, como tentando recolher-a e prendel-a, a felicidade parecia-lhe talvez completa. Transposto um d'esses portaes, cerrar-se-iam para sempre os ouvidos ás vozes do mundo; e a vida, inteira e plenamente identificada com o seu amor, seria perfeita. Mas qualquer cousa estranha, fraqueza?!...—o acorrenta á terra, á mesma terra que o contrariava e era aborrecida, poeira a toldar-lhe os sonhos, dolorosamente.

Seriam as visitas á Suarda? Pois continuava a ir lá, embora menos frequentemente. Nas suas relações nada houvera que determinasse uma interrupção. Pelo contrario, o morgado mostrára assiduo cuidado durante a doença, e até, sabendo que elle trabalhava em casa do Vieira, disse-lhe com franca alegria:

—Fazes bem. Os tempos são outros... Não imaginas quanto o estimo!

E estimava, realmente. Tomava-o, por indício de seguro restabelecimento moral do rapaz. Alegrava-se com isso. Homem sem escrúpulos, ficára-lhe todavia uma impressão suspeita d'aquelle casamento. Não estava arrependido, não via mesmo razões claras para condemnar o proprio procedimento; mas apesar de tudo, não lograva dissipar as sombras indecisas, leves, que o seguiam perseverantemente.

Redobram as atenções; depois da crise, Fernando já não era recebido na Suarda só como filho. Ganhára fóros de senhor e igual; a antiga desprendida leviandade com que o tratavam, fôra substituida por um respeito impregnado de maneiras transparentes de veneração submissa. Piedade pelo seu estado phisico, compaixão pelas dores moraes, reconhecimento da transformação do moço ocioso no homem que acceitou conscientemente responsabilidades — qualquer d'estas razões, talvez o conjuncto de todas, déram-lhe novo lugar na Suarda, muito diverso, bem diverso do que lá tivéra.

Algumas vezes alli encontrava Helena,

sempre nos dias de festa em que invariavelmente era convidado, e por acaso nos dias ordinarios. A presença d'ella perturbava-o; despertava-lhe a seu pezar um mal profundo, o travor amargo do ciúme, que a razão não conseguia dominar. Era d'outro! . . . Fosse qual fosse a solidez da resignação e conformidade, cimentadas em longas vigílias, perante aquelle corpo moço e bello, com o genio despreoccupado a inundal-o de graça, sentia a vibração d'um rancor oppressivo. O espirito descia, afflictivamente, os meandros tenebrosos da inveja.

N'esses dias tinha pressa de sahir, de se achar na estrada, unicamente acompanhado da sua eterna dôr. Todos os motivos lhe serviam de pretexto. O mais vulgar era a saúde e a necessidade de descanso.

Por uma d'estas contradicções, tão abundantes na alma humana, viera a apreciar mais a Suarda, quando lá não estava Helena. Então sim, então ao poder ordinario do sonho em que andava embebido, juntava-se a excitação pela presença de objectos que davam ás phantasias vigor de realidade. Via-lhe os passos, não havia canto onde elles não estivessem marcados; o seu corpo movia-se alli,

entre todas as cousas habituaes. E tranquillo via tudo na transparencia da imaginação, atravez da lembrança, que o libertava do demonio do ciume, aliás inevitavel na presença da amada.

Nas horas de mais intensa e turva melancolia, o odio voltava-se para o brasileiro. A culpa era d'elle, da sua ousada ambição. Fôra o tentador, ao qual a fraqueza do morgado, favorecida pela angelica obediencia de Helena, não soubera resistir. Mas d'essas luctas, a imagem d'ella saía sempre envolvida em sublimada pureza.

O convento, se lhe apeteçera em occasiões de grande desanimo, nunca se converteu em desejo ardente. A sua dôr parecia apeteçer mais a exacerbação que doces lenitivos.

A imaginação doentia occultava-lhe que á sua vida se associára um companheiro consolador, paciente e manso — o trabalho. Julgando viver para o amor, crendo pôr n'esta consagração o esforço heroico, destinado aos campos de batalha, mal sabia, pobre louco! que a existencia só se lhe tornára supportavel, por lhe haver juntado as doçuras da paz, quotidianamente renovada no singelo abrigo do obscuro mercador. Sempre que a doença, indo-



mavel apesar de longos periodos de remissão, o prendia no leito ou em casa, o bater das nove horas da manhã era como um signal funebre para o seu coração; e comtudo d'uma cousa bem simples o privava:—algumas palavras trocadas ao balcão com o amigo, inter- rogações carinhosas da mulher sobre as suas cousas, a quinta das Pontes e a sua saude, e depois, durante o dia, os grandes livros com os numeros alinhados, e os papeis que do- brava cuidadosamente, marcando-os e amon- toando-os em ordem: um nada, de facto, e queria-lhe quasi tanto, como aos devaneios do seu retiro solitario, d'onde animava os campos e as aguas em recolhimento de oração. Habito, pensava elle. Mas, na verdade, era uma nova alma, alma de doçura e laboriosa honestidade, que se sobrepunha a ess'outra, a alma heroi- ca, e a amparava nos errores, dando-lhe na terra apoio seguro. Não lhe fallava de luctas politicas, nem do rei, nem da constituição, nem de honra, nem de lealdade; não lhe fallava de amores, nada lhe dizia d'aquillo que fôra o alimento moral da sua mocidade. Só de cousas vulgares se occupava aquella gente, e todavia conseguira, por magica atrac- ção, sem para isso fazer o minimo esforço,

infundir-lhe no espirito sentimentos de respeito e de gratidão, inundando-o de tamanha paz, que ás vezes se punha a pensar com remorso nas lagrimas passadas e nas horas de revolta em que se julgára infeliz.

Assim, esse homem, reputado louco, parecia ao cabo dos seis annos, decorridos desde o casamento do brasileiro, ter alcançado um equilibrio perfeito: — o dia no trabalho, as tardes na quinta das Pontes ou na companhia do dr. Matheus, algumas noites na Suarda e o mais das vezes em casa, em tudo o methodo e a cautela, de que a saude bem minguada não podiam prescindir: — se havia existencia com visos de regrada e tranquillidade, era essa. Déra-se, é verdade, nova crise tres annos depois do casamento de Helena, na morte de Antonio de Noronha. Mas exteriormente nada a revelára; fôra como o mais natural incidente.

O velho que tão firme supportára a desgraça politica e as agruras da crescente estreiteza de meios, ou pela fraqueza propria da idade ou porque esta ultima dôr era mais profunda e diversa de quantas havia soffrido, desde a doença do filho começou a definhar progressivamente. Cuidava perceber

nos estranhos um redobrar de carinhos e atenções que tomava por piedade e reconhecimento da desventura; embora o coração não fosse insensível aos compassivos sentimentos, encontrados n'este novo modo de viver, pesava-lhe a confirmação definitiva da desgraça. Não duvidava, fôra infeliz. O espectáculo do filho sempre doente e por vontade propria reduzido a uma condição opposta á ambicionada, a consciencia de que o morgado trocára o seu sangue, o sangue d'um nobre e d'um soldado, pelo ouro do plebeu enriquecido em mercancias talvez abjectas, a sensação de se vêr humilhado pelos seus, vencido pelos inimigos, e por fim atraído pelo melhor amigo, tudo isto lhe deixava no espirito a impressão esmagadora de que a sua vida inteira fôra um desastre, do qual a elevação dos sentimentos tão escrupulosamente mantida não podéra salvar-o. Brio, valor, lealdade, isenção e honra, eram palavras vãs?! Respondiam-lhes oitenta annos de existencia desventurada.

— Então como vae? perguntava-lhe o medico.

— Sempre este peito muito preso.

— A primavera é que ha-de cural-o.

— Não é a primavera, não, meu doutor, continuava sorrindo. É um inverno e bem frio. Mas que importa?!

E dizia isto tão sereno, com tal scintillação no olhar, que o medico se convenceu não haver n'elle temor da morte. Que homem corajoso, deve ter sido Antonio de Noronha! comentava depois no pequeno club, onde ia jogar á noite. — Coitado, está perdido. Tem uma cachexia dos pulmões e de todo o apparelho respiratorio, que em pouco tempo o ha-de levar á sepultura. Mas é um doente, como ainda não encontrei outro! Nunca vi quem menos se affligisse com a ideia de morrer. Pois não é da velhice; os velhos ainda têm mais affêro á vida do que os novos! É uma vontade de ferro!

Não se enganava o medico. De facto, em pouco tempo, Antonio de Noronha caía de cama e em breves dias succumbiu.

Toda a villa correu a acompanhal-o ao cemiterio. Na sua perda sentia-se vagamente a falta de qualquer cousa, que enobrecia a comunidade. Nunca mais se poderá apontar ás creanças esta figura do velho tremulo e curvado, como raro exemplo de fidalguia.

Perante o seu tumulo aberto, o filho fica

a scismar, olhos enxutos e um ligeiro rubor na face. A febre e a loucura espreitam novo ensejo de o conquistarem.

— Então, não vem tomar alguma cousa? dizia-lhe a medo Maria da Piedade, algumas horas depois de ter saído o cadaver. Olhe que precisa descansar. O snr. Fernandinho já sabe! . . . Depois adoece!

— Não, não, deite-se; deixe-me ficar só.

E, receiando tel-a magoado, a desculpar-se accrescentou:

— É que eu mesmo não tardo a deitar-me. Ficando só, adormeço talvez mais depressa.

Não ia dormir, não. Queria no silencio tentar a solução d'outro problema que o atormentava com implacavel tenacidade. Sacrificios, esperanças, lealdade, desgraças do pae, e o seu amor, esquecia-os n'aquella hora, para attender a uma unica interrogação que lhe avassalava a alma. Atravez de toda a reserva, comprehendera o pae a paixão por Helena e associára-se com sympathia á sua dôr? Ou condemnára-a como ambição desmedida e desejo reprehensivel? As lagrimas esperavam angustiadamente resposta para se desprenderem; mas nem a consciencia da honesta dedicação paterna e a ingratidão, que



semelhante indifferença n'este momento representava, podiam subordinar a magua á paixão por Helena.

Longos dias essa interrogação caminha a seu lado, passo a passo; e ora se mostra em triste florir de saudade, se por acaso recorda uma phrase, indicando conformidade do pae com as mágoas do amante, ora em terrivel e gélida indifferença, se no espirito enlouquecido lhe surgem suspeitas do apartamento paterno n'adoração de Helena.

Para tudo consumir n'esse altar sacrificava o mais puro respeito, existente no seu coração. Na desvairada infidelidade ao dever de filho, tão turvada trazia a intelligencia, julgava alegremente, quasi com vaidade, praticar uma acção de justiça, acorrentando o amor do pae ao amor de Helena. Onde quer que a visse triumphante, exultava. Que mais poderia dar-lhe, que thesouros ainda descobri-ria para lhe offerecer?! E via-a, os seus braços, o collo robusto, os cabellos setinosos, um riso meigamente feiticeiro, a acolher, insaciavel, todas as offerendas!

# bibRIA

## XIII

— Minha senhora! É a snr.<sup>a</sup> morgada da Suarda!

— Manda entrar para a sala! Depressa!... E tira-me esse avental!... Nunca sabem andar em termos! Valha-me Deus.

Assim ordena atrapalhadamente a mulher do major Albergaria, dirigindo-se á creada que vinha da escada, depois de vêr quem tinha batido á porta.

Quando a creada voltou da sala, onde deixára a morgada:

— Ignez, gritou-lhe em voz abafada, o vestido azul! Mexe-te... Agora os sapatos, os de duraque, os novos. O fichu amarello?!...

Tudo isto dizia embaraçada, os dedos tremulos, apertando mal os botões do corpo do vestido, em que se encerrava a sua copiosa velhice.

— O lenço? ... e a agua de Colonia ... Valha-me Deus! Quanto mais pressa, mais vagar. Vê lá se está direito? Aqui, na gola ... É melhor pregar um alfinete. Não assenta ...

— Vae bem, muito bem ... com vagar não se arranjava melhor.

Ao fim, quando se julgou inteiramente paramentada, olhando ainda uma vez a saia, o fichu e os seus famosos sapatos de duraque, disse á creada que fosse prevenir a filha e dirigiu-se á sala.

— Oh, snr.<sup>a</sup> D. Maria Benedicta! exclamou entrando. Muito estimo vê-la n'esta casa! ...

— Ha mais tempo, cá deveria ter vindo; mas a snr.<sup>a</sup> D. Rufina bem sabe o que é a minha vida ... Além d'isso, o mez de Maria tambem me tem tomado muito. Agora, depois do casamento da Helena, falta-me quem ensaie as vozes e não tenho remedio — n'esta idade, ora veja lá! senão cuidar eu d'essas cousas.

— Eu sei, minha senhora, o que são tra-

balhos. Quando meu marido estava no serviço... — fez bem mal, eu sempre lh'o disse, em o deixar; era hoje general; o Cardoso, que é mais novo, lá foi para Vizeu commandar a divisão; vi hontem no jornal; uma situação tão boa e... rendosa; em summa, isso já não tem remedio... Quando elle estava em serviço, muitas vezes eu dizia: Tomára-me já na Eirinha, em descanso. Deus me livre d'este castigo de andar sempre com a mala ás costas! Afinal cá vim dar...

— Em toda a parte os trabalhos nos perseguem; a quem é zelosa, já se vê, interrompeu D. Maria Benedicta, querendo limitar a conversação e tremendo da conhecida facundia de D. Rufina.

— Ah, minha senhora, nem V. Ex.<sup>a</sup> calcula que trabalhos eu passei! Em Braga, nunca nos foi possível arranjar uma casa em termos! A esse tempo já meu marido era major; até algumas vezes ficou a commandar o regimento; o general gostava muito d'elle! e não é por vaidade, — elle merecia-o! Sim, porque lá nas questões do serviço... Em rapaz, o conde do Almegre, que viveu na côrte, dizia-lhe muitas vezes: — Estava aqui



um lindo ajudante para Sua Magestade. Mas elle é que nunca quiz, sempre um preguiçoso, amigo do descanso...

— Tudo merecia realmente. E era por isso mesmo que eu vinha da parte de meu marido e da minha também...

— Ah, quanto lhe agradeço, minha senhora! V. Ex.<sup>a</sup> não calcula que prazer eu tenho em a vêr n'esta casa. Não calcula! É uma honra. E a Alice também, já a mandei prevenir de que V. Ex.<sup>a</sup> estava aqui; respeita-a muito. Quantas vezes ella me diz: Eu tenho por aquella senhora uma veneração, que é como se fosse a mamã. Porque a Alice, não é por ser minha filha que o digo, sabe como ninguem apreciar uma pessoa! Eu, verdade seja, não me poupei a educá-la. N'isso, posso dizel-o alto. Mesmo o Menezes, que está hoje tenente-coronel do 14, V. Ex.<sup>a</sup> conhece-o?!...

— De tradição, observou timidamente a morgada.

— Ai, um cavalheiro! Um cavalheiro em toda a extensão da palavra. O Menezes, muito gostava d'ella. Se não fosse a diferença d'idade... Eu nunca me atrevi a fallar em nada, porque n'essas cousas

entendo que devemos deixar liberdade aos nossos filhos. Estou bem certa que se a Alice tivesse querido... Custou-lhe muito a deixal-a. Até imagino que depois d'ella aqui estar, ainda lhe escreveu. Mas as raparigas!...

A pausa alongou-se um pouco e D. Maria Benedicta imaginou chegado o momento de dizer ao que vinha.

— Eu queria não só vê-la, mas juntamente pedir-lhe, D. Rufina...

— V. Ex.<sup>a</sup> n'esta casa não pede, manda. O que sinto é que meu marido não esteja. Elle saiu ha pouco... Eu mesmo lhe digo que saia, para se distrair. Já lá vão oito annos!... Mas sempre que vem alguma noticia, nos jornaes, como esta d'hoje, da promoção do Cardoso a general, conheço que lhe faz impressão, faz-lhe muita impressão. Elle sempre fez tenção de se reformar em major; ainda assim, se não fosse aquelle desgosto da syndicancia, estou persuadida que não tinha perdido a carreira. Foi uma grande injustiça! E então elle que era tão bom para todos... Quando saiu, porque todo brioso, quiz logo reformar-se, até os sargentos choravam. E o commandante pediu immediatamente a trans-

ferencia!... Entendeu que aquillo era uma affronta ao regimento e não quiz ficar alli... É verdade! Todos o louvaram muito por essa acção.

Fez-se silencio. No rosto de D. Rufina viu-se um sorriso, que D. Maria Benedicta reproduziu tambem por sympathia e delicadeza. Alice entrava na sala.

A mãe quasi sempre se callava deante d'ella; o prazer de ouvir as dessoradas sentenças da filha era a unica cousa, capaz de lhe moderar a violenta loquacidade. Mas D. Maria Benedicta, com a sua simplicidade livre de igual fascinação, mal trocára as primeiras palavras sobre a saude da rapariga, — d'ordinario os nervos e as bronchites eram um largo thema de dissertação, novamente tentou dar o recado.

— Minhas senhoras, começou, não quero roubar-lhes o tempo...

— Ai! por nós não, minha senhora!... V. Ex.<sup>a</sup> é que... interrompeu-a D. Rufina com prompta investida, para se apossar outra vez da conversação.

A morgada, nos seus escrúpulos de fidalga delicadeza, julgando ter já pago attenção bastante á immoderada tagarelice da mulher do

major, sem se perturbar, com mansidão afoita, continuou serenamente:

— Eu vinha, minhas senhoras, da parte de meu marido e da minha parte pedir a V. Ex.<sup>as</sup> o favor de jantarem connosco na proxima segunda-feira. Como decerto já sabem, vem-nos visitar o nosso deputado Andrade e desejavamos reunir as pessoas de maior consideração da villa...

N'esta altura D. Rufina meneou brandamente a cabeça; deixando entrever por baixo do queixo o curtissimo pescoço trigueiro e enrugado, sorriu-se, ao que de prompto correspondeu a filha com um beatifico cerrar d'olhos. Ambas tremiam de não serem convidadas para a Suarda, onde se preparavam grandes festas; aquellas palavras tiravam-lhes do peito o peso afflictivo.

O morgado inventára o plano de lá mandar a mulher, pois andava afastado do major e custava-lhe humilhar-se. Assim, por terceira pessoa, e tão docil, como D. Maria Benedicta, moderava a repugnancia de se abaixar. O caso fôra que o major se aggravára pelo facto de não ter sido eleito para a presidencia da camara. Mas o Athayde resistira, affirmando que elle não tinha geito algum para

a politica, e estragava tudo. Já na provedoria da misericordia, lhe creára grandes attritos, com a mudança de boticario, deixando freguez antigo e influente. O major dizia que o boticario roubava escandalosamente; em troca os amigos d'este pretendiam — pretensões contestadas com malicia pelo Athayde, — que o Albergaria mudára, porque o novo, mercê ao que tirava da misericordia, lhe fornecia medicamentos de graça.

— Não, isso não!... repetia o morgado arrastadamente, os olhos humidos e scintillantes. Foram intrigas lá do hospital. Talvez o enfermeiro, que me parece fraca rez...

— Não diga V. Ex.<sup>a</sup> isso! respondiam-lhe os inimigos do outro. Elle precisa... Só a lombriga da filha quanto lhe consome! São xaropes todos os dias e agua de flôr de laranja!... O homem arranjou-se. E depois nós bem sabemos!... Porque foi que o reformaram? Seria por fazer economias no regimento?!

— Sim, replicava o morgado, deliciando-se intimamente com o descredito, mas quem sabe lá, como essas cousas se passaram?!

— Como se passaram!?... Elle fartava-se de roubar e pozeram-n'o na rua.



— Credo! credo! Isso não! Não digam isso! Pelo amor de Deus!...

Bem ou mal, de boa ou má vontade, era necessario consideral-o n'esta occasião. Na reunião, effectuada com o fim de determinar a maneira de receber o deputado, á qual assistiram para cima de trinta dos principaes influentes do circulo, entre elles o Santos das fabricas, o arcypreste e quanto na villa havia de mais graduado, faltára o Albergaria. Ora este era provedor da misericordia, tinham de lá ir mostrar os edificios ao deputado, a vêr se arranjava um subsidio para a reforma da egreja, que os entendidos diziam ser uma obra d'arte, e convinha acolher o homem com as honras do costume. Demais, o Athayde queria apresentar-se como senhor de todas as influencias da villa,—condição favoravel ao seu prestigio, principalmente agora na presença d'um extranho que havia de o proteger em Lisboa.

Sem hesitar, com a firmeza habitual, tratou de fazer as pazes, sem duvida proveitosas n'aquelle momento. Fôra esta tambem a opinião da assemblêa politica, reunida em sua casa. Bastante astuto para se desprender de perrices, não gostava de remar contra a corrente.

Por estes tramites, tomadas as disposições necessarias, em poucos dias, entre nuvens de poeira e affrontando o calor canicular, ás quatro horas da tarde, na estação do caminho de ferro, juntavam-se os magnates da Eirinha, á espera do deputado Andrade. Viéram quantos caleches havia na villa, ainda os mais derreados; um coupé mal pintado de verde e pouco lustroso com a pachorrenta figura do Santos das fabricas; pequenos char-à-bancs para a arraia meuda, a que pertencia o capellão, alguns vigarios das freguezias do concelho e os regedores com as luzidias rabonas pretas debruadas de fita de lã e rebeldes camisas engommadas, nas quaes as gravatas erravam estranhas, sem encontrarem canto onde ajustassem. Não faltou o caleche, forrado de seda branca, do brasileiro, com os nedios cavallo hespanhoes de longas caudas bem penteadas, e creados empertigados na libré escura e simples.

De tudo o que mais chamava a attenção era a carruagem do morgado. O povo olhava-a com respeitoso afastamento.

O barão offereceu o caleche para o deputado; mas o Athayde, sentindo-se amesquinhado pela offerta, por lhe parecer uma tenta-

tiva de superioridade, cioso do seu poderio, recusou. Fez então sair a melhor das suas carruagens, a que tinha pintado, com traços dourados, um grande braço. Também desenterrou, das arcas abandonadas, as librés mordidas da traça, que serviram no seu casamento, com as cores da casa,—colete vermelho, casaca azul, calção branco, polainas côr de camurça. Assim vestiu o cocheiro e o hortelão, trintanário improvisado, e assim os poz na rua entre as gargalhadas abafadas da creadagem, que veio á janella do pateo a vê-los partir. Mas o morgado estava em maré de vaidade, para não suspeitar sombras de ridículo na ostentação do luxo desbotado d'épocas passadas. Também não queria deixar desconfianças d'haver na villa alguém superior em grandeza. E pensando nas estradas a fazer e nos filhos a collocar, lá foi caminho da estação, cortejando risinho os que se descobriam á sua passagem, com espanto, curvando-se perante aquella magestade.

Quando entrou no largo, em frente da estação, a philarmonica tocou o hymno nacional, e elle apeou-se como um soberano entre os seus amigos apinhados e o povo que viéra atraz da musica.

Estava radiante.

O tabellião observava ao major:

— Então que lhe parece?!... Olhe que o Andrade ha-de gostar de vêr isto!

O major, sombrio, considerando a farda, unica n'aquelle logar, tocado por uma faisca de ciume, respondeu:

— Não é o que julga... Esta gente tem visto muito. Eu tambem já vivi em Lisboa, sei muito bem o que são estas cousas. Se o meu amigo visse uma recepção no paço, em dia d'annos d'el-rei? Que grandeza, e carruagens! E quasi tudo fardado!

— Sim, mas isso é lá! Pela provincia não se arranjava melhor, fique certo.

— Não duvido. Mas é preciso pôr as cousas no seu logar, replicava olhando de soslaio o presidente da camara, cujo logar considerava ter-lhe sido usurpado.

O comboio approximava-se; a philharmonica começou a tocar o hymno da carta; na gare houve um movimento de accumulação em volta do morgado, decididamente o guia d'aquelle exercito.

O Andrade, já ha muito o conhecia. Mal o viu, começou logo com grandes sorrisos e cortezias, todo reduzido a acenos de expansiva cordealidade.

Pouco mais era, de facto, do que uma larga somma de gestos. Magro, de grandes lunetas, grandes collarinhos, complicada gravata e enormes dentes, do movimento da sua figura não ficava mais que a impressão d'uma bocca a rir-se, escancarada, saindo d'uma confusão de pannos, de cabellos e objectos variados. Com elle vinha tambem um rapaz pallido, de pequeno bigode preto e olhar mortiço. Era o Pires, amanuense no ministerio da justiça e noticiarista da *Liberdade*.

Sem se deter em apresentações que guardava para a Suarda, em meio da affluencia de cumprimentos e de vivas desordenados, o morgado foi encaminhando o Andrade para a carruagem.

Ao transpôr a porta, um pouco vexado, porventura lembrando-se de que não convinha á sua magestade occupar-se de tão pequeninas cousas, o Andrade levou a mão ao bolso e tirando da carteira uma tira de papel, baixando a voz, disse:

—A guia das minhas bagagens. Se me fizesse favor...

—Ora essa! O que V. Ex.<sup>a</sup> desejar... Oh, Martins, continuou voltando-se para o administrador do concelho, tome você conta d'isto.



E o Martins foi muito contente, apressado, rompendo com o papel em punho por entre o povo, reclamar as bagagens do snr. conselheiro, como elle dizia, para melhor assegurar por esta invocação a presteza dos empregados.

A philharmonica tocou novamente o hymno, repetiram-se os vivas; as carruagens, levantando rolos de pó, largaram ligeiras para a Suarda. Com o morgado ia só o Andrade e o Pires, escandalisando-se o Albergaria que não se julgou sufficientemente compensado por ir no caleche, forrado de seda branca, do barão. Este, pelo contrario, estava satisfeito; a farda do major havia de chamar a attenção do povo, que talvez o julgasse pessoa real.

Atrazado, n'um char-à-bancs, á desfilada, appareceu o Martins com as bagagens. Limpando o suor da testa:

— Irra! dizia para os companheiros, o capellão e o recebedor. Não têm consideração com ninguém! Um tempo immenso para nada! O meu regalo era officiar já ao inspector... Depois, se a gente faz alguma cousa, chamam-nos logo auctoritarios!...

Felizmente o administrador, tão desvane-

cido e zeloso, não tardou a alcançar as outras carruagens; as malas chegaram á Suarda com o deputado. Enquanto este subia gravemente os degraus do solar, o Martins, com uma perspicacia esthetica a par da solitudine burocratica, fez entrar as bagagens pela escada interior, a da cosinha. Quando o Andrade entrou nos seus aposentos, já lá encontrou as malas e o administrador que saía, continuando a limpar do seu negro pescoço as ultimas bagas do suor.

— Ora quanto lhe devo! Que incommodo! . . . dizia-lhe o Andrade.

— Não é incommodo algum . . . muito gosto . . . muito gosto . . .

E não pôde dizer mais nada intelligivel, embaraçado com a vaidade e consideração, significadas pelo applauso e reconhecimento do Andrade. Convencido de ter dado boa prova da sua actividade, rapidamente imaginou uma possivel melhoria de situação.

A sala d'entrada da Suarda trasbordava de figuras exóticas, quasi todas caladas, visivelmente contrafeitas nos trajos e no scenario desconhecido do maior numero. Desde que por alli passára a rainha D. Maria II, era a maior festa politica dos ultimos tem-

pos. Os bons habitantes da Eirinha, tão habituados ao martelar das officinas, ao bater dos tamancos que de madrugada caminhavam para o mercado, e ao canto dos almoceves, largando para a serra ao romper d'alva, a balouçarem-se nos machos carregados de fazendas — estes homens pacíficos e trabalhadores, acostumados a discutir as eleições e as intrigas locais no adro da igreja, deixavam-se possuir d'acanhamento perante o hospede raro, que privava com os officiaes da côrte, tratando por tu os ministros d'estado e rindo-se com elles em palestras apimentadas.

Só o dr. Teixeira, com a audacia costumada, não treme, nem se enfada. Pelo contrario, com a vista medía o interior da sala, o morgado, o Albergaria, o juiz de direito e poucos mais, esperando o apparecimento do deputado; estava inquieto por dar uma prova d'intelligencia e conhecimento dos negocios publicos; para convencer e captivar o Andrade, para lhe mostrar o seu valor e preponderancia, premeditava discursos, como na audiencia para dominar o jury. Seria certo o despacho para recebedor, e — porque não? talvez um dia um logar de deputado. O

Andrade não tardava a ser par do reino; a influencia d'elle, Teixeira, crescia todos os dias; agora, senhor das boas graças e da generosidade abastada do brasileiro, muito mais cresceria; então . . . quem sabe?! — sempre a derradeira e risonha interrogação das suas ambições.

O morgado, malicioso e absorvente, é que lhe fazia sombra. Sentia-a com ciume, bastas vezes revelado. Ainda ha pouco, alli, n'um pequeno grupo, ao canto da janella, se queixava: — Elle dirigiu isto muito mal. Na estação não fez apresentações. Parecia que a visita era só para si. Francamente, não achei aquillo bem! Mesmo o conselheiro, homem todo da côrte, havia de reparar! . . .

— Sim, replicavam-lhe, é verdade; mas no meio d'aquelle povo, como queria você que elle as fizesse? Todo o mundo aos encontrões . . .

— Não importa! Para que mandou o administrador vir seis policias?! . . . Foi até para muita gente! . . .

— Você falla bem! . . . Se estivesse na situação d'elle eu queria vêr o que fazia. O morgado é um fidalgo, e sabe receber. Nós devemos estar-lhe muito agradecidos, por ter

trazido cá o conselheiro. Só o despeção de tudo isto!...

— Qual despeza, qual fidalguia! voltava democraticamente o Teixeira. Ponham-me ás ordens o dinheiro d'elle e verão! Tambem eu fico logo um grande fidalgo!... Dinheiro, muito dinheirinho! Essa é a mola real. Se elle tivesse de o ganhar, como eu!...

O odio do pleben ambicioso irritava-se com a discussão, que lhe mostrava distancias e inferioridades. Vamos já vê-lo submisso, na rastejante submissão da lisonja ávida e cautelosa.

Houve na sala instantaneo silencio das conversações e um surdo movimento de gente, afastando-se respeitosa. Reapparece o deputado Andrade sempre seguido do Pires, o jornalista. Lavado e paramentado, era sempre o mesmo da estação do caminho de ferro. Sómente os collarinhos e as lunetas pareciam ter crescido; o cabello humido e bem penteado não valia mais para a expressão da physionomia, que o chapéu pequeno e baixo de ha pouco. Sempre a ausencia d'expressão no olhar, que se perdia entre o rosto e as lunetas, transformando-se em simples reflexos vitreos; e a bocca, aquella bocca enorme, de



grandes dentes esmerados, rindo para a direita e para a esquerda.

O escrevente do tabellião Rodrigues, o Camillinho, celebrado pela muita graça entre os companheiros do bilhar, onde ia todas as noites, tentando manter-se á altura da fama e procurando na imaginação um dito agudo, segredou para o presidente da junta de parochia, de que era secretario com vinte mil reis por anno:

— Olhe que o nosso homem é exactamente como um peixe.

— Ora essa! Porque?

— Então não vê aquella bocca sempre a abrir e a fechar?! E come-os a todos, verá!

— Você tem cada uma!

Por sua parte, o dr. Teixeira não se gastava a inventar gracejos. Pelo contrario, tratando logo de se approximar do deputado, nunca mais o largou. Tinha o discurso preparado, e estava com pressa de o despejar. O morgado estorva-o a cada passo com successivas apresentações, mas elle descobre sempre meio de não se afastar, á espera d'ensejo para começar a oração.

Na primeira pausa irrompeu firme, olhando atrevidamente o Andrade:

— Eu sou um admirador sincero do talento de V. Ex.<sup>a</sup>

— Ah! muita honra... Não a mereço.

— Tenho lido todos os discursos de V. Ex.<sup>a</sup> e n'elles aprendo a julgar as questões politicas, sobretudo as questões de fazenda...

— Uma vez que V. Ex.<sup>a</sup> se interessa tão intelligentemente, já vejo, pelos negocios publicos, permitta-me dizer-lhe: — É a base, é o nosso problema capital!

— V. Ex.<sup>a</sup> conhece-o a fundo!...

— Realmente, nenhum mais importante! O Fontes, com quem conversei muitas vezes a esse respeito, — vou a casa d'elle quasi todas as noites... — ainda ante-hontem me dizia: — Você tem razão. A primeira questão a resolver é a da fazenda. Mas essa questão não se resolve, como a maior parte da gente imagina. Não é fazendo economias, como um sapateiro. É mantendo o credito e desenvolvendo as obras publicas. Parar é morrer. — Esta é a verdade, a grande verdade!

— E V. Ex.<sup>a</sup> demonstra-a com uma clareza!... No seu discurso de 23 de março, aquella comparação de Portugal com a Belgica, com a Suissa e com a Noruega, é admiravel.

— V. Ex.<sup>a</sup> leu?

— Pois não! Nunca me escapam. Aprende-se immenso, immenso, nos discursos de V. Ex.<sup>a</sup> Esse, até o mostrei ao nosso delegado, rapaz muito instruído. Gostou muito!... Muito...

— Eu procuro sempre a comparação das nossas cousas com outros paizes, porque essa é a verdadeira medida da prosperidade e progresso. Se nos atrasamos, estamos perdidos, porque...

A conversação ia proseguir entre o infinito elogio do Teixeira e a vaidosa ostentação de sabedoria do deputado, quando o morgado se abeira do Andrade:

— Perdõem V. Ex.<sup>as</sup> interrompel-os...

— O nosso juiz de direito, disse indicando um homem magro, de suissas brancas, ao lado; tem uma pretensão que eu muito encarescidamente recommendo a V. Ex.<sup>a</sup> Elle está aqui ha cinco annos e tem sido nosso amigo. Ora acontece...

E começou a expôr o pedido do juiz, que o deputado ouvia com grandes gestos de comprehensão e assentimento.

A esse tempo o Santos, das fabricas, descia a escada com o novo arcypreste, um

bacharel formado em theologia que viera substituir o padre Diogo da Cunha, recentemente fallecido:

— Isto, dizia-lhe, está a calhar para V. Ex.<sup>a</sup>, homem formado e de futuro! Eu não posso, não tenho tempo!... É só por ser agradável ao nosso morgado...

— Vamos lá, meu amigo, respondia-lhe maliciosamente o arcypreste, rapaz alegre e vivo, — aquella concessãosinha das levadas!...

— Proveito da minha terra! Para mim não peço nada! Olhe que as fabricas sustentam a villa. Se não fossem ellas, morria-se ahi de fome!... Morria-se de fome!... Eu é que sei!

Todo o resto da tarde se passou n'este desfilar de pretensões e pretendentes que o morgado, supremo tutor e senhor d'aquelle povo, apresentava ao Andrade.

O dr. Teixeira não o deixa um momento. Aproveitava o mais pequeno ensejo para mostrar interesse pela politica e conhecimento completo das circumstancias eleitoraes do circulo, entremeiando considerações que reputava de profunda philosophia; tudo de molde a mostrar aos olhos do Andrade a sua alta capacidade. Quando o prior de Villar

pedia uma variante na estrada da egreja á estação, o Teixeira logo ponderou:

—Veja lá! assim vae cortar o quintal do José Bento. Elle é capaz de se arripiar com isso!...

—Sim, respondeu o prior um pouco sacudido, e então?! Você bem sabe que isto é uma exigencia do Carvalho e na sua assembleia ninguem lhe mette dente!

—Mas podendo conciliar tudo...

—Não ha conciliações nem meias conciliações! Quando se apanha um homem, como o Carvalho, faz-se-lhe a vontade. Não parece tambem a V. Ex.<sup>a</sup>?

—Isso é lá com V. Ex.<sup>as</sup> Eu estou aqui á disposição dos meus amigos.

—O mais triste suspirou o Teixeira n'um assomo de deslumbradora superioridade, é não attender á economia e á administração. O verdadeiro traçado da estrada devia ser por fóra do logar, pela fonte. O prior bem o sabe! Mas estes senhores influentes sacrificam tudo ás suas commodidades! Tudo!

—Ás vezes ha necessidade de transigir... observou magistralmente o Andrade, com seraphico cerrar d'olhos de desillusão. V. Ex.<sup>a</sup> está ainda muito novo. Quando chegar á pra-



tica, verá. Governar é transigir. Veja essa politica da Inglaterra. Que arte, e habili-dade em se contentar só com o possivel! O ministro da Belgica, com quem muitas vezes me encontro no ministerio dos estran-geiros, dizia-me na ultima recepção no paço, que o proprio Gladstone não era menos astucioso que Beaconsfield. E eu creio-o. Transigir, transigir é a grande regra poli-tica!...

O dr. Teixeira ouvia, traduzindo em leve sorriso as suas reservas sobre a doutrina; o padre menciava a cabeça com a approva-ção doce e contente da theoria, que lhe per-mittia pedir a estrada para a casa do Carva-lho. No intimo ambos admiravam o Andrade, um submisso, o outro ancioso na aspiração de o igualar.

Já proximo da noite, veio um poeta da Eirinha. Trazia uma ode á chegada do depu-tado «radiante talento», «character sublime», «esperança e auxilio do povo laborioso e dos seus dedicados eleitores da villa da Eirinha, que o recebia no meio de galas, altiva e bella como a açucena, mirando-se nas claras aguas do rio» etc., etc. Por fim, o poeta accres-centou:

— Eu também vinha pedir um favor a V. Ex.<sup>a</sup> Queria muito, meus paes são de origem humilde e têm poucos meios, empregar-me n'uma secretaria em Lisboa. Sempre é uma grande cidade....

— Fica por minha conta, fica por minha conta, póde estar certo, apressou-se a assegurar-lhe o Andrade.

E, quando o poeta o deixou:

— Commovente, este rapaz! Que gratidão, e reconhecimento do bem que fazemos!... dizia baixinho para o Pires.

— Caramba! concluiu depois d'uma pausa. D'isto não se encontra em Lisboa. Tudo uma cambada d'egoistas e de invejosos! Aqui ao menos ha um bocado de gratidão. Hei-de vêr se lhe arranjo alguma cousa!...

Cerca das sete horas da noite chegou o governador civil. Já o morgado se havia queixado da demora; já ha muito, estavam á sua espera para o jantar, e a pobre Luciana em riscos de apoplexia por vêr as comidas a requeentarem-se. — As massas é o peor, lamentava afflicta. Seccam-se de todo!...

Mas o governador viera de carruagem; da Suarda á capital do districto eram bons vinte e cinco kilometros; tinha calculado mal

a jornada, de modo que veio com uma hora d'atrazo.

O deputado e o governador abraçaram-se com a familiaridade de quem conhecia a arcada, a camara dos deputados e os gabinetes dos ministros.

— Ora quando imaginei, que havia de o encontrar aqui! . . . disse o governador.

— Deixe lá, meu amigo, um poucachito d'este ar puro tambem nos faz bem.

O jantar, servido logo sem demora, começou solemne. O morgado convidára apenas umas trinta pessoas, as mais graduadas, e todos se sentaram em silencio religioso, no aprumo de quem tinha a exercer altos mistéres. Só o governador e o deputado, proximos de D. Maria Benedicta, cada um de seu lado, não cessavam de lhe fazer interrogações amaveis sobre os filhos, e elogios sobre a belleza do solar. Aqui e além, trocavam-se em voz sumida curtas phrases banaes.

Quando, porém, tendo comido a sôpa, o Andrade provou o vinho, foi como se uma onda de vivacidade rolasse suavemente por toda a meza.

Elle disse para o governador:

— É realmente maravilhoso. Lembra muito

o Bordeus. Valia a pena vir aqui só para conhecer esta prociosidade. Precioso!... precioso!... repetia voltando para o copo o brilho das suas lunetas.

— Tem fama n'esta região, confirmava o governador.

Emquanto o morgado despretenciosamente observava que esta não era talvez das melhores colheitas, d'um a outro extremo da meza a conversação propagou-se. Todos tinham vinhos magnificos, todos conheciam quintas afamadas; entre exclamações e libações comparava-se o Douro e a Beira, a Bairrada, Torres, Bucellas e Lavradio.

Aquecida a companhia, dissipou-se a solemnidade dos primeiros momentos; o paladar regalado eclipsou politica, reservas e conveniencias, para as trocar pela descuidada vivacidade, em que o corpo disputava victorioso a primazia.

Nem o Andrade escapou a esta rija vibração do novo espirito. Tambem elle, quasi esquecido da politica, ia interrogando D. Maria Benedicta sobre a filha, a baroneza. A morgada affirmava-lhe que a filha se approximava dos trinta annos e lhe déra já tres netos, o mais velho dos quaes tinha oito annos. Mas

o Andrade, fitando muito a baroneza, protestava: — Impossível, minha senhora, impossível! Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> . . . Não posso crêr!

E D. Maria Benedicta, no mais innocente contentamento, insistiu que era assim mesmo; graças a Deus, todos os seus filhos tinham sido sempre muito robustos.

O jantar terminou tarde, arrastado n'uma abundancia sem fim. Esperava-se grande discurso do Andrade, mas ou por muito fatigado ou por querer guardar-se para melhor occasião, para quando visse maior ajuntamento, foi breve. Agradeceu a hospitalidade do morgado, elogiou a villa e as fabricas, estava alli para conhecer as necessidades dos povos que tinha a honra de representar em côrtes, para os quaes seria eterna a sua gratidão.

O dr. Teixeira, esse não foi breve. Espraçou-se a contar a historia do Andrade, alternando as lisonjas com observações politicas a respeito do paiz, da liberdade, de riqueza, desenvolvimento material e viação accelerada. Queria conquistar as boas graças do deputado, porventura revelar-se superior ao morgado, que n'aquella occasião não podia vêr sem inveja.

Talvez aproveitasse o tempo; quando ter-



minou, o Andrade disse para D. Maria Benedicta:

— Este rapaz parece-me intelligente. Muito vivo, muito vivo!

D. Maria Benedicta, que nunca se mettia a criticar a intelligencia alheia, só ponde responder:

— É muito amigo do meu genro.

Pela meia noite estava a Suarda em silencio, cerradas as portas e janellas; por toda a casa a atmospheria morna impregnada da humidade do ar, respirado por aquelles vastos e poderosos pulmões dos abbades e regedores, rescendendo suores humanos e fumo de tabaco; das vitualhas, dispersas pelas mezas da cosinha e da sala do banquete, entre flores, pratas e cadeiras em desordem exalam-se aromas gordurosos. O morgado calculára que o Andrade havia de querer recolher-se cedo; por isso, mal elle acabou de conversar com o governador civil, apressou-se a dissolver a reunião.

Para o dia immediato desde logo traçaram o programma; antes do almoço a visita á Suarda e ás propriedades da casa, mais proximas; depois, ao meio dia e seguidamente, visita á camara municipal, ás egrejas,

á misericórdia e ás fabricas; á tarde, passeio no rio, e á noite, jantar e baile em casa do barão.

Logo pela manhã, veio o dr. Matheus.

O Athayde, cujo espirito era despido de scintillações, tinha naturalmente um fundo de ponderação maliciosa, que d'ordinario o deixava sair-se bem em todas as conjuncturas. Não se fiou em si para fallar de coisas agricolas ao deputado. Embora muito pratico na arte, proprietario e lavrador assiduo na administração dos bens, desconfiou do seu saber e chamou o dr. Matheus. Outro não havia mais competente na villa e cercanias para fallar de lavoura. Tinha fama, e muito justa. Até os simples trabalhadores o acreditavam ás cegas, tantas vezes haviam observado a efficacia dos seus conselhos e recommendações.

Por isso o morgado quiz, que o doutor acompanhasse o Andrade na sua visita á quinta e ás terras. Era um guia unico; explicar-lhe-ia maravilhosamente toda a cultura e economia da localidade.

O dr. Matheus foi pontual, mas o deputado não o foi menos. Á hora aprazada, ás oito, eil-o na sala, barbeado de fresco, em trajos primaveris, collete branco, gravata clara,

macio casaco alvacento bem talhado, sempre confundindo n'um só movimento de vibrante materialidade o riso, o nariz, os reflexos da luneta e respectivos aros d'ouro.

O Pires, fiel companheiro, ahi estava tambem com a mesma pobre roupa que trouxe na jornada e pela manhã escovou severamente, tentando em vão dissipar alguma nodoa e restituir-lhe um brilho de novidade, desaparecido ha dois annos. O pequeno ordenado não dava para mais. Aquella dedicação ao Andrade significava apenas o desejo de melhorar de situação e de roupa.

— Então . . . a caninhol! Se V. Ex.<sup>a</sup> não mandar o contrario! . . . exclamou o morgado, dirigindo-se ao Andrade, depois de mutuamente se informarem da saude de cada um, tendo averiguado que todos se sentiam na melhor disposição d'espirito.

E lá foram pela quinta abaixo, seguidos do capellão que na sala de jantar se lhes juntou.

O dr. Matheus explicava a natureza dos terrenos, schistos na maior parte, permitindo ás raizes das plantas insinuarem-se a grandes profundidades. Assim, por esse motivo aquellas terras, apparentemente estereis e aridas, não

o eram na verdade, quando convenientemente arroteadas. O morgado, dizia o doutor, trabalhára muito. Não imaginava o Andrade que grande somma de hectares trouxéra á cultura, quanta charneca convertêra em boa terra de pão!

O Andrade sentia-se mal. Nem na arcada nem no ministério encontrára lavouras. De terra nada sabia, a não ser do pó em dias de calor e de lama no tempo de chuva. Vale-ram-lhe recordações de Cintra e a lembrança da quinta das Olaias, propriedade do conselheiro director geral do seu ministério. Com isso e a informação sobre umas plantas novas, de muitas côres, chamadas begonias, ia seguindo as explicações do dr. Matheus, esforçando-se por as acompanhar, mas desentoando a cada instante.

O doutor, porém, na crença de que um deputado devia saber mais de lavoura e economia agricola que todos os proprietarios e advogados da Eirinha reunidos, na sua natural modestia attribuia as digressões desconcertadas do Andrade á inferioridade do discurso, e por isso esforçava-se para o tornar attractivo.

Ao passarem por um cordão de videiras

moscateis, o doutor chamou-lhe a atenção para ahí.

— Ora veja, dizia risonho, a boa fortuna do nosso morgado. São todas moscateis e não ha uma só tocada do *oidium*!... É um privilegio d'esta quinta. Uma casta, tão sujeita á molestia, aqui vinga sempre! Eu canso-me com ella e nunca chego a ter cachos como estes, enxofrados uma só vez! Um privilegio!... Deus lh'o conserve porque é caridoso com os vizinhos. As que me deu no outomno, continuou voltando-se para o Athayde, conservei-as até ao natal!

O Andrade não quiz mostrar-se pobre em sabenças de viticultura. Tinha no ministerio das obras publicas um agronomo, seu amigo, que conhecia tudo isso perfeitamente. Até escrevera um livro, dizia concluindo, sobre a ... a podôa.

O doutor, na boa fé que sempre lhe assistia, ficou um pouco intrigado com o tal livro sobre a podôa, não sabendo se o Andrade se enganava, trocando póda por podôa, se realmente se tratava d'um trabalho sobre novo systema de podões. Suspeitou e olhou para o morgado. Mas este, que na sua campesina malicia já ha muito percebera a ignorancia



do Andrade, tinha os olhos fitos no chão, com desdenhosa indiferença aos equívocos do deputado.

Ainda assim, o doutor não desanimou. Avistava-se no alto do valle a aldeia da Gandara; a proposito, entrou em observações economicas e juridicas.

— Esta gente, ponderava, vive mal. Encontra-se entre duas espadas. Por um lado não tem capital. As industrias estão rendendo bem e pagam melhor juro que a lavoura; absorvem-no todo. Por outro lado não tem terras; quasi todas estas eram vinculadas, e embora a cultura esteja muito retalhada, a propriedade encontra-se ainda em poucas mãos, que fazem a lei em materia de rendas. Por fortuna podem supprir com a fabrica as deficiencias da agricultura. Para mim, tudo isto é um problema; não sei bem qual será o futuro d'essas lavouras; os elementos da sua economia, já pelo effeito da constituição da propriedade, já pela visinhança das industrias, tornam esta questão d'uma tal complexidade que não me parece facil prevêr-se a ultima solução.

A conversação ia subindo. O Andrade, não querendo ficar inferior á elevação do

assumpto, julgou occasião de expôr tambem o seu pensamento.

Tinha lido, no *Jornal do Commercio*, um artigo sobre caixas economicas e pensou ter aqui boa applicação.

— Uma necessidade para toda a lavoura e para a industria é a creação das caixas economicas. A minha opinião é que o governo devia tomar a iniciativa; ainda ante-hontem instei com o ministro das obras publicas para elle levar este anno á camara um projecto de lei sobre as caixas economicas. Vinculava o seu nome a essa grande obra. Elle disse-me, confessava interrompendo-se, que o fizesse eu e elle o apresentaria; mas, com franqueza, nem tenho tempo, nem estou para aturar tanto trabalho!

— Faz V. Ex.<sup>a</sup> muito bem! disse o morgado apoiando.

— Sem duvida, emendou o Andrade, as caixas economicas devem ser um grande beneficio! Oh! muito grande!... Porque não é só a questão de dinheiro; é tambem a questão moral, os habitos de poupar e a mutualidade de serviços. Lá fóra, na Belgica e na Allemanha, quasi não ha aldeia sem caixa economica. A minha opinião é que, quando os

governos não tratem de as crear, devem constituir-se por associação. E V. Ex.<sup>as</sup> podiam perfeitamente . . .

— É verdade, é verdade! . . . Era muito bom! disse o dr. Matheus. O meu collega dr. Teixeira é tambem da opinião de V. Ex.<sup>a</sup>; quer uma associação agricola com caixa economica, seguro de gados . . .

— E porque não?! interrogou o deputado com voz de surpresa.

— Não digo que seja mau, responde o doutor, mas antes de haver caixas economicas, são precisas economias e eu não sei em que estes desgraçados hão-de poupar. Já vivem tão pobres! . . .

A observação embarçava o deputado. O argumento era imprevisto no artigo do *Jornal do Commercio*, e elle não conhecia outro auctor. Mas habilmente, desviou a conversação, sorrindo-se satisfeito pela vaidade da sua agudeza.

Estavam no fundo do valle da Suarda; em face o ribeiro todo branco d'orvalho, junto á azenha. O Andrade fitou-o; compondo a luneta, como dominado por uma subita observação, perguntou:

— Aquillo branco, que se vê além, é cinza para adubo?

— Não! não! ... apressou-se o morgado a responder. É orvalho.

Então o doutor desilludiu-se. Bem convencido, por este ultimo relampago, da especie politica que tinha deante de si, não se cançou com mais observações. D'ahi em deante reparou apenas, que elle andava com muito cuidado para não humedecer os sapatos novos, primorosamente apertados com fitas de seda.

Quando os dois se viram sós, na sala de jantar, enquanto o Andrade entrava no quarto a retocar algum enfeite da sua pessoa, desmanchado pelo passeio, o morgado, piscando os olhos, quanto mais contrahidos mais fuzilavam de malícia:

— Então que me diz?! ... exclamou com firmeza.

E ambos, um com doce bonhomia, o outro indifferentemente caustico, soltaram uma boa gargalhada, aldeã e sonora, sadia como o sol, que entrava alegre e a flux pelas janellas, toucadas de trepadeiras.

O dia passou-se pelas fabricas e pelos edificios publicos da villa, entre philarmônicas, foguetes, acclamações, discursos, e ramalhetes ora offerecidos pelas creanças do azylo, ora trazidos pelas raparigas das fabricas em

trajes da sua terra, a saia curta e redonda, grandes arrecadas nas orelhas e o pequenino chapéu debruado de velludo.

Com isto andava o deputado contentissimo. Nunca tal tivéra. Respondia ás sandações, cumprimentava já tão majestosamente desprendido e risonho, que pelo gesto se julgaria um legitimo soberano.

Ao cair da tarde levaram-n'o pelas margens do Véro; refrescado o corpo, entre os humidos salgueirae, dos ardores da calma, do triumpho empoeirado e do ar espesso das officinas, foi á Suarda paramentar-se para o jantar e baile do barão.

Depois do povo, a riqueza. A festa do barão, no juizo dos melhores criticos da Eirinha e no proposito d'elle mesmo, havia de mostrar aos olhos do Andrade, que a opulencia dos argentarios da provincia nada ficava a dever, em elegancia e valor pecuniario, aos regalos dos Cresos da capital. Era uma ostentação para indigenas e estranhos, destinada a firmar de vez o poderio do brasileiro, a confundir e eclipsar os luxos aristocraticos da Suarda, a fama do agiota Santos.

No vestibulo do Paço da Eirinha, entre pedras toscas enfeitadas com heras e fetos, fez



o barão armar um tanque com repuxo, espargindo agua em volta, sobre as plantas. No fundo brincavam os peixes vermelhos, manchados de negro; pela sala espalhava-se o cheiro acre de verdura triturada.

Tudo aquillo era obra d'um curioso da villa.

— Está bem feito!... O rapaz tem muita habilidade e gosto, dizia um dos convidados ao entrar.

Mas o parceiro, que ia ao lado, para se mostrar superior ao deslumbramento, replicou convencido do seu muito espirito:

— Parece um S. Joãozinho! Só lhe falta a imagem.

E outro invejoso, reparando nos louros, concluiu com desdem:

— Parece mas é uma salgadeira!

A musica estacionava no jardim.

Quando se approximou a carruagem do morgado com o Andrade, ouviu-se o hymno real e o barão veio recebê-los á porta.

Estava de casaca e collete branco; distinguia-se muito, porque trazia a camisa empolada de refolhos lustrosos, dois enormes brilhantes nos botões, e principalmente uma gravata branca com as pontas bordadas a seda,

assombro dos janotas da Eirinha, que ignoravam taes primores.

Entre o barão e o morgado, o deputado subiu a escada, coberta ao centro com o tapete novo, que o estofador trouxéra de Lisboa quando veio mobilar a casa, mas guardado até agora para não se traçar.

Na sala estavam os convidados, numerosissimos. O barão alargára-se nos convites. Aspirava a conquistar a Eirinha pela generosidade e pelo esplendor.

As damas eram poucas, amesquinhas, reduzidas a um pobre caduco farrapo, perante a figura dominadora de Helena. Vestida de setim branco, os braços nus, emergindo de rendas finas, o cóllo afogado em perolas e brilhantes, os cabellos levantados e presos no alto da cabeça, movia-se como a estatua animada da sensualidade harmoniosa e feiticeira, com a impassibilidade propria do vazio intellectual.

Ao lado d'ella estava um homem baixo, obeso, a fronte deprimida, o nariz adunco, o cabelo branco, cortado rente. O ventre era a feição capital; avançava, como a prôa d'um cahique, muito adeante da linha do longo nariz, que continuando a do craneo fazia com

elle qualquer figura, semelhante á pedra d'um lavadouro.

— Meu pae... disse o barão apresentando o velho.

— Ah!... Muita honra em o conhecer, respondeu o deputado, a quem a belleza de Helena subitamente desprendera a lingua. Quando o homem se eleva pelo seu trabalho e sabe educar os seus filhos, é uma gloria para si e para a sua terra. Eu já hontem tinha dito ao nosso querido barão, que é uma joia... não é por estar presente... creia V. Ex.<sup>a</sup>! Já hontem lhe disse que não me queria ir embora sem cumprimentar a V. Ex.<sup>a</sup> Era meu dever e além d'isso tinha muito gosto...

O pae do barão rematou o discurso incompleto do deputado, murmurando um: — Muito obrigado, duas vezes repetido; e o Andrade lá foi pelas salas fóra, distribuindo mesuras, agitando os reflexos da luneta, soltando banalidades louvaminhas, para encanto e satisfação dos eleitores maravilhados de tanto talento, tanta riqueza, tão superfina cousas que brotavam entre os labores da Eirinha, como os cogumelos n'um jardim.

Não tardou o jantar. D'aquellas salas de

cadeiras douradas, cujos estofos de seda, distendidos pelas molas d'aço novas e rijas, cresciam sobre o apoio fragil de pés delgados e curvos, contrastando com os negros moveis de pau santo e sóla, que davam ao solar da Suarda um character de solidez e riqueza quasi consciente, deputado e convidados passaram todos á sala de jantar.

Rasgando paredes antigas, o barão aproveitára para ella uma extensa varanda, assente sobre arcos, envidraçando-a; — galeria magnifica, alumiada, vasta, em frente d'um largo jardim. A meza tinha logar para sessenta pessoas; n'este dia, o dia da suprema gloria do barão, como senhor da Eirinha, havia ainda ao lado pequenas mezas para os intimos e os de graduação inferior.

Influentes politicos, homens ricos, fidalgos parentes do Athayde, abbades e regedores, quanto podia ter valor social de qualquer especie, o barão não deixou nenhum por convidar. Pelos fumos da imaginação passaram-lhe novas estranhas figuras; via-se deputado, governador civil, talvez conde e par do reino. Floria alli o seu plebeismo, mesquinhamente ambicioso de dominios e fatuidades.

Sobre este ponto o Andrade disputava-lhe

primazias. Enquanto um ambicionava engrandecer-se, o outro suppunha-se já engrandecido. Por isso a festa, com o coro de gentes aturdidas pela excitação da sensualidade, ia correr em perfeita harmonia de estulticia, presumpção e intentos ridiculos.

A mesclada companhia abançou. Ricas toalhas brancas, tecidas na Inglaterra, crystaes francezes, pratas e louças, tudo era novo. O barão pretendeu montar uma casa luxuosa, mas tamanho valor dava aos objectos, que os guardára até então, como sagrados, sem d'elles se servir. Por mais que comprasse, jamais compraria uma alma de delicadeza aristocratica, apreciadora do uso das cousas bellas, comprehendendo-as; por outro lado, a materialidade de Helena concordava á justa com a rudeza incorrigivel do esposo. Tambem ella reduzia sem constrangimento as suas necessidades á cama macia e tépida em que alongava preguiçosamente o somno, ao cultivo cuidadoso da entranhada gula, bem tratada por cosinheiro caro. Assim, todos esses moveis, adquiridos a peso d'oiro, saíam agora pela primeira vez, em exposição; no dia seguinte voltariam aos seus ninhos, as pratas envoltas em papeis de seda e as toalhas bem



dobradas dentro dos armarios; haviam de enfronhar-se as poltronas em vestiduras brancas e a passadeira da escada recolher-se-ia enrolada, com camphora, por causa da traça. Nem o marido nem a mulher sabiam servir-se de nada d'isso; elle sempre no escriptorio ou na rua, tratando politica e negocios, ella ou arrastando-se pelas proximidades da cosinha a farejar glodices, ou em continuados passeios á Suarda, exercicio principal da sua ociosidade.

Todavia, o Andrade sentia-se embriagado. As aclamações e as riquezas entonteciam-n'o. Não ficava longe do barão, apreciando as cousas pelo custo pecuniario. O verdadeiro e supremo criterio para elle era o preço, a conta do estofador. Imaginava-se mergulhado em grandes riquezas. Mas talvez não fosse só isto o motivo da exaltação. O breve discurso, com que de taça em punho vae agradecer aos seus hospedeiros e ao povo da Eirinha, dir-nos-á talvez um pouco mais sobre o seu estado d'espírito.

Estamos chegados ao fim do jantar. Já o barão bebeu á saude do deputado. Ergue-se este para lhe responder:

Na sala, toda a noite desinvolta com liber-

dades e vozeria, nunca occorridas na Suarda, pelo respeito ao Athayde, em casa porém do brasileiro auctorisadas pela vaga consciencia de igualdade, senão de superioridade, houve um esmorecer de ruido. Pousados os talhe- res e parados os creados para não cortar o silencio, n'esta mudez de curiosidade attenta, lá do centro ouviu-se em voz petulante:— Meus Senhores! Depois, uma pausa, como para verificar a calma e o silencio; de novo a voz repetiu:— Meus Senhores!

Fallava o Andrade. E disse:

«Faltaria aos mais sagrados deveres de homem publico, de cidadão e de simples amigo, se deixasse esta antiga e tão nobre villa da Eirinha sem lhe protestar com toda a força do meu coração commovido a profunda, indelevel, eterna gratidão, que solememente juro, pela maneira bizarra e immerecida (*Não apoiado, clamou o dr. Teixeira.*) com que me recebeu.

Nobre villa! Nobre pelas suas tradições de fidalguia tão illustremente representadas na pessoa de S. Ex.<sup>a</sup>, o venerando morgado da Suarda, Antonio Pereira Athayde da Silveira e Faro, com cuja amizade me honro! Nobre pelo trabalho e pela industria que a põem na

vanguarda da civilisação e do progresso com os milhares de fusos movidos pelas aguas das suas bellas levadas, que ainda ha um instante tive o gosto de admirar! Nobre pela actividade e intelligencia do seu povo de que o nosso amphytrião, o meu presado amigo snr. Barão do Paço da Eirinha e seu digno pae, nos dão um alto exemplo, para o qual todos devem olhar!

Confundem-me, meus senhores, as galas e acclamações que sinto em volta de mim e me perturbam pela expontaneidade, pelo luxo e pela delicadeza. Não, não quero acceital-as como homenagem á minha humilde individualidade que as não mereço! . . . *(Aqui fez uma pausa á espera que o negassem, mas como todos começavam a estar maravilhados com a elevação do discurso, ninguém se atreveu a dizer uma só palavra)*. Permitti que as não acceite. Não são para mim; são para a ideia que defendo e para o partido de que sou o mais obscuro soldado; são para esse sublime ideal que pela viação accelerada engrandece a patria portugueza e a colloca no rol das grandes nações; são para esse homem de genio, para esse estadista de quem um outro homem, tambem gloria do

nosso paiz, disse com toda a justiça que era grande de mais para tão pequena terra; são para o chefe de todos nós, são para o illustre presidente do conselho de ministros, o snr. conselheiro Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Foi elle que com o seu olhar d'aguia, com aquella portentosa attenção que o faz vêr ao mesmo tempo as mais pequeninas cousas e as maiores, provendo a todas as necessidades publicas, como Napoleão que até cuidava do calçado dos seus soldados, foi elle que ao fazer-se o traçado da primeira via ferrea do nosso paiz exigiu e quiz que passasse n'esta villa, reconhecendo-lhe a sua importancia; já então era muito grande e, graças a este maravilhoso invento do progresso, muito maior será no futuro. Foi elle que juntou a esta comarca as freguezias de S. Christovão, Alumieira, Paço, Pova e Villarinho, fazendo-a elevar á primeira classe e dando-lhe assim toda a consideração merecida, e até aquelle tempo injustamente negada. Foi elle que fez construir esse edificio para a escola primaria, que ahi se ergue altivo na vossa praça principal, um dos melhores e mais elegantes do paiz, para os vossos filhos receberem educação

com todo o conforto e commodidades modernas, para á riqueza juntardes a instrucção, essa arma poderosa que revolve as montanhas e opera os milagres, assombro da humanidade. Foi elle que a pedido do vosso nobre patrono e meu prezado amigo, o snr. morgado da Suarda, fez construir a estrada d'esta villa ao rico valle de Pereira, attrahindo aqui o importantissimo commercio d'essa região, cujos vinhos estão sendo procurados para a exportação e já teem fama no Brazil. E ainda será elle que ha-de lançar sobre o rio Véro a ponte metálica, presentemente a vossa grande ambição, para completar a rede das vossas communicações com os povos vizinhos, pondo-vos em intimo contacto com as povoações da serra, que outra cousa não ambicionam tambem senão uma ligação directa com o caminho de ferro.

E tudo mereceis! Bem o sei. Recordando estes factos eu não quero fazer offensa á vossa gratidão que reconheço ser profunda. Quero apenas, como representante d'este circulo em côrtes, mostrar-me solidario com os vossos sentimentos e aspirações. Não vim aqui senão para conhecer das necessidades do meu circulo (*Ouvem-se alguns bravos*) e para as advogar



com todo o ardor do meu coração e com todas as poucas forças da minha actividade e da minha intelligencia (*Novos bravos*). Ficarei para sempre ao serviço d'esta villa e do meu partido (*Repetem-se os bravos com mais calor*) julgando-me honrado por consagrar a minha vida a uma causa tão alta, tão nobre e tão digna! (*Enorme salva de palmas e bravos unanimes com enthusiasmo.*)

Não quero, meus senhores, fatigar mais a vossa attenção. (*Não apoiado, voltou o dr. Teixeira que não queria perder o ensejo de mostrar os primores da sua comprehensão.*) Vou terminar.

Não posso porém fazel-o sem recordar os encantos dos sitios que acabo de percorrer e a formosura do bello sexo d'esta terra, que já é tradicional em todo o paiz. Permitti-me esta homenagem á belleza, depois de ter feito justiça á vossa grandeza politica. E, fazendo-o, eu brindarei primeiramente pela snr.<sup>a</sup> Baroneza do Paço da Eirinha, alma nobre e generosa, em quem Deus quiz associar á gentileza e á elegancia todas as graças do espirito. Brindo a S. Ex.<sup>a</sup>, com todos os protestos da minha admiração e respeito, e brindo a seu Ex.<sup>mo</sup> marido, este filho do povo que pela energia

e pela intelligencia soube engrandecer a terra natal, trazendo para aqui toda a sua avultadissima riqueza e consagrando-lhe a sua muita actividade! Brindo pela illustre familia da Suarda, palladio d'esta villa e seu legitimo orgulho! Brindo pelo venerando ancião que é o pae do snr. Barão da Eirinha, esse ancião que não duvidou deixar a sua modestia e o seu retiro, para vir aqui juntar-se a esta festa deslumbrante! Brindo, finalmente, meus senhores pela villa da Eirinha, tão dignamente representada nas poderosas individualidades, que acabo de citar!»

O deputado sentou-se; recebeu os parabens dos convivas proximos, agradecendo sorridente: de novo repetiu-se o silencio que precedera o discurso. Todos maravilhados, n'esta primeira impressão d'espanto, calaram-se.

O Santos, que ficou ao pé do major Albergaria, disse-lhe:

—D'isto é que nós havíamos de ter cá no tribunal! Para advogar as nossas questões!...

Com um advogado assim, calculára, não escapava á ruina nem um só dos muitos penhorados.

Mas o major, embora estivesse convencido

da eloquencia do Andrade, querendo mostrar-se superior, replicou:

— Que diria o meu amigo se ouvisse o Fontes, como eu muitas vezes o ouvi na camara?!... O Fontes... e outros! Olhe que eu ainda me lembro do José Estevão!... Uma vez até mandou sentar o Pinto Coelho!... Elle sentou-se!... Sim!... Elle sentou-se!...

Comtudo, alguém havia de responder ao Andrade. Depois d'um momento de hesitação medrosa, o dr. Teixeira com a sua habitual audacia salvou a situação. O barão fez-lhe um pequeno aceno com a cabeça e o dr. levantou-se.

Não foi feliz. Na vespera esgotára a melhor sabença; hoje sentia-se fraco perante o deputado, no seu entender, d'uma habilidade consumada. No breve discurso esteve sempre a mastigar riqueza, progresso, respeito, dedicação e eterna gratidão.

Terminado o jantar, quando se reuniram na sala, desvanecida a primeira impressão de surpresa, os commentarios divergiam. Com os applausos da gente grave, principalmente dos funcionarios que o Andrade despachára, dos proprietarios a quem servira com estradas, com a isenção de filhos e creados do serviço

militar, misturavam palavras mordazes os incredulos e descontentes.

— Eu já conheço isto muito bem, dizia o pharmaceutico. O que elles querem é que os elejam. Amanhã, se deixarem de ser deputados e nos virem em Lisboa, não nós conhecem! Isto não é dizer mal, eu até lhe devo favores!... Quando o meu filho teve de fazer exame de pharmacia, foi elle que lá o recommendou... Mas é assim! A verdade deve dizer-se. Muito boas pessoas, muito boas pessoas... enquanto lhes convem!

Aquell'outro rapaz, o Camillinho da muita graça e má lingua, esse apreciava as cousas a seu modo.

— Esperto, o homemsinho, dizia, mas não caça ratos! Guardou o melhor do discurso para a baroneza. Não se lhe péga a bocca a tójos!... E o nosso *Cainça*?! accrescentava, baixando a voz. Venerando!... Nem mais nem menos!

Mas o dr. Teixeira, ao ouvir a phrase mordente, voltou-se logo em defeza do pae do seu lucrativo amigo, o brasileiro.

— Disse muito bem! replicou com impertinencia. É menos que os outros por ser um filho do trabalho?!

— Não, não é, responde o rapaz. Sim, filho do trabalho e do contrabando.

— Que importa lá isso? Nunca foi um crime. O estado é que nos rouba, não somos nós que roubamos o estado.

— Tudo isso é muito bonito; mas não fosse a baroneza estar ali com aquelles braços ao leu, que são de tentar um santo, e eu queria vêr se o Andrade achava o *Cainça* venerando?!

— Achava, sim senhor! Pensa que esta gente de Lisboa, gente instruida e educada!... Pensa que esta gente se prende lá com essas cousas?! Ali todos são iguaes. A verdadeira grandeza está no talento e na riqueza. Igualdade! É o grande principio democratico, a grande ideia do *contracto social*.

O rapaz, ignorante de taes doutrinas e epithetos, não desanimou; desviando o golpe, estaca victorioso.

— Cantigas! Olhe, dizia quasi ao ouvido do Teixeira, sabe o que é o *Cainça*? É grande um malandro. Pergunte-o ao Lopes, ao escrivão, que ainda lá tem o processo e...

— Isso não é para aqui, atalhou o doutor, confundido com a brutalidade da arguição. Podem ouvir e não parece bem...



O rapaz tinha razão. Com a sua natural vivacidade e malquerença, descobrira a origem da eloquencia elogiosa do deputado. O lisboeta estava perdido com a opulenta e sadia formosura de Helena. Já não saía de ao pé d'ella; esquivava-se ligeiro aos politicos que o perseguiam a perguntar-lhe se ia bem impressionado com a Eirinha, a indicar-lhe boas medidas politicas e melhoramentos locais ainda melhores.

— Encantado, encantado! respondia cerrando os olhos beatificamente. E voltava logo a procurar a baroneza, como quem se apressa a cumprir deveres de cortezia.

Eil-oahi está junto d'ella, de perna cruzada, derramando na sala o brilho dos sapatos de polimento, novos, feitos para esta jornada. Já um aspirante a janota reparou nas solas pretas. Com reconhecimento de inferioridade, lembra-se magoadamente que o seu sapateiro, o melhor da Eirinha, nunca lh'as tingiu de preto. Quando muito, costuma polil-as; ficam côr de camurça e escorregadias. Assim, nunca vira.

De resto, a noite era de feição para os fumos amorosos do Andrade. Este baile, que o brasileiro phantasiára, corria suporifico. Na

villa e cercanias não havia gente bastante para grandes bailes, nem os costumes provincianos supportam a coincidência n'uma mesma pessoa de comilão e dançarino. Como a maior parte dos convidados comera á farta e bebera na respectiva proporção, até com excesso nos menos cautelosos, havia nas salas um torpor de digestão felina, preguiçosa e somnolenta.

Demais faltaram muitos rapazes, que não tinham casaca e se envergonhavam de vir em outro traje; o numero das meninas reduziu-se tambem, pela despeza de vestidos novos.

O Andrade ficava, pois, muito á vontade. Sem escandalo podia repetir as valsas com Helena.

— Ah! S. Carlos, S. Carlos! . . . É brilhante. Eu não posso viver sem aquillo. Não sei! . . . É uma falta! . . . Lá V. Ex.<sup>a</sup> será rainha! Póde crêl-o! Queira Deus que seu marido continue n'essa ideia de ir passar dois mezes no inverno a Lisboa. Que felicidade para mim! Uma grande felicidade! . . .

Ella escutava sorrindo. Tinha muito quem na Eirinha lhe fizesse a côrte; mas, gente apaixonada, murmurando declarações graves, sombriamente secretas, quasi tragicas, timidas, por meias palavras. Com aquella afouteza,

com tão pouco respeito por ella e pelo marido, era o primeiro. Deixava-lhe uma impressão de franqueza e liberdade, de desprendimento das conveniencias embaraçosas, de imposturas e de mentiras; — frescura de inanidade plena, pureza de sensualidade, divorciada de toda a reflexão! Era um banho de materialidade, onde o seu corpo boiava com a leveza de quem alijou o peso incommodo dos sentimentos.

— Muito sympathico, muito sympathico!...

Com estas palavras Helena communicou a Alice, que continuava a ser a amiga intima, o seu juizo sobre o Andrade.

— Eu não te dizia?!... interrogou ella, em tom d'uma convicção confirmada. Triste de quem vive na provincia!...

No dia seguinte, de manhã, voltaram as philarmonicas á estação; entre vivas e foguetes, o Andrade partiu para Lisboa, acompanhado do Pires, o seu fiel. Levava um caderno de pretensões fechado na mala; no peito uma grande saudade, uma inquietação de desespero.

— Caramba! dizia para o Pires, atirando-se sobre o banco da carruagem. É muito linda!

— Lá isso é! Não ha duvida!

—Se a apanho em Lisboa!... Você não se esqueça de fallar d'ella na noticia!...

Mas o Pires não adeantou conversa. Habitado ás mais parcas refeições,—tinha só o ordenado e 9\$000 reis por mez do jornal,—alargára-se um pouco no jantar do brasileiro. Agora, estava cansado; sentia os olhos pesados, um ardor de febre, mortificação de todos os órgãos.

—O que eu levo é uma seccura dos diabos...

Foi esta a manifestação do pensamento dominante do Pires, ao deixar a Eirinha. E bailavam-lhe nos olhos semi-cerrados imagens de ucharia, lombos de porco cercados de batatas, pernas de vitella bem córadas no forno, leitões, perús, aves e caça com as gottas de azeite a nadarem no molho de villão, enormes travessas de arroz doce, vinhos sem conta matizando a meza de brilhos, que lembravam resplandecencias de pedras preciosas.

Dentro de quinze dias, o barão era feito visconde.

—Sempre apanhou! disse na botica o Camillinho. Fica elle visconde... e a mulher tambem fica viscondessa. Eu é que os conheço!... Olé! se conheço!...

bibRIA



#### XIV

Nos ultimos tempos de Antonio de Noronha, proximos d'aquella crise de paixão do filho por Helena, déra-se um incidente, insignificante em qualquer outra casa, mas com a estreiteza do seu viver domestico poderia ter sido de perturbação grave. Maria da Piedade, a unica creada, a providencia activa e zelosa do mingoado casal, a desinteressada companheira na desgraça, e verdadeira mãe do seu filho, casára-se.

Não fôra por capricho amoroso, nem tão pouco por se libertar dos amos. Casára calculadamente, depois de muito reflectir, em tão boa harmonia com Antonio de Noronha, que

este mesmo a acompanhou á egreja e lhe serviu de testemunha. A infelicidade e a sorte realisam d'estas allianças; põe, no mesmo nivel, como por ironia, o rico e o pobre, o plebeu e o nobre, todas as condições.

Considerando que elle estava velho, e Fernando mais tarde ou mais cedo viria a casar-se e talvez a não podesse amparar, resolvera acceitar por marido um carpinteiro, trabalhador habitual da casa dos Noronhas, que havia muito lhe confessára a sua affeição. A principio pareceu-lhe disparatada a proposta; já não era nova, tinha de deixar aquella casa, toda sua pelo habito, pela amizade e pelo coração; figurava-se-lhe até impossivel semelhante eventualidade. Mas as circumstancias obrigavam-n'a a olhar para o futuro; consultou lealmente o amo, e este, ponderando bem a situação em quê á sua morte a Piedade podia encontrar-se, com fidalga generosidade, esquecendo o proprio interesse, acabou por lhe dizer:

— Deves acceitar.

Uma bella madrugada, lá foram, pois, os noivos á egreja a receber a benção do velho abbade Diogo da Cunha, que gracejou sempre com risonha bonhomia; — segunda benção so-

brepondo-se aos sacramentos, a benção da velhice indulgente, meiga e desprendida, á geração vindoura; sombra protectora da arvore antiga sobre os renovos que se aventuravam á luz.

A vida familiar de Antonio de Noronha não mudou muito com o recente estado da creada. Tudo se combinou de modo que não fosse necessario admittir pessoal novo, nem alterar o governo domestico. Maria da Piedade ficava vivendo na visinhança quasi contigua; como o marido estava de dia fóra, no trabalho, sobrava-lhe muito tempo para continuar a administrar os bens limitados do amo. Á noite vinha dormir á villa um dos creados da quinta das Pontes. E assim passava-se quasi insensivelmente a outra ordem de relações, evitando quanto possivel modificar o passado, e garantindo o porvir contra o risco de novos conhecimentos ou contra um abandono e isolamento, que podiam significar tristezas visinhas da miseria.

O genio dominador de Maria da Piedade, as exigencias d'um temperamento varonil na intelligencia, decisão e firmeza—essa tendencia organica, educada em muitos annos de vida com Antonio de Noronha, cujos sentimentos se

harmonisavam com os seus em estreita coincidência, fizéram que tendo de escolher marido, ella o preferisse de character docil, facilmente governavel. E de facto o homem com quem casára, era um operario trabalhador, paciente, com fama de ordenado, avêssô a todo o desregramento.

A natureza parece ás vezes maldizer da virtude e castigal-a. Este homem methodico, consciencioso, sempre recolhido no seu labor, mas triste e fraco, trazia nos olhos cavados, na pallidez e na magreza, a ameaça da doença. A sua existencia foi curta. Morreu thysico, um anno depois de ter fallecido Antonio de Noronha, deixando uma filha, essa Beatriz que já vimos, creança, ajudando a mãe nas pacificas fainas da casa tão calma, cheia de saudades, abrigo commum do amante infeliz, e da viuva pobre que viu ruir o seu sonho — o lar, agasalho do corpo e alegria do coração.

Em seguida á viuvez de Maria da Piedade, começou para Fernando nova existencia domestica. Desfez-se a modesta casa do carpinteiro; a viuva e a pequenita viéram habitar com elle.

Qual foi a impressão d'esta voz desconhecida que vinha, como canto d'uma ave

discreta, quebrar o silencio do seu retiro e acordal-o da meditação? Talvez nos primeiros tempos o contrariasse. O corpo e o espirito não permitem sem dôr a alteração do rythmo a que se habituaram e se tornou a propria substancia do seu sêr. Mas não tardou que, ao recolher de casa do Vieira, á hora de jantar, subisse as escadas escutando, a vêr se ouvia os passos de Beatriz. Dormiria ou perseguia a mãe com as continuas interrogações da curiosidade infantil, para qual o mundo é um espectáculo surprehendente?

Sentava-se á meza e a criança não o deixava, de continuo a pousar-lhe as mãositas nos joelhos. Tinha por elle uma instinctiva attracção e elle pelo seu lado, inconscientemente, sentia-se bem, porque se lhe exaltava a virtude, a paciencia, o sacrificio que protege, esta transfusão da nossa alma na alma alheia, do nosso calor no corpo estranho e necessitado.

Ás vezes sentava-a tambem á meza; a mãe com um leve e grato desvanecimento advertia-o:

— Ora o snr. Fernandinho, o snr. Fernandinho!... Está a estragal-a com mimo. O que vale é que ninguem vê!... Deus me livre! Eu até ficava envergonhada.



Onde estavam essas compassadas distancias do fidalgo Antonio de Noronha, onde as hieraticas fórmas de respeito, o ritual severo da servidão domestica? O filho atraioava-as. Se o pae o surprehendesse n'este instante, em que assentou a seu lado a filha da creada, talvez o condemnasse por deslealdade aos seus pergaminhos. Mas ai! o pae foi vencido, o filho humilhado. O pae deixou o campo da batalha com todas as honras devidas ao valor e á grandeza, conheceu a derrota, mas ignorou a affronta; o filho, na unica batalha combatida por Helena, logo provou a amargura da humilhação, o desprezo da virtude, o escárneo da propria honra e das aspirações de cavalleiro. O pae foi pobre, o filho mendigo; o filho implorou á porta dos ricos, sentiu e sente ainda a face cuspida pela torpe ganancia do aváro, aprendeu na piedade do singelo mercador a receber a esmola; a vergonha cobriu-lhe o rosto como veu, por baixo do qual surgia, a dissipal-o n'um descerrar de tempestade, nova alma de gratidão e d'amor. Por isso, esquecido da fidalguia, assenta a pequenita junto de si.

D'esta arte começa a estabelecer-se a intimidade, derogação apparente dos principios

aristocraticos; afinal uma necessidade do espirito enfermo, buscando as compensações e consolações que um bafejo da fortuna lhe offerece.

Os mimos de Fernando de Noronha não prejudicavam, porém, a educação da pequena Beatriz, nem adormeciam o cuidado de Maria da Piedade. A consciencia da incerteza do seu futuro, sempre despertada pelas crises quasi periodicas da doença do amo, conduzia Maria da Piedade a preparar a filha para uma vida laboriosa, dotando-a com aptidões para ganhar o pão. Demais tixéra bom exemplo de rigores na companhia de Antonio de Noronha, e esses não haviam passado sem lhe deixarem no animo tendencias homogeneas.

Muito cedo, antes dos quatro annos, a pequenita começou a frequentar a escola. Era disciplina e tempo ganho para mais depressa alcançar o fim ultimo, a faculdade de se sustentar pelo trabalho. A vida começaria a revelar-se-lhe como uma regra, caminho sem atalhos nem desvios, pelos quaes podessem fugir as suas expansões infantis, regra todavia moderada por aquella doçura, que encontrava nos breves carinhos de Fernando. De resto, a creança acceitava o rigor materno sem cons-

trangimento; parecia mais um espontaneo modo de ser do seu organismo, que imposição de auctoridade.

Aos dezoito annos, Beatriz é uma rapariga esbelta, magra, com harmoniosa graça de movimentos na sua magreza, os olhos grandes, escuros, o cabello castanho, ondulado, opulento. Não tem no rosto as linhas espiritualmente incaracteristicas da proporção academica; carece d'esse mudo equilibrio da carne que na sua regularidade é a morte, em vez da palpitacão da existencia. O vulgo deixal-a-ha passar como destituida de belleza. Mas o coração avido de aspirações ideaes descobre-lhe no aspecto uma alverada. Nas mãos longas, magras, pallidas tambem como o rosto, da pallidez de marfim, ha um cruzar de linhas firmes, tão sevéra e marcada agudeza de arestas, tão clara promessa de energia facil e segura que são como segunda revelação do seu sêr, confirmação d'uma alma que se adivinha, antes de se confessar pela palavra e pelos actos.

Este corpo debil destina-se ao trabalho. A mãe não tentava outra cousa, nem a consentiria, bem desenganada das illusões do mundo.

Breve pôz a cargo de Beatriz tarefas caseiras sem numero. Era ella que cuidava do lume, e nas frigidias noites de inverno alimentava a mansa e caridosa chamma da lareira, a que o pobre Fernando de Noronha, na pobreza do sangue, vinha pedir alentos de calor; quando elle recolhia da casa do Vieira, na fadiga satisfeita do trabalho honestamente vencido, trazia-lhe o alimento quente e fortificante, preparado por suas mãos; velava pelas janellas fechadas cedo, para a humidade do rio não penetrar na alcova do doente, e pelas portas cerradas no estio, para o corpo exausto e dorido do sonhador impenitente encontrar em casa frescura e allivio; punha em ordem as modestas riquezas, dobrando os linhos nas arcas de castanho e guardando as colchas de damasco, que se estendiam á janella em dias de festa. Amava as aves e as flores: do quintal trazia rosas para na sala as pôr aos pés do crucifixo e derramarem na casa um suave aroma; de manhã descia a escada, o cesto de milho no braço, a chamar as pombas que voavam, doudejando de avidez, batendo as azas multicôres, em volta da sua generosa providência. Quantas vezes Fernando a observára n'essa piedosa obrigação, quantas vezes

vira beijadas pelas aves, que lhe roubavam o sustento, aquellas mesmas mãos, symbolo d'uma vida espirital, de que elle recebia também amparo!

N'esta laboriosa e ordenada paz formou-se o character de Beatriz. Porventura casavam-se no seu organismo, paciente e contínua obediencia, a linha mais accentuada da feição moral paterna, e o querer intelligente, sem desfallecimento nem trepidação que lhe vinha da robusta constituição da mãe. Da união do corpo debil do carpinteiro humilde e da mulher habituada a mandar e decidir, brotou uma só flôr, a docilidade consciente e satisfeita.

As crises de Fernando repetiam-se amiudadas vezes; crises da desordem physica do organismo arruinado, da sua paixão, do ciúme, da oppressão esmagadora da saudade, das allucinações do desejo, que o mais pequenino facto despertava — um encontro com Helena na rua, uma simples visita á Suarda, ou mais simplesmente ainda qualquer ligeira referencia á sua formosura, percebida na turba dos conversadores ociosos. E era para elle uma impressão extranha de consolação, de serenidade conformada, talvez em certos instantes doce



castigo ou reprehensão benefica, a presença d'aquella rapariga inalteravelmente serena, cuidando da casa e protegendo-o com cuidados, como se no mundo não houvesse tempestades, e toda a vida fosse um calmo meio dia d'outomno.

Não que ella lhe dêsse conselhos, o interrogasse, ou de longe mostrasse sentir as torturas que lhe dilaceravam a alma. Eram umas curtas e banaes advertencias sobre cousas vulgares, o frio, a necessidade de se agasalhar, a inconveniencia de ficar até tarde na varanda; eram as flores postas singelamente na meza, a silenciosa attenção á sua paz e regalos; a alma de Fernando acordava então na presença de Beatriz, para outro mundo de luz e mansidão, bem differente do mundo povoado pelos seus sonhos. Envelhecido antes de tempo, flagellado por tantas dôres, que em asperrimas lições depressa lhe ensinaram o caminho das chammas infernaes da paixão, este homem destinado a ser um forte, reconhecia-se fraco e timido perante a creança que innocentemente o servia. Fazia-o córar o pejo occulto e mal definido dos seus desvairamentos: suspeitava uma justa censura no exemplo, trazido ao seu encontro pelo acaso.

Uma tarde, d'essas longas tardes que costumava passar no jardim do dr. Matheus, dizia-lhe este:

— Prefiro a tudo as plantas, porque têm a belleza e a vida sem a dôr. Florescem, brilham e morrem sem gritos nem lamentos. Se se sentem ao longe, é pelo perfume. Que mysterio de conformidade com a existencia! Que doçura na accitação da sorte! Pelo sol e pelos crepusculos temperados, pelas manhãs quietamente orvalhadas e pelos cilícios dos temporaes, lutam, crescem, e encantam-nos sem gemidos. Que lição, meu Deus, que grande lição!

Depois, ao fim d'uma pausa, parecendo concentrar-se no fiel amor pelas suas flores, o doutor accrescentou:

— Quando eu era estudante e andava em Coimbra, já assim pensava. Os meus companheiros riam-se; — chamavam-me poeta, e eu calava-me. Mas tinha razão! Ai! Quem me dêra ser como as flores!...

Fernando scismava. Não era assim Beatriz? Associava a sua imagem ás palavras do dr. Matheus. Tambem ella sabia o segredo de viver sem queixumes; tambem ella floria perenemente no meio de todas as tempes-

tades do seu amigo e protector. Era como as flores!

De resto, de longe em longe, as palavras de Beatriz, na sua singeleza lançavam relampagos, que rasgavam novos horisontes ao espirito de Fernando de Noronha.

D'uma vez trouxéra de casa do dr. Matheus a flôr enorme d'uma planta tropical, creada com doido amor no vão d'uma janella exposta ao sul. Era uma irradiação de petalas douradas, fulvas, candentes, abrigando no calice como um templo, em cuja atmosphera profunda, glauca e transparente, desenhavam as naves e enfeitavam a arcaria infinita longos estames, setinosos e alvos, em opulencia infinda de sedas flacidas.

Fernando mostrou-a a Beatriz, fazendo notar a magnificente belleza e o aroma enebriante.

E ella candidamente respondeu:

— É muito linda, mas as minhas violetas são mais bonitas. Entontece; as violetas nunca enfadam.

— Talvez! . . . meditou Fernando, talvez ali estivesse n'aquelle confronto a imagem da sua vida e da vida de Beatriz. A singeleza e a graça valeriam mais que o heroismo e a grandeza?

A creança ensinava o homem experiente; e elle recebia-lhe as lições com uma fé nova, desconhecida.

Demais, outras circumstancias lhe alteravam o viver domestico. A sua casa tornára-se abrigo da pobreza. Antonio de Noronha era caritativo, por tradição, por lealdade ás leis da classe, que o obrigavam a amparar os pobres e os desgraçados. Mas, depois da sua morte, a caridade redobrára n'aquella modesta habitação da villa da Eirinha. Hoje, além de abundar o pão, graças aos proventos do trabalho de Fernando, grandes relativamente aos seus habitos, quem se encarregou de dar as esmolas foi Maria da Piedade. No seu espirito a caridade é differentemente generosa, da rasgada philantropia do fallecido amo. Este fôra caritativo por honra do brazão, sem que lhe repugnasse, antes applaudindo, a diversidade da condição dos homens; ella, caridosa por sentimento, por experiencia da pobreza e pela ameaça d'outra ainda maior, dava sempre, na vaga confiança do premio divino, na obediencia evangelica que manda dar a quem pede, esperando nunca lhe faltar, porque nunca recusou.

Assim, Fernando de Noronha a cada instante ouve contar a vida dos miseraveis que

tremem de fome e de frio; tal poder de insinuação vae nas breves narrações da creada para justificar as dadivas, que por mais d'uma vez perguntou a si mesmo se não andava em erro e em peccado, tendo esquecido tão frequentemente a miseria alheia, para se consumir na propria exaltação.

Sem duvida, juntaram-se, pelas contingencias da sua incerta fortuna, novos elementos que o attrahiam a um pólo opposto ao da mocidade. Já a simples presença da familia do Vieira, os habitos de methodo, d'ordem e de trabalho, a perseverança na fadiga incessante, haviam estabelecido no espirito do apaixonado cavalleiro uma comparação, que lhe despertava duvidas sobre a justiça do ardor, votado á contemplação amorosa. Percebeu uma superioridade, que ainda não o fazia córar, levantando-lhe todavia suspeitas inquietadoras. Quizéra associar-se ao mercador, talvez mais por lealdade a um compromisso contraído, que por exigencias da sua actividade ou reconhecimento da necessidade de ganhar o pão; jungido porém a estas novas obrigações, começára por cumpril-as com honradez escrupulosa, continuando-as em breve tempo, como a mais grata tarefa.



Fôra a influencia do exemplo do Vieira, ou ao poder d'esse estímulo juntavam-se influencias parallelas, derivadas das condições do seu viver domestico? Inconscientemente, sem quebra do culto, jurado a Helena, d'aquelle acervo de cifras e papeis, erguia-se ás vezes uma imagem, toda de suavidade, que lhe sorria. Era Beatriz.

Lembrava-se da hora de recolher, dos passos ligeiros a esperal-o, das mãos longas e pallidas que o serviam, e pareciam adejar em volta da sua miseria, como aves de bom agouro; essa imagem fortificava-o no trabalho, favorecia-o, derramando uma atmosphera de quietação que o incitava a proseguir.

E Helena? Ai! Nunca o desamparava! Tambem ella vinha visital-o na cella, onde trabalhava no estabelecimento do mercador. Surgia como divindade, cruelmente imperiosa, com soberba dominadora, a pedir-lhe todo o seu sangue e toda a sua alma. Elle obedecia, repetindo o juramento, prostrado no altar: — Sim, sou teu, és o corpo do meu corpo e o sangue do meu sangue! E os braços da divindade moviam-se n'uma benção, o cóllo arfava, a bocca descerrava-se em palavras d'amor, os cabellos soltavam-se leves e finos,

como outr'ora quando se prendiam nos medro-nheiros. Tinham o mesmo perfume; do corpo agil, que se debruçava a colher as urzes floridas sobre as aguas da azenha, vinha ainda esse calor brando, lento e abrazador. Oh! Os soluços angustiados do desejo!... Quanto o atormentavam e quanto lhes queria! Com que doida cegueira lançava n'essa turva corrente a pureza da allucinada lealdade!

Singular transformação! A imagem de Helena perturbava-o no trabalho, trazia-lhe fastio mortal, assomos de odio, ás obrigações; a de Beatriz tornava-lhe a vida facil, simples, um canto argentino sobre o ninho tecido de plumagens. Uma escurecia-o com sonhos vãos e tenebrosos; a outra illuminava-o com luz guiadora, caridosamente benefica.

Não passava despercebida a Fernando esta modificação; via-a com sereno contentamento. Na sua fé religiosa, tomava-a como premio da bondade divina. Eram talvez a recompensa da propria lealdade a Helena estes momentos de paz. Era Deus que lh'os enviava.

Em meio da infinita dôr, começava a viver feliz, quando a esquecia e em seu lugar se deixava vêr Beatriz, o trabalho, a natureza, as cousas vulgares da loja do mercador, e as

flores do dr. Matheus, que tanta vez ajudava a cultivar, pondo tutores nas arvores vergadas de fructos, ou limpando dos insectos os viveiros tenros.

Agora já decorridos alguns annos d'esta nova existencia, Fernando de Noronha continúa a viver na contemplação do seu sonho, mas não tem saudades do passado, nem desejos de morrer. Apetece a vida; não para sonhar como ingenuamente julga, mas para fruir aquella placida felicidade que ao seu casal trouxe a candura de Beatriz.

Na verdade, — ainda o não sabe, mas um dia o saberá plenamente, Beatriz é o interprete da nova vida, o casto propheta da belleza moral, o mensageiro do amor isento de desejo impuro e sem macula.

Por emquanto só descobre a imagem d'uma rapariga cariciosa. Talvez nunca a possa desprender d'esse involucro corporeo. A educação dogmatica e despotica ensinou-o a obedecer, ensinou-lhe a obediencia á vontade alheia, realisada n'um ser animado; precisa de ser mandado, que alguém lhe ordene as suas acções. Beatriz inspirar-lhe-á a conformidade e o amor, assim como o pae o disciplinou na lealdade. Mas aquella inspiração ha-de fazer-

se imperativamente, por exigencia da vontade d'ella. Não se compadece outra cousa com um espirito, systematicamente educado na prohibição da liberdade e na perda da independencia, de continuo sujeito á necessidade da insinuação.

Deus sabe, porém, se o coração enfermo, e consagrado no holocausto da sensualidade, logrará alcançar os paramos paradisiacos do espirito sublimado! Que importa Beatriz, e o seu doce affecto?!... Escravo, guardado por Helena, entre o retinir dos ferros da escravidão, ouve-lhe a voz, repetindo: Sê leal! É a tua honra, a tua promessa. Se faltares, serás punido, sem perdão, com as penas d'aquelle inferno, que se chama «a consciencia da propria indignidade».





## XV

Os rendimentos principaes da pequena casa de Fernando de Noronha eram ainda os fóros, impostos na veiga do Casal da Mulata.

Os foreiros pagavam mal. A resistencia começou pelos menos escrupulosos, e foi-se propagando de modo, que já ao tempo da morte do pae a cobrança andava em grande confusão; muitos recusavam-se, havia muitos annos; outros davam o que queriam e pelas medidas que lhes aprazia; poucos eram os que pagavam honradamente. Para se eximir ás suas obrigações invocavam as novas leis, decretadas pelo regimen liberal; bem ou mal, a muitos serviam d'escudo.

O dr. Matheus não se assustava com esses fumos de emancipação d'encargos. Conhecia as leis e os tribunaes; e já tinha examinado todos os documentos.

— Só se estás tão rico que não precisas d'elles! ... disse na informação a Fernando de Noronha. Têm de pagar! A não ser que te apeteça dar-lhes esse jubileu ... Mas ninguém t'ó agradece. Se queres dar esmolas, ha ahi muito a quem.

Instava com Fernando para ir á Mulata. Bastava identificar bem as propriedades e os fóros, saber ao certo, com segurança, os predios em que eram impostos, e a quem pertenciam. O resto seria com elle, com o deuter.

— Vae lá, põe-me isto em ordem e deixa-os depois commigo. Hão-de vir mansos, como cordeiros. Se não estivesse aqui tão preso, quem lá ia, era eu.

— Não! Pelo amor de Deus! ... Eu hei-de ir lá, assegurava-lhe Fernando.

Mas adiava sempre a jornada. Buscava razões para justificar a demora, e encontrava-as. Hoje era a necessidade de terminar balanços e recapitulações no escriptorio do Vieira; amanhã o aggravamento da doença;

cada dia acendiam novos e futeis embaraços a afastar a hora temida de deixar a Eirinha. O Vieira dizia-lhe instantemente que não se prendesse com elle, tudo se arranjaría sem o menor mal; Maria da Piedade garantia-lhe que a casa ficava bem entregue, o que de resto elle sabia, pois ha muito lh'a entregára; o dr. Matheus não cessava de pôr embargos a todo o adiamento; era um risco, dava logar a chicanas sobre a prescripção. Beatriz, porém, nada dizia, e Fernando de Noronha parecia ter-se habituado um pouco ao seu conselho; custava-lhe decidir-se sem primeiro a ouvir.

— Se é preciso!... respondeu ella interrogada por Fernando. Porque não ha-de ir?

Sim, pensava Fernando, reflectindo sobre esta vaga e mysteriosa resposta, porque não havia de partir? Na verdade, era forçoso reconhecer que nenhum estorvo sério o impedia, mas faltava a vontade; a jornada afigurava-se-lhe um sacrificio desmedido. Affligia-o deixar aquelles logares. Os seus ininterrompidos devaneios tinham-se consubstanciado com as aguas do rio, as paredes da casa e as proprias pedras da calçada; enleiraram-se em toda a fórma material que o circumdava; a

sua alma gravára-se na natureza ambiente, vibrava nos murmurios das aguas, nos eccos do arvoredo, na voz dos sinos da egreja; marcára-se em linhas palpaveis nos objectos, tocados pelos sentidos. Apartar-se da Eirinha era um quebramento, uma dilaceração tormetosa da existencia.

Por isso adiou essa jornada por muito tempo, até que um dia, cedendo aos rogos urgentes e vencendo a propria fraqueza, resolveu partir.

Era uma manhã de novembro, risonha e fresca. Atravessou o rio em barco, e viu com um movimento de saudade os salgueiros a desfolharem-se empallidecidos pelos primeiros frios do outomno, as folhas seccas a boiarem, correndo a sepultar-se no mar. Na outra margem, montou na mulinha que o creado da quinta das Pontes lhe havia trazido. E creado e amo lá foram vagarosamente pela estrada, subindo o monte. No cimo, olhou para traz. Avistava-se a Eirinha, a Suarda e a casa de Helena. Estava longe; já não ouvia o menor ruído da villa. No seu olhar houve como uma supplica. Pedia áquelle montão de fórmãs e de vidas inconscientes, que lhe guardasse zelosamente os pensamentos de

dôr, sobre elle espargidos ha tantos annos; em troca jurava-lhe fidelidade.

Ah! Não os esqueceria, não! Ao deixar aquelles logares, todo o seu ardor se concentrava na anciedade de voltar a habital-os.

Tambem ali ficava Beatriz. Pareceu-lhe gentil-a; talvez colhendo rosas, talvez abrindo a janella ao sol, para aquecer a sala do invalido, que n'aquella tarde não recolheria do trabalho. Nos olhos humedecidos passou-lhe uma sombra alada e branca.

— Agora, ao descer, disse o creado acordando-o, tenha V. Ex.<sup>a</sup> muito cuidado. A mulinha é segura; mas sempre é bom ir com cautela!





## XVI

Da Eirinha ao Casal da Mulata eram umas boas cinco legoas, quasi sempre subindo por maus caminhos, pedregosos, de seixos soltos, cavados pelas aguas e pelos carros. Ia-se devagar. Para um homem fraco, como Fernando de Noronha, a jornada gastava todo o dia.

Demais, tinha de parar em Pedralva, a meio caminho, para dar descanso á cavalgada e para elle mesmo se refazer um pouco.

Pedralva era uma pequena aldeia, no monte, a meia encosta; em baixo ficava a ribeira, junto da qual está edificado o mos-

teiro, em que viveram Maria da Piedade e a mãe de Fernando.

Este, mal se apeiou, livre das continuas prevenções do creado, sentou-se no banco de pedra, á porta da estalagem. Observava o convento, os telhados negros e musgosos, a cupula da egreja, as torres, um retalho da arcada granítica do claustro destacando em meio da escuridão dos tectos, o aqueducto escalavrado e roto, a perder a agua, e por detraz das grades de ferro, os vidros partidos, corados de poeira, por onde as aves entravam, a fazer ninhos sobre as abobodas. Lembrou-se da mãe que não conhecera. Resára ali, n'aquella egreja; ouviram-lhe as orações aquellas paredes. Onde seria a cella, em que sonhou a ventura e o amor do casamento tão cedo amortalhados? Onde, ouvira pela primeira vez a voz dignamente sévêra de Antonio de Noronha? Sem duvida, se ella vivesse, saberia comprehender as suas dôres. Áquelle espirito impregnado d'amor só impressões de amor affluíam, e vinha-lhe a saudade mysteriosa de cousas não conhecidas, um anseio por almas irmãs, perdidas, ignoradas.

Tambem lhe lembrava Maria da Piedade. Gostaria talvez de tornar a vêr aquelle retiro

sombrio. Pressentia-a, a contar-lhes, á filha e a elle, em meio das ruínas, toda a historia da infeliz esposa de Antonio de Noronha. Beatriz ouvia-a com os seus grandes olhos, intelligentes e serenos. E essa serenidade communicava-se ao sonhador, a luz voltava, a quietação renascia. Sempre esta angelica protecção a acompanhar-lhe a vida, sempre este canto divino a embalar e a adormecer mortificações!

O creado veio novamente acordal-o dos sonhos. Eram horas de partir; já não poderiam chegar á Mulata antes da noite, que os dias eram curtos. Montou outra vez a cavallo. Ao pôr do sol, apejava-se á porta do fidalgo d'Almeida, um seu antigo amigo, muito conhecido da Suarda:

— Ora louvado seja Deus! Pensei que nunca mais te via n'esta casa! disse, correndo para Fernando, de braços abertos. Abençoada hora em que estes homemsinhos deixaram de te pagar. Só assim!... E olha que não saés d'aqui tão cedo! Vem ahi o Sepulveda com as filhas; temos voltarete e até este anno quero fazer o sarrabulho mais cedo para celebrar a tua visita! Estás muito cansado, não? O que vale é teres apanhado

um dia magnifico. E a mulinha é linda!... É mesmo tua? D'isto precisava eu, quando vou lá para cima, para S. Christovão da Serra.

O fidalgo palrava com a mais expansiva alegria. Queria noticias da Eirinha, de todos os que frequentavam a Suarda, velhos amigos. A presença de Fernando de Noronha era realmente para o seu coração generoso e hospitaleiro uma festa. A mulher fazia mil recommendações sobre o quarto; — não esquecesse de lá mandar pôr a brazeira; — nem o caldo de gallinha, que o amigo era muito doente e não queria que a sua casa lhe trouxesse mal.

— Ora o meu Fernando! o meu Fernando! exclamava, concentrando-se na sua alegria. Ha quantos annos não vinhas aqui?!

— Não sei ao certo, mas desde que estive doente, nunca mais tornei a sair da Eirinha, respondeu Fernando de Noronha. E eu adoeci, ha quatorze annos.

— Agora parece que te acho bem! interrompeu o fidalgo.

— Sim... não tenho passado mal, não. Estou muito melhor.

Não logravam porém os carinhos do amigo



banir a tristeza do peregrino. N'aquella casa tão povoada e tão movida, pairava para elle a mais fria solidão; nas salas e corredores, a cada instante animados com hospedes, creados e figuras desconhecidas, via-se só, com a impressão d'um espaço escuro e vasio, no qual incertamente estendia o braço á procura d'um apoio. Reconhecia com gratidão o affecto que por todos os modos o envolvia; com intensa mágoa, porém, não podia furtar-se a contar, tentando reduzi-lo, o tempo indispensavel para levar a cabo o trabalho e voltar á Eirinha.

Os dias ainda não se passavam inteiramente anciosos; tinha de ouvir os foreiros e percorrer as terras; a attenção, embora violentada, prendia-se ás cousas, das quaes com a sua probidade meticulosa se julgava obrigado a dar relação. Na verdade, por si, por seu interesse, era provavel nunca ter vindo ali: o aferro á casa venceria talvez o diminuto amor aos bens. Viera mais para obedecer ao dr. Matheus, que lhe representou a situação, como um dever; menos propriamente para assegurar a conservação do patrimonio. E queria dar boa conta de si, responder cabalmente ao doutor, quando elle o interrogasse

e lhe exigisse a verificação dos factos que constituíam a sua tarefa. Por este motivo os dias não corriam inteiramente mal; o sentimento d'uma imaginada obrigação moderava a saudade, impondo-lhe a preferencia. Mas ainda mesmo em meio do trabalho forçado, a saudade brotava como as aguas, que no estio reçumam da terra, humedecendo os musgos e a floresta.

Às vezes a melancolia fazia-lhe esquecer os cuidados que o trouxeram a estas serras. Foi assim n'essa tarde chuvosa e frigida, quando já perto da noite entrou em casa d'um dos seus mais pobres foreiros.

Chovera toda a manhã; os caminhos estavam alagados, a terra saturada bebia a custo a agua, que se escoava vagarosamente. Ao meio dia começou a soprar uma gelada aragem do norte, limpando mal o ceu ennuveado e baixo. O feitor do fidalgo, posto ao serviço de Fernando, assegurou-lhe que a tarde seria enxuta e poderiam sair.

Fernando, para não perder tempo, acceitou. Caminharam, de casal em casal, por atalhos encharcados, verificando confrontações, consultando antigos tombos e interrogando os lavradores que respondiam desconfiados, de-

fendendo-se cavilosamente, dissimulando e negando.

—As cinco horas, era quasi noite; o dia curto dos fins de novembro e a atmosphera cerrada obrigavam a terminar o trabalho.

—Entremos aqui, se V. Ex.<sup>a</sup> quizer, disse o feitor. Amanhã continuaremos; que hoje não podemos ir mais longe. É noite.

—Pois sim, respondeu Fernando.

A casa era uma choupana, de granitos soltos, coberta de colmo. Ficava ao fim d'um pateo, cercado de miserias córtices de gado e coberto de mattos, cedendo aos passos, e espremendo a agua espessa de lamas e detritos, quando calcados. Pelas frestas da porta mal unida percebia-se a luz do interior; sobre os colmaços rolavam fumos hesitantes, frouxos, no ar pesado. O vento abrandára. Estava frio, muito frio. Na natureza havia um queixunie de energias sujeitas, reprimidas, castigadas pelo ambiente inimigo. A vida concentrava-se, abrigando-se nas profundezas da terra, para de lá surgir na primavera; as seivas dormiam sob couraças musgosas, protegendo os robles das mortíferas ameaças da neve.

Fernando unia-se a esta dôr da natureza. Tambem elle na sua vida conhecera os gelos

das ambições, da cubiça e do desprezo; também a sua alma se refugiára nas profundezas do coração, também lá guardava seivas puras e sãs — amor, lealdade e sacrificio, esperando a primavera que tardava.

Entraram. O tecto negro do fumo, uma arca carcomida, dois cantaros d'agua na cantareira, louças de barro grosseiro, toda a pobreza, que a existencia humana póde supportar, ali estava; mas da lareira, em volta da qual, no chão, as creanças se sentavam, vinha tão pura chamma, tamanho calor, tão bella luz que resgatavam a miseria; na choupana chilreavam vozes d'amor e d'alegria, mais desprendidas e altas, que essas bem timidas, quando não são bem tristes, as encarceradas em palacios. E Fernando pensou no seu lar; identificou a chamma que tinha deante dos olhos com aquell'outra, a alma de Beatriz, que lá ao longe lhe illuminava e aquecia a casa, remindo a pobreza do seu viver. N'essa hora, cortou-lhe o coração uma saudade impaciente.

Foi curta. D'ahi a pouco recolhendo ao solar do amigo, deixou-se cair nas cogitações ordinarias e recobrou paciencia. Tardava-lhe regressar junto de Beatriz, embora outra voz

lhe dissésse que queria voltar para os logares dos seus sonhos, onde habitava o sombrio e cruel vulto soberano de Helena. Se alguma duvida sobre a natureza da saudade lhe mordeu de leve o espirito, logo se dissipou. A conciliação era perfeita. Beatriz e o seu affecto, a paz e o alento que espargiam no recatado ninho, eram a condição da liberdade, para se desenrolarem as visões evocadoras da sua amada, da unica e eterna amada. A honra do cavalleiro não podia consentir perjurio e infidelidade. A saudade de Beatriz significava unicamente a gratidão pela dadiva divina da consolação, a saudade do lar amigo e misericordioso, refugio das tempestades do mundo, surdamente adverso e inimigo. Mas amor, havia um só! Lealdade!... Jámais haveria outro. Resurgiam com todo o dominio os cabellos loiros de Helena, o cóllo, os braços movendo-se como serpentes a enlaçal-o em brandos laços voluptuosamente oppressores, as mãos mimosas e rosadas, fructo tenro, tumido de seivas capitosas. Em labaredas fugazes, a alma do escravo reapparecia.

E, todavia, que impressão estranha o enfeitava, quando ao pôr do sol vinha á janella do quarto!



O Casal da Mulata era como largo degrau na montanha. N'um pequeno recesso, lembrando-o rebanho que a vára do pastor juntou, accumulavam-se as habitações, desordenadas e confusas; para cima, ao nascente, na encosta íngreme, eram mattas de carvalhos e pinhaes; em frente da aldeia uma pequena planura verdejante, retalhada de sébes e muros baixos; para além, para o poente, galgando por cima das montanhas inferiores, abria-se um horizonte vasto até ao mar. Avistava-se a Eirinha; em dias claros, na atmospherá limpida, chegavam a divisar-se vagamente as fabricas dos outeiros da Oliveirinha.

A igreja e o solar do fidalgo, no ponto mais alto do povoado, subjugavam pela grandeza relativa os campos e os homens, submissos, doceis, crentes na fé do Deus do ceu e nos senhores da terra.

O aposento que destinaram a Fernando era voltado a oeste. Escolheram-lh'o por ser mais quente, mais proprio á sua debilidade de enfermo.

Ahi, abeirando-se da janella aberta sobre aquelle montão de fórmás indefinidas, esmaltado aqui e além pelo brilho das aguas, ao longe cortado por uma fita de luz que era o

mar, o mais das vezes ligado e preso n'uma infinita incerteza pelas névoas, ahi invocava as imagens que o perseguiram. D'ali, soltando os vãos do seu delirio, ora se entranha no labyrintho da paixão, em dôres e torturas, abraçando-se no amor de Helena; ora deixa a imaginação pairar, vacillante e tremulo, mendigando a paz, em volta da imagem casta, immaculada, de Beatriz. Alquebrado das canseiras do dia, mais fatigado da distracção forçada dos sonhos que das caminhadas pelas veigas e montes asperos, bebia ali, na fonte da reminiscencia, sem poder saciar-se, o nectar que moderava a saudade. Contemplando a vastidão dos campos, os olhos fitavam aquellas terras e aguas onde cantavam sereias. Escutava, na calma alumiada das noites de luar e nos roxos crepusculos, esses cantos mysteriosos; os passos de Beatriz moviam-se leves, os olhos brilhavam, vibrava toda a angelica meiguice do seu riso, as suas mãos resurgiam colhendo flores, semeando benções. E então, debruçando-se attento na illusão, alanceava-o uma desesperada impaciencia, a dôr aguda do afastamento do seu anjo bom.

Quando o creado lhe trouxe novamente á porta do fidalgo d'Almeiar a mulinha que o

conduzira ali, Fernando sentiu o sangue leve e o corpo ligeiro. Saltou sobre o animal com um vigor de rapaz, com estranha presteza para os que conhecessem a sua pausa habitual. O frio, que cobria os valles de geada, não o tocou. D'essas planícies do Véro, lá do fundo vinha uma irradiação de calor, bastante ao conforto do corpo. Despedia-se da casa do seu amigo com palavras de reconhecimento sentido, porventura com a commoção de quem se viu amado e respeitado; mas no intimo dominava-o uma alegria, ha muito desconhecida. Além, entre aquellas névoas á beira mar, cantavam as serenas; esse canto ia acompanhá-lo todo o caminho. Era elle que o guiava.

Á tarde, na tranquilla casa da Eirinha, pareceu-lhe ter sonhado um longo sonho. Não se afastára d'ali. Varrera-se-lhe a impressão de ter interrompido a vida. Dormira apenas. Acordava agora. Vendo Beatriz, fazia, com serenidade plena, o exame da sua existencia, da sua graça, das visões que na ausencia tinha tido. Nunca deixára de a sentir ao pé de si, era certo. Mas não se alongasse n'esta contemplação!... Ao lado chamava-o Helena.

Cerrou-se a noite; a villa dorme. Os olhos apaixonados abrem-se na treva. Erguem-se alvos braços acorrentando o misero. Segredalhe palavras traiçoeiras uma bocca humida. Os braços envolvem-n'o, e as cadeias, que o prendem, confundem-se com os loiros cabellos, que lhe affagam a face.

bibRIA

# bibRIA



## XVII

A casa do dr. Matheus, pelo lado do quintal, quasi pegava com a dos Noronhas; mas o melhor caminho para ir d'uma á outra era seguir a rua, voltar á esquina e entrar depois pela porta principal da casa do doutor, a segunda contando d'ahi; na primeira havia uma officina de serralheiro.

Por inclinação insensível, muito lentamente, Fernando affeioára-se ao doutor, que o recebia sempre com um carinho paternal. — Que pena tenho d'este rapaz! dizia a miúdo, conversando com a irmã. É infeliz. Não lhe conheço senão qualidades boas, e comtudo vive bem triste. A ambição?!...

Se não fosse o dinheiro, talvez o morgado lhe tivesse dado a filha. Estava hoje são e contente. O que o matou foi a paixão por Helena. E tinha sido muito melhor para ella!... Tu verás como aquillo acaba!...

Nos dias immediatos ao regresso, Fernando não deixou de o procurar uma só tarde. Queria dar-lhe conta do occorrido com os foreiros, e principalmente matar saudades de qualquer cousa que lá em cima na serra lhe faltára, apesar da ruidosa e franca hospitalidade do Almeiar. A sua alma tornara-se ávida d'affeições tranquillias, de concentração e de silencio.

Assim, estes primeiros tempos depois da jornada eram de tão placido contentamento, que o seu espirito parecia ter adquirido equilibrio perfeito. A palestra alongava-se até um pouco além da hora, em que com vigilante respeito invariavelmente costumava deixar o doutor ao seu trabalho; sentia desconhecidos desejos de expansão.

Bateram-lhe muito as ave-marias. Está escuro; não ha luar. Só agora vem Fernando a caminho de casa. Guardou para a noite o trabalho atrasado, que trouxera do escriptorio do Vieira; era um sabor raro de felicidade o

serão junto de Beatriz e de Maria da Piedade, a costurarem sentadas perto d'elle. Logo, depois da casa em repouso, irá passear sózinho na varanda; livremente evocará a imagem de Helena, na sua perpetua oração.

Da officina do serralheiro jorram sobre a rua amudados clarões de luz vermelha: elle desceu do patamar, para vir fallar a uma rapariga que ia passando. Pararam ambos e conversam; o homem, alto, robusto, trigueiro, os braços nus, d'uma solidez athletica, curva-se a dizer-lhe baixinho o seu amor, a sua esperança, como a oferecer-lhe a protecção, a obediencia de toda aquella força do corpo, toda a pujança gloriosa da mocidade; ella ouvia-o, fitando-o com os grandes olhos, firmes, luminosos, na contemplação d'um novo mundo, mundo do amor ardente, consumptivo.

Fernando de Noronha viu-os. Parou um momento no limiar da porta, a observá-los. Depois, sem uma tremura, sem a mais pequena alteração do andar lento e medido, passou, voltando um pouco o rosto para não a olhar, junto de Beatriz que logo o seguiu. Apenas entrou em casa, veio á janella. Vendo-a chegar, esperou-a ao alto da escada.

— Julguei que fosses menos doida! disse-lhe.

— Eu!

— Estavas assim tão céga?!

— Mas não hei-de falar a quem me falla?! . . . respondeu a rapariga, os olhos rasos de lagrimas, perante o desespero faiscante de Fernando.

— Depois conversaremos! . . . Dize a tua mãe que eu saio; volto já.

E desceu de novo, fugindo dos impetos da propria raiva, a esconder n'algum canto escuro a fria e terrifica pallidez que subitamente lhe invadira o macerado rosto.

Ah! bem o sabia! . . . Nenhuma illusão lh'o occultava, nem o mais tenue veu lh'o encobria! . . . Os labios escaldados, a fronte latejante, significavam a crepitação incendiada do ciume! Conhecia-o das horas allucinadas, quando lhe roubaram Helena; na sêde de sacrificio e immolação, fundo da sua vida e laço unico que o prendia á terra, sentiu, como um grito de contentamento triumphante a dilatar-lhe o peito, esta infinita dôr, o calice de amargura que pela primeira vez bebia por Beatriz. Tambem era d'ella a sua alma, destinada a soffrer d'amor! Abençoada tortura!

Premio da felicidade, sangue da victima, offerecido gratamente no novo altar.

Mas Helena!? Não lhe era infiel? Mas a pureza de Beatriz!? Não a manchava de cubica!? Deslealdade e ignominia! Deshonorado, para sempre! Alguem o accusava, erguiam-se na sua imaginação juizes crueis, sem piedade, e condemnavam-n'o. Faltára aos juramentos mais solemnes, atraído por esse corpo vil que odiava, instigador satânico dos seus crimes, e pela alma fraca, perdida em meio da tormenta, derrubada no arrojado vôo para a gloria.

Ajoelhou.

— Perdão!... suspirou n'um gemido supplicante. Perdão!

Mas a quem supplicava!? Ao culto de Helena prostituido n'esta hora de abandono? ou á pureza de Beatriz, offendida pelo ciume? — Perdão!... repetiu ainda, esperando uma voz indulgente da terra fria e muda, dos pastros tremulos ou da vastidão profunda. Ninguém lhe respondia! E chorou sobre a maceração de toda a sua vida desfeita.

As lagrimas despertaram-n'o; trouxeram-n'o á realidade; caindo como balsamo sobre a propria humilhação.



Voltoei a casa, e habia o mesmo

Maria da Piedade costurava ao pé d'ella a filha, um pouco mais pallida que de costume. Já a mãe o notára e lhe havia perguntado se estava doente.

— Não, senhora! respondeu ella, estou bem.

Fernando recolheu-se ao quarto para uma noite de vigilia. Com a febre vieram as hemoptyses, que em todas as crises invariavelmente o acommettiam.

— Não é nada, dizia a Maria da Piedade, tranquillizando-a. Em menos d'oitto dias estou a pé.

— Ah! Esses passeios á noite! Por meu conselho o snr. Fernandinho nunca os daria. Mas assim o quer! Não tem emenda.

Já fui peor! exclamou elle, n'um pensamento distante. Peor! repetiu reflectindo.

Beatriz continuava a servir-o, doce, inalteravel, sem a mais pequena lembrança apparente da agonia desesperada de Fernando. Tel-a-ia esquecido, ou nem mesmamente comprehendera?

— Não mais se fallou do serralleiro; nos olhos do doente bruxuleava a mansidão mal

os levantava, pousava-os nas mãos de Beatriz. Esperaria que ellas se abrissem para lhe conceder a dadiva divina da humildade?... Os labios emmudeciam, talvez incapazes de exprimir o anseio da alma.

bibRIA



### XVIII

Morreu o morgado da Suarda. Ás dez horas começam na igreja matriz da villa os officios do trigesimo dia, sollemnes, faustuosos.

Por um d'aquelles caprichos, com que a natureza costuma rir-se das vaidades humanas, este dia de luto, de tristeza determinada e voluntaria, começa por uma manhã d'abril, brilhante, sonora, cristallina, brado de clarim chamando á vida. Os sinos dobram, mas o dobre perde-se no ar, repellido e disperso, como blasphemia sacrilega.

Maria da Piedade ergueu-se cedo. Saiu para a quinta das Pontes. Depois que Beatriz

cresceu e póde confiar-lhe o governo domestico, cada vez se entrega mais ás lavouras. Precisa fazel-o. É a unica pêssoa em casa a quem não falta rija actividade. Fernando caiu em progressivo desamor de passeios largos e de se afastar do ninho. Frequenta pouco a Suarda; passa dias consecutivos sem ir á quinta. A sua companhia predilecta é o dr. Matheus. Raro é o dia em que o não vê.

A Piedade voltou a casa pouco depois das oito horas. Traz no braço um pequeno cesto.

— Venha cá, venha vêr isto, disse para Fernando, quando elle entrou na sala de jantar a pedir o almoço.

E foi tirando, um lindo ramo de junquillos, uma folha de couve com morangos, depois um galho de laranjeira com cinco enormes fructos, e por fim um punhado de ervilhas unidas, apertadas na vagem fibrosa e retezada.

Na sala espalhou-se uma suave exalação. A couve na sua concavidade fazia uma taça de prata e malachite aos morangos, vermelhos como rubis; as laranjas, afogueadas entre a folhagem sombria, pareciam dormir um somno



quente em populeiras tropicaes; e os junqui-  
lhos, nos pedunculos curvados, flexiveis, canta-  
vam hymnos de graça humilde.

— Ainda é capaz de dizer que o sr. Ma-  
theus tem melhor?! perguntou a Piedade em  
tom de maternal aggressão.

— Mas olhe que não me fica a dever  
nada!

— Se o sr. Fernandinho só quer encon-  
trar virtudes nos outros!... Sempre assim!  
Deus lhe perdoe! D'elles tudo é bom. O  
seu nunca presta.

Maria da Piedade, na admiração do filho  
adoptivo e no amor da casa, tinha ciúmes  
de quanto a modestia de Fernando lhe ante-  
punha. As fructas do quintal do dr. Matheus  
roubavam-lhe louvores ás da quinta das Pon-  
tes; até o elogio, com que Fernando fallava  
do Vieira, figurava-se-lhe offender o preito  
devido á nobreza de character do amo. Por  
isso não perdia ensejo de o reprehender, exi-  
gindo-lhe justiça.

Já assim não era Beatriz. Sorria á todas  
estas dissensões domesticas e dava sempre  
razão a Fernando.

Quando viu a mãe expôr sobre a meza o  
que trouxera da quinta das Pontes, desceu ra-

pidamente a escada, e voltou, instantes depois, com qualquer cousa movediça no avental.

— Também eu tenho coisas bonitas para lhe mostrar! exclamou.

Rindo, espalhou sobre a meza uma ninhada de pintos, de velludas manchas negras, hesitantes e timidos, a olharem com os seus grandes olhos de azeviche, as pernitas d'ambar fincadas a custo.

— Has-de ser sempre creança! disse a mãe na sua benevola auctoridade.

— São uns amores! redarguiu affirmativa a filha, enquanto botava novamente no avental as avesitas, uma a uma, approximando-as dos labios e alentando-as.

Suspeitavam Maria da Piedade e Beatriz que este dia não podia deixar de ser doloroso para Fernando; queriam pelos seus carinhos moderar-lhe a tortura? Com certeza. Embora por modos differentes, uma reflectidamente, por obrigação pensada do dever e do amor, a outra por instinctiva caridade, para ambas a vida de Fernando de Noronha era a preocupação constante, o ponto nunca esquecido em volta do qual haviam de se mover. Eram suas creadas! Nem a bondosa intimidade em que elle as collocou, nem a consciencia de o

protegerem, poderam jámais apagar o ardor de obedecer e de servir, sujeição tão honrosa para ellas, como para elle, o cavalleiro apaixonado, a lealdade á sua amada. No fundo, a affinidade de caracteres tornára-se perfeita. Só a tendencia das acções divergiam.

N'aquelle dia, Fernando de Noronha saiu um pouco mais cedo. Queria ir ao escriptorio antes de ir á egreja, e não faltar a todo o officio. Os passos não alteraram a medida que lhes impozera; atravessou a villa na placidez conhecida, embora mortificado pela apprehensão de ter de supportar horas dolorosas. Também estivera no enterro do morgado. . . Era differente! Ahi o movimento forçado privava-o da concentração doentia. Mas na egreja, a immobildade durante muito tempo ao lado de Helena, no meio de symbolos funereos, fazia-o tremer. As visões tumultuares anticipavam-se; baixavam já sobre elle, como nuvem pejada de pavor.

Perto das dez horas desceu do escriptorio á loja, onde estava o Vieira.

— Então, se me dá licença (nunca faltava ao serviço sem usar com o seu amigo d'esta formula, delicada confissão de dependencia; até parecia fazel-o com particular accen-

tuação, quando por acaso se encontravam na presença d'estranhos) se me dá licença, disse, vou até á egreja.

— Pois não! M... São horas. Eu também lá quero ir, respondeu o Vieira, mas para o meio dia, de modo a assistir á missa. Vieram as fazendas; preciso conferil-as e pôl-as em ordem.

— Afinal d'onde proveio a demora?

— Tropelias do correio! A carta andou a passeiar por Extremoz; chegou hoje; e tudo na estação a pagar armazenagem!

— Também no caminho de ferro podiam tel-o prevenido.

— Quem se importa com isso?!... Só se lembram de nós, quando lhes podemos ser uteis.

— Triste verdade!

— Pois agora estamos bem mal para servir amigos! Falta-nos o patrão. Não vejo por ahí quem substitua o morgado.

— Não é facil, confirmou Fernando.

— Não ha, de certo!... Era um homem dedicado, prestavel e com influencia muito grande.

— Sem duvida.

— E deixe lá... Não falta quem murmure da administração que elle fez na cama-

ra, mas nenhum ainda soube fazer melhor. As estradas construíram-se quasi todas só com trabalho braçal; nunca lançou um real de contribuições novas. E depois . . . honrado. Olhe o dr. Teixeira em toda essa historia dos reaes.

— Outra educação, observou Fernando

— Outro character, outro character! emendou o Vieira.

N'isto passou uma carruagem.

— Já ahi vae o major. São horas, advertiu Fernando de Noronha.

E saiu, a caminho da igreja; o corpo esguio vestido de preto, o andar compassado, quasi um symbolo vivo de austeridade, despreendimento, e energia de vontade. Agora, com a barba inteiramente branca, lembra muito a physionomia do pae. Sómente os olhos differem. Têm um brilho particular.

Entrou pela porta principal. O officio começára n'aquelle instante. Cá fóra, no adro, conversavam apenas dois homens; um de casaca; o outro, mais modesto, com uma sobre-casaca muito curta e apertada, abotoada sobre o ventre, fazendo refegos. Estão ambos em cabello, signal de que já entraram na igreja e deixaram lá os chapéus. Vieram fumar.



São nossós conhecidos. Um, o da casaca, é o dr. Teixeira; o outro, o tabellião que frequentava a casa do morgado e mandava para os jornaes correspondencias politicas.

—É o que está na escriptura! dizia com modo decisivo o doutor.

—Mas assim é um roubo aos crédores...

—Qual roubo!... É o direito, a lei, unicamente o direito; o visconde faz muito em...

Fernando de Noronha nada mais ouviu, passando sem parar; mas percebeu tratar-se dos bens de Helena e do marido, sobre a situação economica do qual já na villa havia rumores que elle, Fernando, muito voluntariamente não quizera averiguar, nem saber.

Ao centro da egreja erguia-se um enorme catafalco, rodeado de brandões accesos sobre grandes tocheiros de pau santo, uma das riquezas do thesouro da confraria do Santissimo. Em baixo, o chão, do lado da entrada, era um alfobre de luzes em velas delgadas sobre castiçaes de prata, do morgado, do visconde, de todos os vizinhos e amigos da casa da Suarda. Do lado da capella mór ficava o côro composto de mais de vinte padres, d'alva sobrepeliz, d'uma alvura arrefecida pela escu-

ridão das paredes, inteiramente armadas de negro. Ao fundo da igreja, logo em seguida ao guarda-vento, estava toda a família do morgado, a viuva, os filhos que tinham vindo de longe, os genros, noras, e os mais velhos dos netos. Só faltou D. Luciana; ficou em casa, por causa do jantar para os padres, — jantar copioso e simples, de cosido bem adubado de carnes de porco, assados monstruosos, vinhos frescos, de purpurea espuma, tirados ainda das mães, e travessas d'arroz doce, arrendado de canella, feito na vespera, ao serão, para adeantar trabalho.

Fernando de Noronha, percorrendo o templo com os olhos em procura de lugar vago, — a concorrência era grande e os bancos á volta do catafalco estavam quasi completamente occupados, foi sentar-se ao lado, muito proximo d'uma das portas lateraes. Em outro tempo talvez se sentasse entre a família, tamanha era a sua intimidade, e ainda agora se lembrou de o fazer. Mas, além de viver ao presente muito afastado da Suarda, reparou que os mais intimos, incluindo-o dr. Matheus, não se haviam sentado junto da família; seguiu-lhes o exemplo. Não ficára contudo longe de Helena.

Sempre que alguém, entrando, levantava o reposteiro, caía sobre ella um jacto de luz, ao qual as rosas da sua face e o ouro do cabello, erguido e finamente alisado sobre as fontes, respondiam com intermittentes clarões de belleza.

Fernando queria afastar os olhos d'ali; por mais que a contemplação de Helena o prendesse, queria expurgar de todo o odio e rancor essa adoração; n'este dia o seu proposito, vindo á egreja, era rezar pelo morgado, pedir a Deus para lhe receber a alma, pensar nos beneficios, feitos por elle, e esquecer, implorando a clemencia divina, a amargura sem remedio, que infundira na existencia do infeliz e despresado amante. Lavar-se-ia assim, n'aquella hora suprema, toda a macula que podesse escurecer o culto de Helena.

N'a egreja havia a atmosphera humida, quente das tochas accensas e da multidão; o incenso, a musica, os côros plangentes soltavam ondas de sensualidade, adormecendo a razão, despertando visões. Fernando sentiu infiltrar-se-lhe nas veias uma volupia subtil. A oração perdeu-se. Sem poder contel-o, o sonho apoderou-se d'elle.

Fitando o ataúde vasio deante de si, via

Helena morta; desejava, como uma resolução salvadora, vê-la assim. Seria para melhor a amar em espirito, para a desligar do involucro tentador e libertal-a da condição terrena? Não, decerto. Ainda ali, na pallidez tumular, eram os seus braços, os cabellos, o cóllo e a bocca que via immoveis, n'uma rigidez mar-morea, a pedir-lhe e aos seus labios em braza, que os animassem com o sopro ardente do amor; que os tingissem com o sangue, golidado em borbotões do proprio coração. Não, não era purificação; era avidez a nova imagem apeteida. ■ Morta, immovel, seria só para si! Jámais os olhos poderiam erguer-se para os estranhos, o corpo jámais lhe fugiria, os braços do cavalleiro haviam de possuil-a com um vigor herculeo, arrancando-a para sempre á disputa do mundo. E attentava!... Todo o seu thesouro, ali estava! Já lhe pousá as mãos sobre os hombros de jaspe a sentir-lhes a peregrina macieza, já o rosto lhe toca o rosto geladamente adormecido, a transfundir-lhe o sangue rubro, candente de paixão. Depois, recuando, attenta de novo. Era ella, sim! E só para si, morta, roubada a toda a profanação da cubiça alheia!

Revolvendo o sonho nos meandros infinitos

da imaginação incendiada, Fernando esquecêra-se do lugar, quando na igreja houve um grande movimento. Apagavam-se os brandões accesos que um creado, vestido de cerimonia, recolhia das mãos dos assistentes, muitos dos quaes saíam; respirava-se nova atmosphera, reformada pelo incessante erguer dos reposteiros das portas; os padres recolheram-se á sacristia; após esta onda, fez-se o silencio que espera uma mutação de scenario.

Fernando não se levantou. Ao lado d'elle conservaram-se tambem dois rapazes, que mal conhecia de os ver na villa. Suppunha serem empregados das fabricas. Era o mais provavel, porque todo o pessoal tinha recebido ordem dos directores para assistir ao officio.

Conversavam.

N'esta pequena pausa de ruido, ouvia-os claramente.

— Está a findar a massada, disse um d'elles.

— O que falta? perguntou o outro.

— Agora segue-se a missa, depois as absolvições, e não ha mais nada. Á uma hora, accrescentou tirando o relógio, deve estar tudo acabado.



— Tomára eu! Aborrece-me, sécca-me tudo isto. Não sei para que diabo serve. Para vêr as eguas do morgado correrem ás fogaças de Santa Marinha estou prompto. Agora com estes borrifos d'agua benta, não me entendo.

— Coitado! Parece-me que as eguas da Suarda não vão mais ás fogaças! . . .

— Talvez algum dos filhos conserve a casa.

— Só se fôr isso! Porque o visconde!

— Os homens de Lisboa chegaram hoje.

— Julgo que sim. Também já ouvi.

— É certo. Estão no *Central*.

— Mas dizem que, se houver fallencia, os bens da mulher não entram.

— Não sei! . . . Uma ladroeira! Os que lá teem o seu dinheiro, é que nunca mais o vêem.

— Aquelle homem foi um doido; pois tinha trazido do Brazil mais de cento e cincoenta contos.

— A mulher também concorreu muito para o arruinar. Sempre em Lisboa! . . .

— Podéra! Se o Andrade lá estava!

— Não era só o Andrade. Aquelle rapazito novo, que veio de Coimbra com o cunhado

do visconde, fazia-lhe namorão descaradô e ella não lo largava. Até o dr. Teixeira!

— Que peça!... Mas é uma boa mulher!

— Lá isso é!

Os sinos, que tocavam á missa, deixaram de se ouvir; na capella mór appareceram os padres com vestimentas escuras, e a gente dispersa pelo adro recolheu á egreja.

Fernando de Noreonha ajoelhou e benzeu-se. Ia ouvir a missa. Sentia um frio mortal. O sangue correrá-lhe ao coração. Seria certa a ruína do brasileiro e a deshonra de Helena? Ouvira a conversa dos dois rapazes e não era a primeira vez que aos ouvidos lhe chegavam vagos rumores sobre a indignidade da sua amada. Tremia da insistencia; não podia supportal-os serenamente. Por isso, ou os regeitava por infames ou, se, por uma fraqueza de que sempre se arrependeu, consentia em os admittir, logo encontrava justificação do desvairamento na grosseria e brutalidade do marido. Em qualquer dos casos, embora fosse certa a absolvição de Helena, não livrava o pensamento de se fixar, com dôr pungente, tecida de ciume e de piedade, n'estas revelações fortuitas.

Da egreja foi ainda a casa do Vieira.

salutar dominio do habito deu-lhe algum allivio, coagindo-o a alinhar cifras durante duas horas; quando se encontrou na rua, as tristes cogitações voltaram a cravarem-se-lhe no peito, dilacerando-o.

—Tardou hoje um bocadinho, disse-lhe Beatriz ao vê-lo entrar.

Recuperou então plena consciencia. Aquella voz confundiu a allucinação, despertando talvez um remorso. Como andára tantas horas sem se lembrar de Beatriz?! O esquecimento era injuria á meiguice, ao carinho, á infinita paz que a sua divina candura lhe infundia na alma. Sentado á mesa, servido pelas leves mãos cuja delicadeza contava segredos de constancia e de suavidade, olhou-as timidamente a implorar, mais uma vez, o seu perdão.

Mas a refeição foi curta. Mal a terminou, ergueu-se e saiu. Ia a casa do dr. Matheus. Tinha pressa de o vêr.

salutar, hominão do badiño de-lhe algum ali-  
vio, coacindose a alindar effas durante duas  
horas; quando se encontrou na rua, as tristes  
cogitações voltaram a travar-se-lhe no peito,  
diluando-o.

Tambem hoje um boceadinho disse-lhe  
Beatriz ao vê-o entrar.

Reaperceber então plena consciencia. A quella  
voz confundiu a allucinação, despertando tal-  
vez um remorso. Como andava tantas horas  
sem se lembrar de Beatriz? O esperei-  
mento era injuria á memoria do carinho á  
infinita paz que a sua alma sentia. In-  
stantaneamente se lembrou de Beatriz, e  
pelos largos passos da rua, e sem se  
perceber de consueito de sua vida, entrou  
trepidante e impetoso, mais uma vez o seu  
peito.

Mas a refeiçao foi curta. Mal a terminou  
ergueu-se e saiu. Ia a casa do dr. Mathias.  
Tinha pressa de o vêr.

nao prestava para os debedos das mudeza-  
 ras de debedos da indifferença e do esquivo  
 grandava-se e cautelosamente com zelo por-  
 tava a aversão com a consciência de possuir  
 um thesouro em que não queria conceder par-  
 tilha. Mas o doutor resistia-se a nada lhe  
 perguntando nem por uma só palavra tentava  
 acelerar as confissões; apenas com breves  
 sorrisos dava o reticimento. Desarmava-o  
 sempre; se alguma suspeição ter não

## XIX

Na progressiva affeição ao dr. Matheus  
 Fernando de Noronha quasi o fizera seu con-  
 fidente. Não que lhe confessasse o passado e  
 o longo martyrio, mas só com elle fallava á  
 vontade, da Suarda, do morgado, do Vieira,  
 de Helena, de Beatriz, de tudo quanto tinha  
 sujeito a certo e deliberado recato. A bondade  
 do doutor que com paternal familiaridade o  
 tratava por « meu rapaz » levára o infeliz  
 a renunciar, na presença do amigo, aquella  
 reserva permanente, aspecto exterior do seu  
 meticuloso pudor moral. Ainda aqui se mos-  
 trava a lealdade aos sentimentos constitutivos  
 de toda a sua verdadeira religião; para os



não prostituir, para os defender das mordeduras do desdem, da indiferença e do escarneo, guardava-os cautelosamente com zelo, porventura avareza, com a consciencia de possuir um thesouro em que não queria conceder partilha. Mas o doutor magnetisava-o; nada lhe perguntando, nem por uma só palavra tentava acelerar as confissões; apenas com breves sorrisos bania o retraimento. Desarmava-o sempre; se alguma vez suspeitou ter ido longe demais, nunca houve motivo de arrependimento; já não tinham conta as horas de allivio que d'ali trouxera. As considerações do doutor operavam pelo raciocínio a mesma desoppressão, que Beatriz alcançava pela contagiosa serenidade.

É que o dr. Matheus vai muito além do que julga toda a gente da Eirinha. Não ha sobre elle senão duas opiniões; a dos ambiciosos, remexedores de interesses, que o teem por advogado seguro e perspicaz, aconselhando com rara prudencia e previsão, que importam o mais das vezes a certeza da sentença final; e a opinião dos pobres que nunca lhe encontraram a menor arremettida de ganancia, nem bateram em vão á sua porta. Intelligencia, honradez e bondade é quanto lhe reconhecem.

Possue todavia muito mais; uma bondade intelligente, vontade que quer o bem e o faz, sabendo-o fazer, não por simples pendor espontaneo, mas por conscienciosa resolução. É um santo e tambem um philosopho. Adivinhou a vida no amor e na natureza; cultivava as flores, os pobres, os infelizes, como os mais solidos bens que o mundo lhe pôde dar.

Aprendeu tudo isso no coração, e juntamente nos acasos amargos da existencia, porque o dr. Matheus teve tambem amores, dolorosos amores. A sua alma foi purificada pela dôr; soffreu esse baptismo, redempção das misérias e fraquezas da terra.

Quando saiu de Coimbra, destinando-se logo á advocacia, foi praticar um anno no escriptorio d'um jurisconsulto, celebre n'aquelles sitios, que vivia em Mozéllos, a muitas leguas da Eirinha.

Mozéllos era uma aldeia, não muito distante do tribunal. Poucas officinas, quasi tudo gente do campo, dispersa pelas lavouras; no viver do povoado abriam-se preguiçosos silencias de longas tardes d'estio.

Foi então que o dr. Matheus, entre a hora da sesta e o trabalho da noite, começou a frequentar a casa d'uma costureira, a belleza do

logar. Ella trabalhava habitualmente á porta do pateo interior, sob a ramada umbrosa; e o doutor vinha esconder-se n'aquelle cantinho abrigado da calma, captivo dos olhos da rapariga que gracejava constantemente, com a mais desinvolta alegria.

D'ahi a aventura amorosa. As tardes alongaram-se; vieram serões estrellados, tonturas traiçoeiras. A rapariga desbotada já não ria; os olhos baixavam tristes sobre a costura; as mãos firmavam frouxamente o alfinete com que prendia o trabalho á pregadeira.

Quando o dr. Matheus voltou á Eirinha, a costureira ficou grávida. O desejo d'elle era casar; mas — quanto essa fraqueza lhe pesou na vida! teve medo da irmã. Conhecia-lhe os zelos fidalgos, tinha a certeza de que não supportaria aquella alliança, uma degradação aos olhos d'ella; entre o amor e as convenções, misturadas com o affecto fraternal até ali nunca desmentido, não teve coragem de se resolver; hesitou, fazendo uma victima. Talvez mais tarde, pensava, a irmã consentisse no casamento pela necessidade de dar um pae e nome á creança. Esta, porém, morreu antes de completar dois mezes.

Nem por isso o doutor abandonou a mãe. Sempre lhe enviava consolações, palavras d'entranhado affecto, com esperanças de a trazer para perto de si. Por um amigo, que tinha em Mozéllos, mandava-lhe uma mezada.

Esse, passado um anno, começou a insinuar-lhe, que não havia a confiar em raparigas á redea solta; Deus sabia se aquelle dinheiro era merecido e bem empregado. O doutor não dava maior attenção ás advertencias, tomando-as por suspeita vulgar, seguro como estava do character d'ella. Raro, muito raro a ia vêr; nunca consentia que viesse á Eirinha, pelo respeito da irmã e o temor de a magoar.

Ao fim de dois annos recebe uma carta do amigo, dizendo que, embora muito lhe custasse ser o portador de tão má nova, entendia d'obrigação revelar a verdade. A rapariga era indigna da sua amisade; aconselhava-lhe o abandono; os amantes que a sustentassem. O doutor sentiu infinita tristeza n'este desengano. Com uma coragem a par da dôr, respondeu que não mais cuidaria d'ella; pedia mesmo ao amigo que não lhe dissesse uma só palavra a tal respeito.

Passados seis annos d'este apartamento, um

dia, ao descer ao escriptorio, o dr. Matheus encontrou entre os clientes uma mulher, não de todo desconhecida; sem mostras de pressa, esperou com paciencia, até sahirem os outros.

— Provavelmente V. Ex.<sup>a</sup> não me conhece?

— Não; mas tenho uma ideia de tê-la visto, interrompeu o doutor.

— Eu sou de Mozélos.

— Ah! Lembro-me agora! exclamou com evidente alteração da physionomia.

Esta mulher era vizinha da costureira. Vinha da sua parte pedir-lhe uma esmola. E contou-lhe toda a triste historia.

Depois que o dr. Matheus deixára Mozélos, logo o amigo, encarregado de pagar as mezadas, começou a seducção, inventando a mentira d'um casamento rico e a cessação do soccorro em breve termo. A rapariga defendia-se com uma vivissima fé nas promessas repetidas; mas o outro, sem desistir, continuava na intriga, por um lado affirmando ao doutor que ella deixára de o merecer, e a esta, que o casamento era certo e acabava de receber ordem para suspender as mezadas. Então, vendo-se perdida, n'um movimento de desespero e despeito, entregou-se ao novo seductor.



Este, dentro de poucos mezes, partiu para Lisboa, onde conseguira empregar-se. Saciado, liquidava com um singelo desamparo a tentação vil, iniciada pela perfidia.

Volto o doutor a soccorrer a rapariga n'uma indulgencia, que nem de longe podia moderar a dilacerante consciencia da culpa. Mas pouco durou o auxilio; a infeliz, cuja saude a desgraça arruinára, morreu a curto prazo da cruelissima reconciliação.

Não fôra já senão a miseria extrema que a arrastára a lançar-se aos pés do antigo amante; pois, de resto, quando chegara a averiguar a traição de que fôra victima, o seu primeiro proposito, mantido por muito tempo, havia sido soffrer corajosamente as consequencias do erro. Julgava-se tambem culpada por ter duvidado; pensava não merecer o perdão. A fome foi superior á firmeza do desejo; humilhou-se. Foi ainda a tempo de alumiar d'um ultimo clarão de paz e felicidade a immerecida desventura; não conseguiu porém rehaver a saude perdida sem remedio, pelas privações, pelas agonias da deshonra e do abandono.

D'este drama dos erros da mocidade amorosa, ficaram no coração do dr. Matheus

cicatrices mal unidas, a que o seu pensamento volvia bastas vezes, contemplando-as como espelho das vilanias do mundo e da crueldade do destino. Deixou-lhe na consciencia um espinho, bastante para que sentindo-se criminoso, pudesse juntar á caridade nativa a indulgencia de quem conheceu o erro, os estranhos e fementidos caminhos por onde elle se introduz na intenção mais pura. Não queria mal aos homens, não os aborrecia; não podia com o odio uma alma a trasbordar de sympathia; mas aprendera a temel-os, a distinguil-os; provára os fructos aeres da existencia para não ignorar o travôr que se induz no mais doce mel.

Por isso ao conselho d'esse santo patriarcha vinham pedir guarida justos e peccadores; e elle a uns e outros sabia mostrar a verdade e illuminar o espirito.

Fernando de Noronha merecera-lhe sempre uma devoção particular; primeiro, porque respeitára a firmeza de character do pae, depois porque tendo conhecimento da loucura do filho, immediatamente adivinhára n'elle uma exaltação de generosidade. Via-o sempre com tal desejo de lhe mitigar as amarguras e com tão manifesta alegria, que o pobre rapaz se

habituou a consideral-o, como o unico deante do qual podia despir-se das innocentes ficções, sob as quaes occultava as feridas dolorosas. Sem cousa alguma confessar, nada de facto occultava. Se o doutor o interrogasse, diria tudo. Mas d'um e do outro lado, penitente e confessor, tacitamente ajustaram jámais sair d'uma reserva, fóra da qual murchariam as flôres sagradas d'um amor sublinado.

N'esta tarde do dia dos officios do morga-do da Suarda, o dr. esperava a visita de Fernando. Observára-o na egreja e percebera na pallidez e no fitar faiscante dos olhos quanto soffria. A presença de Helena e o caracter funebre da cerimonia inevitavelmente haviam de resurgir-lhe os phantasmas, que nunca se sumiam de todo.

Fernando veio, como de costume, assentar a sua mudez de allucinado junto da placida e mansa palestra do doutor, da qual estava bem certo, tiraria ao menos serenidade, senão consolação.

Só a «Boa tarde, meu rapaz!» com que o doutor o acolheu, foi já um correr de negrumes e descerrar de luz.

—Que dia de fadiga, meu Deus! continuou, entrando afoitamente na conversação, de-

sejada pelo visinho. Eu estava pelos cabellos. É uma fraqueza, bém sei. Não devemos ser assim. Devemos honrar os que nos serviram, e foram d'alguma utilidade aos outros; o morgado, diga-se a verdade, apesar de todos os defeitos foi um homem de prestimo. Mas não posso! Creio que isto é da idade. Custa-me muito estar fechado n'uma atmospherá quente mais de tres horas; mesmo no tribunal!... Fujo de lá ir. Quem me tira d'este canto!...

— Também me custou muito, respondeu Fernando. Para mim as circumstancias eram diferentes. Póde dizer-se que sou filho d'aquella casa...

— Ah! de certo! Compreendo muito bem, interrompeu o doutor.

E continuando, n'uma rápida mutação que a caridade lhe segredava, correu a alliviar a oppressão do louco:

— Que bella casa! exclamou. O morgado soube conserval-a e augmental-a. Para mim tinha uma virtude que resgata todos os seus peccados. Era a mania de plantar arvores e o escrupulo de as cortar. Hoje não ha por aqui, uma quinta comparavel n'este ponto com a Suarda. Aquelles platanos da entrada teem seguramente tres vezes a altura da casa.

E eu não conheço nada, capaz de proteger uma habitação, como uma grande arvore. Parece que amesquinham as obras dos homens; afinal guardam-n'a, confundem-n'a e absorvem-n'a na sua grandeza. Livram dos ardores do estio e dos frios do inverno. Esta ordem social, tão difficil d'alcançar, aspiração nunca satisfeita, que tem causado crimes e revoluções, é para a natureza um modo de ser normal e facil. A natureza desconhece a desordem; os fortes amparam os fracos, a arvore o musgo e a relva; os pequenos sacrificam-se pelos grandes; as relvas e os musgos secam-se para alimentar a arvore, mantendo a frescura das raizes. E para isso não precisaram de codigos, de leis, hospitaes nem prisões. Que mysterio de degeneração este, que inventou para o homem tormentos, ignorados pelo resto das creaturas!

Ao ouvir o doutor, Fernando quasi se esqueceu do pensamento atroz que ali o levára — a suspeita da deshonra de Helena e dos enbaraços economicos do marido. Na verdade, fôra a casa d'elle para saber a certeza. Não tinha mais a quem recorrer; as revelações, ainda as mais duras, vindas d'aquella bocca eram sempre mitigadas de linitivos. Mas o



doutor captivava-o com o seu ingenuo amor da natureza; um momento teve-o distante da turbida obsessão.

Pausa breve: logo Fernando observou: — Infelizmente, Deus sabe o que será dos bens do morgado e das suas arvores! Creio que o genro tem tudo muito embaraçado.

— Sim, por ahí estamos, a meu vêr, muito mal. Eu não posso ainda julgar da questão, mas deve ser muito duvidosa. E está entregue em fracas mãos! Aquelle dr. Teixeira tem concorrido muito para arruinar o visconde. Lançou-o na politica, instigou-o a estabelecer a fabrica, e ainda agora anda a metter-lhe em cabeça demandas com os credores, quando a unica coisa segura a fazer era um accordo, aproveitando a morte do morgado, a vêr se salvava alguns bens da mulher. Mas o Teixeira gosta de questões! Elle é que nunca perde, e está com uma fortuna bem boa! Triste coisa este mundo!... Mas é assim e assim havemos de o supportar.

— Tambem sempre fiz esse juizo do Teixeira, disse Fernando.

— Ah! Não tenhas duvida. Foi sempre muito má lingua, e eu, que não estou aqui a dizer bem, — Deus me perdoe! nunca encontrei

um má lingua que fosse bom homem. Quando temos pressa d'apontar as faltas alheias, d'ordinario sentimol-as tambem; queremos pagar adeantado o que os outros hão-de dizer de nós.

— Supponho que elle abusou muito da amizade do visconde, continuou Fernando concentrando n'esta observação toda a sua coragem, para ouvir uma palavra decisiva sobre a honra de Helena.

Mas o dr. Matheus não teve animo de o desilludir. Convencido da inutilidade de lhe vibrar tão profunda punhalada, preferindo a duvida que nada ganhava em ser dissipada, ladeou:

— Bem sei a que te referes. Quem sabe?!... Essas cousas são sempre faceis de dizer. E depois, quando se tem odios e invejas, como o visconde, quando se tocou em tanto interesse e tanta ambição, não faltam inimigos.

Fernando de Noronha escutava com terror ancioso. Seria certo?!... Felizmente caminhava a par do dr. Matheus, e elle talvez não tivesse notado aquella vaga de esverdeada e moribunda pallidez, que subitamente lhe cobrira o rosto; não por querer occultar ao doutor

os motivos da sua interrogação; não por duvidar de que por completo os comprehendesse: mas córava de fraqueza, vexava-o a cobardia de não poder amar serenamente, n'uma magestosa serenidade, de peito firme na boa e má fortuna, no deleite, na esperança, na amargura e no desespero.

O doutor continuou:

— Não sei! Não sei!... Mas quando fosse verdade, era de extranhar? Que queres tu d'uma mulher linda e ociosa, como Helena? O marido parece ter tomado por unica obrigação com ella livral-a de todo o trabalho. Nunca fui a casa d'elles que a encontrasse a fazer qualquer cousa. O visconde entendeu que fidalguia era não fazer nada. Ora, meu Fernando, quem não vê senão isto, deve esperar-lhe as consequencias. Os que vivem na abundancia e na preguiça podem vêr a Deus claramente, comprehender a caridade e sentir as suas obrigações; mas fica certo, só os que trabalham estão proximos de Deus, só esses criam pão para si e para os outros. Se a minha experiencia me não engana, bons costumes sem trabalhar é fructo desconhecido. Talvez por isso, eu estou tão bem ao pé d'esses rusticos, que me apparecem

pelo escriptorio. Respeito-os. Sim, elles dão-me o pão. Vê todas essas medidas de milho que tenho no celleiro! Era eu capaz de as tirar da terra?!... E são ellas que me sustentam.

O doutor espraia-se no elogio do povo. Sem o cuidar, pensando apenas distrair Fernando de preocupações sombrias, administrava-lhe o mais salutar e activo cordeal. Fallando-lhe do povo, do trabalho e da sua virtude, evocava no espirito do enfermo a lembrança de Maria da Piedade, do Vieira e principalmente, dominando todas, fazia surgir a figura de Beatriz, vencendo as dôres com a prodigalidade da sua graça. Sempre que nas mortificações do sonho esta appareição perpassava, era um rasto de luz a varrer nuvens calliginosas.

Ao anoitecer, recolhendo a casa, penitenciava-se do seu desvairamento: sempre a estonteada imaginação! O doutor dizia bem:— Quem sabe?! O visconde havia de ter inimigos sem conta. Demais, quando alguma cousa tivesse havido, não fôra d'ella a culpa. Pobre Helena, pobre victima das ambições do mundo! Idealizada pela paixão, ficava sempre crystalina no meio da vása que a rodeava.

— Tua mãe ainda não veio, perguntou Fernando a Beatriz, vendo-a só.

— Decerto, só virá mais tarde. Queria dar ao creado as sementes para o Ribeiro, e naturalmente esperou que elle viesse da Vinha.

O doutor tinha razão; os que trabalham, estão mais proximos de Deus, esses amparam a vida dos que se perderam nos enganos da illusão; são elles que lhes dão a esmola.

Repousado o espirito, Fernando olhava Beatriz a estender sobre a meza a toalha, que alizava com as suas mãos longas e magras. O dia iniciado com agouros funebres terminava na paz. Consumado o sacrificio da paixão, pago o tributo da dolorosa fidelidade a Helena com algumas horas de martyrio, sentia um redemptor alento de candura a bafejar-lhe o ninho.



## XX

O Santos, das fabricas, era na villa o summo pontifice da ordem terceira franciscana. Mandava, ordenava, punha e dispunha; com as mesmas mãos, que faziam contas de juro a vinte por cento, conchegava os habitos dos santos; empoleirando-se nos andores, a retocar-lhes os adornos, usava com elles a familiaridade que parecia exclusiva para arrumação de facturas. Na procissão de cinza tomava a rua. A obesidade dilatava o burel, a fita roxa dos bentinhas era a mais larga e a de melhor seda que lá ia, e o aro dourado da luneta marcava-o com um especial resplendor. Se isto era fraqueza, vaidade ou impos-

tura, nunca ninguém o soube. Tinha medo dos santos, respeitava-os como feitiços vingativos, adorava-os como protectores generosos; por um ou por outro motivo tentava seduzil-os com offertas e promessas? Queria mostrar a riqueza e gastava dinheiro n'aquella festa publica, como outros o gastam em bailes e banquetes? Ou, mais singelamente, não se atrevendo a supportar a fama de homem sem religião, averiguava por aquelle modo as suas contas com Deus e com a egreja, dando satisfação ao mundo por meio d'uma minguada participação catholica e divina nos lucros de sua desenfreada agiotagem? Grande mysterio, sobre que em vão dispenderam infinitas horas de maledicencia os mais abalizados maldizentos da Eirinha!

Fosse como fosse, gastava muito com a irmandade. Sommavam contos de reis as dadas, por differentes vezes feitas. Só a reparação dos telhados da egreja de S. Francisco e annexos importára em trezentas libras; a tunica do Senhor dos Passos e o sebasto do andor, tudo bordado a ouro, estavam calculados em quatrocentos mil reis. Não se sabia ao certo; foram feitos no Porto, e o Santos modestamente occultava o custo, sor-

rindo nas suas queixadas de cão de fila, sempre que alguém em presença d'elle aventava uma avaliação; mas os mais seguros e praticos em maneios de sacristia, tenteando o o velludo, calculavam não ter custado menos de quatrocentos mil reis. Tambem eram dadi-vas da sua inexgotavel generosidade;—as tunicas de sêda verde de Adão e Eva, o manto com arminhos de S. Luiz, rei de França, que veio substituir o antigo guarnecido com pelles de cabrito, as azas novas do anjo cherubim, com umas pennas enormes, como não se conheciam outras—pennas de que o Camillinho (o rapaz que tinha graça e ia ás tardes á botica) dizia, com gaudio dos ouvintes, serem d'abutre e que o Santos as tirára de si mesmo. Para as lanternas gothicas do andor de S. Francisco, de prata, montadas em hastes de pau santo, segundo a opinião dogmatica do major em estylo Luiz xiv, concorrera o nosso prodigo e devotissimo catholico com cem mil reis. Isto, não fallando nas pequenas esmolas sem numero, dadas annualmente á irmandade.

Verdade seja que os collegas da mesa da ordem não se poupavam a apregoar o grande bemfeitor da instituição franciscana; lapides e

inscripções, repetindo-lhe o nome, recordavam a data dos beneficios; o seu retrato a óleo, que mandaram collocar na sala nobre, tinha mais oitenta centímetros d'alto que qualquer dos outros, guardando-se assim proporção exacta entre as generosidades e as respectivas figuras pintadas. Não havia equivoco. Á entrada, logo se via a grandeza do Santos.

Este anno, deu uma imagem nova á irmandade, uma Senhora da Conceição, toda polvilhada de ouros em azues desbotados. Dos arrabaldes correu o povo á procissão, attraído pela novidade.

Choveu de noite; está fria a tarde incerta de fevereiro, a rua humida; do lado do rio sopra ainda uma aragem ameaçadora de chuva proxima. O povo move-se em grandes massas, calladas, unidas e ligeiras, de trajos negros, a desfilar pelas ruas transversaes, para vêr os santos, que vão seguindo pela rua direita.

Fernando de Noronha espera a procissão, sósinho, n'uma das janellas lateraes da sua casa; na outra, Beatriz e Maria da Piedade, que em publico guardam distancias e ceremonias. Ao centro está vasia a larga janella saccada.

Quanta saudade desperta este logar deserto! Foi d'ali em vida do morgado da Suarda, que Helena veio tanta vez, n'aquelle dia, vêr a procissão! Era risonha, alegre; nem os santos com a physionomia rigida a commo-viam, nem o povo no seu negrume de lucto a tocava. Deus sabe quantas mágoas lhe cobri-riam n'aquelle hora o coração! O espirito do sonhador engolfava-se assim na floresta es-pessa dos sonhos. Mas tranquillamente!... Ao lado de Beatriz, guardado pelo adejar da sua graça, a paixão tingia-se de suavidade e doçura. Era um poder magico a encantal-o, para assistir ao drama da propria alma com deleite singular. Não sabia ao certo quando havia começado este novo modo de ser; lem-brava-se que em outros tempos ouvia de con-tinuo uma tempestade de desesperança; agora sentia momentos, longas horas de calma. Não duvidava comtudo da sua lealdade a Helena. Era a mesma, via-a bem em toda a belleza do seu corpo!

Já a procissão entrou na rua e os ando-res vem a baloiçarem-se, compassados, ao som de marchas funebres; seguem-n'os penitentes descalços, cobertos de longos veus, expiando culpas e agradecendo milagres. Parou ali, em



frente da casita baixa d'uma pobre entrevada. Foi ella que o pediu para da cama erguer as mãos supplicantes ao santo, que d'um crucifixo recebe em fios de retroz vermelho as chagas do redemptor. Os irmãos, com a pausa, dão-se uma folga. Este corre á esquina, tira debaixo do burel o cachimbo que accende a custo, abrigando o lume na mão calosa; aquelle deixou o andor e entra na taberna a reconfortar os hombros derreados pelo madeiro; e o Santos, solemnemente, passando em revista os seus fieis soldados divinos e humanos, segredando ordens, passa em frente da casa de Fernando, sauda-o com um sorriso, em que se conjungavam o desvanecimento da propria grandeza e o respeito do fidalgo. Os seus cumprimentos faziam parte da cerimonia, e davam ao cortejo uma significação superior. Á riqueza das alfaias sabia juntar a delicadeza das contumelias, talvez para que o não julgassem soberbo.

Assim ia rolando este reconhecimento de uma aviltada humildade, confundindo o burel e a penitencia com o tabaco, o vinho, as vaidades e os juroes do agiota.

Destacando-se da multidão, correu para a casa de Fernando de Noronha um homem

mal trajado, e bateu á porta, precipitadamente. Maria da Piedade que, distraída, não o vira entrar, appareceu ao cimo da escada. O homem na sua precipitação avançara já até ao primeiro patamar; offegante, disse-lhe, que vinha da parte da snr.<sup>a</sup> D. Luciana; estava muito mal e pedia ao snr. Fernando de Noronha para a ir vêr quanto antes.

Fernando veio fallar ao mensageiro da sua antiga amiga. Era uma catarrhal; o medico dizia que não teria para mais de tres dias; ella pedia-lhe por toda a sua amizade que não demorasse um instante.

Contrariava-o quanto lhe alterasse a existencia regrada, o interrompesse no trabalho e nas visões. Mas este pedido de D. Luciana, mais que uma simples contrariedade, era uma perturbação profunda. Compreendeu tudo: queria vê-lo para fazer testamento, muito provavelmente para o instituir herdeiro. Esta inesperada erupção de interesses confundia-o, sentindo porventura n'um inconsciente orgulho que toda a riqueza gratuita era uma offensa á sua isenção. Despediu o portador, assegurando a D. Luciana, que antes das nove horas da noite lá estaria; e ficou-se a scismar, succumbido, sentado n'uma cadeira. O

rumor da multidão correndo na rua pareceu-lhe um insulto á sua attribuição. Perpassou-lhe um impulso de colera. O que?!... Elle chorava e todos corriam contentes?!...

Maria da Piedade tremia d'estes momentos, terminados, em regra, por uma crise de enfermidade, em que a periclitante vida do amo corria o risco de perder-se. Callou-se. Mas Beatriz, mais ousada:

— Então?!... Tenha paciencia, disse. Vá. Está a pobre senhora á espera. Ella é tão sua amiga!...

A compaixão, assim invocada pelas palavras da rapariga, baniu de golpe as hesitações, as rebeldias do orgulho: pesando-lhe agora como um remorso, contava minuto a minuto a longa hora, que os cavallos da carruagem gastavam a transpôr os campos ermos até á villa da habitação de D. Luciana. Mystérios da noite, perfumes sadios dos pinheiraes e dos fenos, esmaltes do luar sobre as aguas tremulas, toda essa téla em que quotidianamente desenhava as phantasias da imaginação apaixonada, olvidára-a na febre de levar consolo á desditosa enferma. Ordenára-lh'o Beatriz; se aqui podia haver partilha de sentimento, alliava a anciedade da consolação

com a alegria de obedecer á angelica tutela do seu lar.

Apeou-se a um largo portão de castanho, lavado das tintas pelo bater de desabridos invernos, com restos de solidas ferragens, enegrecidas pelos temporaes. Dentro havia um pateo, fôfo de vegetações, tapetado de acelgas e malmequeres, transversalmente cortado pelo carreiro, conduzindo á escada exterior de pedra, a um canto, quasi em ruinas. Entrava-se assim no vetusto palacio, solar dos antigos fidalgos de S. Thiago de Pereira: — aqui e além, frestas gradeadas e abertas, portas batendo ao vento, uma glicinia a bracedear entre a derrocada dos muros; sobre a rua, talvez imagem da firmeza dos guerreiros que tinha visto, a extensa fila de cantarias salientes das janellas, terminada pela cruz da capella.

Sentindo a carruagem, veio á porta, de lanterna defumada na mão, uma mulher vestida de serguilha, physionomia sem sexo, em que o trabalho da terra apagou toda a graça feminina.

Guiado por este ser obediente e manso, Fernando atravessou as salas nuas sem luz, escurecidas pelos tectos sombrios de madeira

apainelada, derreados, a despregarem-se roídos de caruncho. No extremo mais distante, um frouxo clarão, a vaguear perdido na treva, estendendo-se d'uma porta entreaberta, marcava o quarto de D. Luciana. Um leito vasio, meza e grande armario de pau santo, constituíam a mobilia d'aquelle cubiculo. No chão, junto ao armario, sobre uma enxerga, jazia um rosto humano, com os olhos semi-cerrados, o peito arquejante, os cabellos grisalhos, atirados confusamente sobre o travesseiro.

D. Luciana terminava, entre aquellas ruínas, a vida sempre escoltada de maus fados. N'essa casa tivera a sua primeira dôr e ella mesma lhe ia receber agora os ultimos gemidos; ali, ainda ao lado do noivo, vira entrar n'os braços dos escudeiros o cadaver do pae; era ali tambem que vinha acolher-se para a agonia final.

Quando o pae morreu, assassinado em 1837 n'uma briga politica, ficára orphã com um irmão e irmã mais velha, sem protecção, sem fortuna e sem mais parentes. O velho fidalgo, legitimista arrebatado, dissipador e louco, morreu crivado de dividas; os credores, que ainda até então tinham esperado,



confiados na restauração dynastica e em largas indemnisações, desenganados pela morte, fizeram vender immediatamente todos os bens; d'elles escapou para os filhos só aquella casa. Em sitio ermo, com as ruas de murta e o grande tanque cercado de castanheiros, pouco valia. A exiguidade do valor, a indivisão e consequente difficuldade de negociar qualquer transmissão, deixou ficar aquillo.

Com a fortuna dissolveu-se a familia. O noivo de D. Luciana achou bons motivos para se desonerar do compromisso; a irmã partiu para longe, em vida incerta, na companhia d'um rapaz com que ha muito andava d'amores; o irmão, desterrado pela pobreza e pela vergonha, foi para o Brazil, d'onde nem uma unica carta escreveu para Portugal. Suppunha que a irmã mais nova levára o caminho da outra; tudo acabára para elle na sua terra. Sem honra, sem bens, que podia prendel-o, a não ser o ecco da saudade, que ás vezes lhe retinia nos ouvidos?

Mas enganava-se. D. Luciana não se perdera. Tinha-se salvo com o auxilio dos morgados da Suarda; entrára na regra severa da dependencia das casas nobres, mais pesada que os jejuns e os cilícios do claustro. Crea-

da entre as lisonjas, a liberdade e a riqueza, recolhia as migalhas dos banquetes; occupava á meza o ultimo logar, desprezavam-n'a requebros e galanteios, que outr'ora e por seu mal provára; pedia e recebia as ordens dos que a sustentavam; olhava pelas creanças, vigiava os creados, guardava a casa, enquanto os senhores bebiam, riam e folgavam. Nenhum consolo, nenhuma palavra de desinteressado affecto, nem um volver d'olhos de piedosa sympathia! A sua sorte era servir, mas servir, cruelmente, por indeclinavel escravidão.

Mais de trinta annos se passaram n'este teor. D'ahi, no seu coração, um fermentar de revolta, a repulsão da injustiça do destino, que facilmente a impellia n'uma disposição de azedume, tornada por fim parte integrante do seu character. Conhecendo de sobra quanto a vida tem de desprezível, sentia de perto todas as suas perversões, para poder livrar-se da escorregadia tendencia a odiar. Quando acordou da illusão em que as loucuras do pae a traziam, experimentou logo, na fuga do noivo, o sabor indelevel da traição; depois ouvira a toda a hora, como n'um côro lugubre, as vozes do egoismo, da

vaidade e da corrupção do mundo. E era tudo o que ao certo sabia da vida.

Por educação e por habito, rezava muito; rezava por tudo e por todos, pelo allivio das misérias proprias e das estranhas, pelos que andavam em guerra e pelos que andavam sobre as ondas do mar, pelas almas do purgatorio e pelas almas dos seus paes, para que Deus lhes perdoasse, e por essa irmã nunca esquecida, para o anjo da guarda a illuminar e a salvar da desgraça. Das antigas riquezas restava-lhe uma imagem de marfim da Senhora das Dôres; era a essa a quem tudo pedia, fitando com os olhos humidos de esperança esses outros olhos, mudos e frios para a indiferença sem piedade, mas prodigos de doçura e consolação para os que na fé os imploravam. Na estreiteza da sua alma, cujos vãos a dissipação paterna e o rigor do destino haviam cortado, D. Luciana caíra na vulgaridade d'um fetichismo catholico; nem uma só das palavras de Christo lhe impulsionava o coração. Desconfiava do mundo que lhe fôra adverso. Odiava-o. Se topava algum bem ou soccorro, esse vinha da vontade da imagem, que ella conseguira captivar pela oração. D'ali procedia o agasalho e o pão;

d'ali o amparo que a susteve no despenha-deiro de libertinagem, onde a irmã resvalára. Por isso na terra o seu unico grande affecto era a Senhora das Dôres, mas só aquella, na languida pallidez eburnea, a pequenina espada de prata cravada no peito, os cabellos tingidos de louro, o manto debruado com um traço azul.

Emquanto D. Luciana se consumia em desgostos, o irmão enriquecia no Brazil; cansado do trabalho, pensava em descobrir um canto repousado para a velhice. Se voltasse a Portugal?!... Podia ser que a casa do pae ainda existisse. Começava a lembrar-se das fontes, dos castanheiros, das veigas ensombradas pelos choupos, das longinquas arestas das serras, das agulhas de granito que eram as derradeiras alumiadas, quando o sol, á tarde, se escondia para as bandas do mar na sua mortalha multicolor. E as irmãs?!... Ai! O que seria d'ellas?!... Mortas talvez, talvez abandonadas, mendigando! Queria vê-las, perdoar-lhes, abraçar-as; ignorados segredos de piedade se apossavam do seu coração. E uma saudade de tudo envolvia-o, como a vágua que róla um naufrago até o sumir na profundeza das aguas.

Voltou a Portugal.

Estava velho, doente. Nas lagrimas com que viu as ruínas do palacio do pae, na ternura com que beijou a irmã, havia a placidez tumular, um presagio triste. — «Era só a doença,» dizia elle. Iria a Paris curar-se; depois viveria ali com a irmã, terminariam ambos a vida na paz e na felicidade.

Voltou ainda d'essa jornada, mas para immediatamente fazer outra, da qual jámais se regressa. Apeando-se pela ultima vez na estação da Eirinha, cadaverico, transportaram-n'o para a Suarda, onde primeiro se hospedára, por ser a casa mais proxima entre aquellas, a que poderia acolher-se; lá morreu, ao fim de dois dias de agonia.

Assim, D. Luciana encontrava-se, no cabo da vida, rica, d'uma riqueza immensa que a sua imaginação não sabia medir nem calcular.

Ao vêr-se liberta da esmola, não pôde defender-se d'uma mal definida alegria. Obedecendo ás convenções sentimentaes, o codigo fundamental da sua classe, guardava os pensamentos intimos sob a mais perfeita compostura d'um lacrimoso lucto; intimamente, porém, assaltavam-n'a tremores de jubilo. O irmão



vivêra distante por longos annos; no regresso, a demora fôra tão breve que, apesar do desenlace dramatico, não houve tempo de crear entre elles, novos laços assaz poderosos para banirem o prazer d'uma emancipação tantas vezes pedida, em dias de humilhação e fadiga, áquella Senhora das Dôres, que fôra a sua unica amiga, d'uma inconcussa fidelidade.

Não lhe faltavam agora attensões e carinhos. A sua companhia era disputada por toda a Suarda e por toda a villa da Eirinha, cubiçosa d'uma preza repleta d'ouro, condemnada pelos annos. Descobriam-se affeições que alcançavam a familia inteira da pobre senhora; choviam consolações pela morte do irmão, convites e cuidados pela sua saude; não escasseavam presentes de gulodices; e a concorrência ás missas, que se rezaram por alma do fallecido, foi numerosa e selecta.

Ella, porém, desconfiava. Com a experiencia de quarenta annos crueis, tudo recusava — os offerecimentos e os favores, assim como as esmolas que lhe pediam, em quantidade não inferior áquelles. Allegando desejos de poupar os estranhos, uma vez que Deus assim o tinha querido, a ninguem devia pesar; e foi esconder-se no velho palácio

avoengo, como ave solitaria e nocturna, com as arcas a trasbordar de metaes preciosos e de titulos de rendas pecuniarias, a que a sua ignorancia chamava genericamente « os papeis ».

Desde então começou para D. Luciana a maior das mortificações, talvez castigo ou maldição, — muitas vezes o pensou! da occulta alegria com que se viu rica. Pobre toda a vida, não sabia que fazer á riqueza; os appetites tinham morrido, a sensualidade atrophiára-se por inutil e nunca satisfeita. Germinava-lhe na alma uma avareza estranha; aquelle ouro era um deposito confiado á sua guarda, devia restituil-o intacto, com tão séveras contas, como as que outr'ora lhe pediam pelas lagrimas das creanças, entregues á sua vigilancia. Temera muito o morgado da Suarda, os seus impetões e insoffridas economias; mas eram melhores do que o peso do erario, a que a pozeram de sentinella; os outros ao menos misturavam-se com o repouso das horas de ausencia e com o lenitivo da brandura da pobre D. Maria Benedicta, córand-o quando o marido se agastava, sympathisando com os flagellados pelas reprimendas. Ali é que não tinha um momento de remis-

são; o ouro espreitava-a dia e noite com rugidos de ameaça. Mandar á tenda comprar pão, parecia-lhe roubar; era necessario tocar no dinheiro, e pelas suas mãos, que lhe lembrasse, nunca passára senão o alheio. Não sabia possuir, porque nunca tinha possuido; não calculava, porque nunca necessitára calcular; a imaginação desvairada annunciava-lhe proximo o terminar do thesouro com o desvio dos mais minguados reaes, necessarios ao seu sustento.

Fechára tudo no quarto, n'um grande armario antigo, encontrado n'uma loja do palacio, e que o irmão, quando veio do Brazil, mandára restaurar por um habilidoso da Eirinha. Pôz ali as pratas, os papeis, e nas pequenas gavetas o dinheiro em pequeninos saccos, cosidos por sua mão, feitos d'uns trapos encomendados a Fernando, com muita recommendação, para lh'os comprar baratos, — não fossem enganar-a! em casa do Vieira. E alli estava, scismando no seu pavor, de guarda, dia e noite.

Queria dormir e não podia. Vinham roubar-a, assassinar-a; pela escuridão, na treva, pelos reflexos do luar, andavam a seguil-a sombras sanguinarias. Em sobresalto, os hom-

broz frios, semi-nús, na póda camisa que trouxéra da Suarda, prenda de consoadas de D. Maria Benedicta, esperava a madrugada; de dia, quando andasse gente na estrada por quem pudesse gritar, dormiria um momento. Queria resar, fitava a imagem da Senhora das Dôres; entre os seus olhos e os da imagem vinham interpôr-se os saccos accumulados no armario; as contas do rosario caíam uma a uma, sem que o espirito lograsse prender-se á oração.

Para ir á egreja ouvir missa, amarrára a um cinto alguns dos saccos mais pesados, na esperança de trazer sempre consigo toda a riqueza; mas logo se lhe varreu a illusão, vendo que nada levava, relativamente ao muito que em casa deixára. Depois, aquelle peso era um caustico, uma chaga, cilicio, a cravar-se na carne, a contorcel-a em dôres, sempre a correr a mão pela cintura, temendo partir o cinto, não fosse o ouro perder-se. Sabia historias de malfeitores astutos que tinham trato com Satanaz; roubavam imperceptivelmente, adormecendo, illudindo a mais sagaz vigilancia. Voltava a casa apressada, ligeira, açoitada por espectros; mal entrava o portal, lançava ás janellas um olhar de ater-

rada interrogação, a procurar um indício, de que tudo estava intacto e o armario não tremera no seu logar.

Mortificada, consumida de insomnias e de continuado jejum, caiu doente, a arder em febre.

De quantos conhecera, o unico de que conservava immaculada sandade, o unico que nunca lhe mostrára nem impaciencia nem desprezo, era Fernando de Noronha. Por isso, sentindo proxima a hora da morte, o chamára. Só a elle se poderia abrir com franqueza.

Quando o viu, rehavendo subitamente um vigor apenas estimulado pela afflicção, com gesto imperativo mandou sair a creada; sentou-se na enxerga, mostrando a esqueletica magreza do cóllo enrugado e das espaldas salientes.

— Então?!... não se descubra, accudiu Fernando, procurando um chale para a agasalhar.

— Não tenho frio, respondeu ella saccudidamente com desprendida segurança. E pelo que hei-de viver!...

Em seguida, retrocedendo ao dominio dos seus habitos de cortezia, começou a dizer-lhe:



— Que lhe perdoasse chamal-o áquella hora e em tal dia, mas a afflicção era grande! interrompeu-se com um soluço, — que sentia o peito a tomar-se-lhe e ámanhã talvez não podesse fallar. Queria fazer testamento. A sua fortuna pertencia á Suarda, por lhe terem dado o pão; ia deixal-a ao filho mais velho do morgado. Mas queria tambem deixar alguma cousa ao seu Fernando. O que estava nas gavetas, o dinheiro, era para elle; o resto, os bens e os papeis para o morgado. E principalmente lhe pedia que desde já guardasse tudo, pois ella para nada tinha forças, e só assim ficava certa de se fazer a entrega, conforme a sua vontade.

Tirou as chaves debaixo do travesseiro, fez-lhe abrir o armario e lançar os papeis e o dinheiro n'uma arca, que havia de levar comsigo.

— Olha! . . . Leva tambem a Senhora das Dôres . . . Espera . . . Deixa-m'a vêr.

E abraçou-a, beijando-a, n'uma crise de lagrimas:

— Foi esta a minha riqueza! Foi ella que me valeu! repetia por entre o choro. É para ti. Estima-a, estima-a muito. É como se me estimasses a mim.

Antes da madrugada estava feito o testamento; Fernando de Noronha recolhia a casa, trazendo consigo a arca, em que se encerravam as pezadas riquezas de D. Luciana.

Voltou a vê-la passados dois dias. Chegou lá tarde; o sol no occaso, atravez dos vidros embaciados da janella, vinha bater mollemente, n'uma molleza que parecia suspirar ternuras, sobre o armario encerado de fresco. Nos campos pousava uma nevoa tenue, a planicie alvacenta illuminava-se com os oiros purpureos do poente, as arvores quedas sorviam a frescura da primavera que as acordava. Por toda a natureza se espraiava uma serena fecundidade, um repouso turgido de abundancia, cantos de benções e louvores. E com o sol penetrava na alcova da enferma um ecco d'esse hymno de gloria que se erguia da terra, como em ondas de incenso subindo aos ceus. A mudez d'aquellas salas, á noite visitadas por espectros, terrivel, ameaçadora, a condemnar a vaidade humana, n'esta calma que de fóra a invadia, respirava desprendimento, resignação, conformidade tranquilla com o destino.

Ao vêr Fernando, D. Luciana ergueu-se na enxerga, como da primeira vez, mas não

já com a figura desvairada; a paz descera também ao seu coração. E fôra elle que lh'a trouxéra! . . . Sentia-se tão bem! . . . Beijou-lhe as mãos.

Livre do fardo que a cruel herança do irmão lhe pozéra aos hombros, distante dos thesouros que tinha a guardar, recobrára magicamente saude, serenidade, porventura alegria e esperança de dias felizes.

N'uma das visitas de Fernando, que amiudadas se seguiram a estas duas primeiras, disse-lhe:

— Não te canse mais, meu Fernando. Eu sei que isto te custa. Também tens pouca saude e é tão longe! . . . Perdes sempre toda a tarde. Não, não voltes. Agora estou bem; sinto muitas forças. Não, não voltes. Eu é que hei-de ir fazer-te uma visita. E quero ir á Suárda e ao Paço, vêr a Helena. Coitados! . . . Foram tão meus amigos, vieram cá tanta vez! . . . Mesmo o visconde! . . .

— E o dinheiro quer que lh'o traga?

— Não, não quero! . . . respondeu ella apressadamente, baixando a voz e tremendo n'um frio de subito pavor. Deixa-o lá estar! . . .

bibRIA

## XXI

Não era inteiramente verdadeira a apreciação do viver domestico do brasileiro, que o dr. Matheus fizera a Fernando de Noronha n'aquelle dia dos officios do morgado da Suarda. O marido tinha menos culpas do que o doutor imaginava; a falta de trato continuo com raparigas, fazia que elle lhes attribuisse uma docilidade que na realidade não teem, ignorando por completo as teimosias, as resistencias tenazmente indisciplinadas, tão vulgares nas mulheres frivolas. Assim, Helena parecia-lhe o producto do character do marido, sem se lembrar de quanto podia a sua nativa futilidade moral, coadjuvada pela educação do



collegio e pelos namoricos ociosos da Suarda, commentados com toda a sabedoria solteirona da amiga Alice. O bom doutor vivia muito afastado d'essa atmosphera, que mal conhecera em rapaz, para lhe poder attribuir todos os maleficios inherentes. Julgava as mulheres, ou pela candura da infeliz costureira de Mozéllos, ou pela sisudez regrada e prudente da irmã que lhe governava os bens, arriscados a perder-se, se não fôra a sua continua defeza. Illudia-se. Os ares da Suarda eram outros.

Helena entrára na casa do brasileiro, possuida do mais completo desprezo pelo marido. A Alice supprira-lhe o que a estreita intelligencia não alcançava; assim ficou assente que o brasileiro era a propriedade da mulher, dando-lhe, por intermedio dos seus contos de reis, inteira ociosidade, acompanhada de todos os regalos. O casamento representava apenas liberdade e dinheiro; liberdade para não ter pessoa alguma a quem dar contas; dinheiro para os caprichos que á lembrança lhe viessem. A Alice, por occasião de discutir a situação do infeliz Fernando, chegára mesmo a declarar á amiga, que o essencial era o dinheiro; porque emquanto ella tivesse aquelle

palminho de cara não lhe faltariam adoradores.

E dizia isto passando-lhe a mão pelo rosto, carícia correspondida por Helena com um sorriso dos seus lindos dentinhos, que era como o despejar d'uma amphora de aljofares, toda lisongeadada do elogio, bem longe de suspeitar offensas á sua honra, na perspectiva de mulher casada com um sequito de amantes.

N'esta disposição d'espírito viu o padre unir á sua a mão musculosa do brasileiro; e com tão firme, bella e altiva resolução entrava na vida nova que, no dia do casamento, D. Luciana não se conteve sem commentar com a sua costumada aspereza:

—Credo! Esta menina é d'um desprendimento!... Parece que vae para uma romaria. Ora queira Deus que seja sempre assim!

E o padre cura, confessor da casa, a quem n'esta qualidade D. Luciana julgava poder fallar, e realmente fallava, das apreciações intimas, já com o faro acceso em gula a adivinhar o jantar, respondia-lhe:

—Meninas! meninas!... Depois mudam. Os trabalhos é que ensinam.

O padre, é claro, não sabia se Helena

mudaria, nem lhe importava que mudasse. O bastante, era responder com delicadeza; porque n'esta hora para elle a cousa absorvente, a breve trecho absorvida, era o jantar.

A rudeza do barão não ia tão longe, nem estava tão cego nos interesses do casamento, que visse com indiferença a formosura da mulher. Algum tempo o captivou; seria mentira pretender que elle não tivesse soffrido tambem de amor. Teria mesmo conseguido despertar sentimento correspondente em Helena? É possível, mas tambem é verdade que se tal existiu algum dia, voara aos primeiros enfados da gravidez. Ás caricias do marido, Helena respondia:

— Oh! filho! ... Pelas almas, não me seques! ...

Grande lição que elle aprendeu de prompto! Não só as tendencias naturaes o desviavam de se afferrar a amores idealizados, mas alguem incessantemente o chamava a diversa actividade. Marido e mulher estavam bem guardados: ella, pela sua querida Alice com abundancia de depravação delambida, que chegava para um convento; elle, pelo conselheiro mór, dr. Teixeira, cujas ambições, apenas no começo, tinham pressa. Que

lhe importava a este, que o barão se dêsse bem, se dêsse mal, ou mesmo deixasse absolutamente de se dar com a mulher? Não fôra para isso que o casára. O principal era saber, como a influencia politica do brasileiro havia de conjugar-se efficazmente com a do morgado; como n'essa inabalavel base de poderio, elle, o doutor, havia de edificar o seu castello de interesses.

Para isso forjára um plano, approvedo pelo proprio morgado, a quem a ambição moradia, e porventura a velhice desnorteava da lucidez que tão bem o servira. Dispunha, na verdade, d'uma grande influencia na Eirinha, mas limitada por um amigo de que tremia, — o Santos. O morgado influia já pelo prestimo e capacidade na administração das cousas publicas, já como proprietario, pela extensão das suas terras e infinitas dependencias correlativas, já porque astuciosamente soubera arranjar bom procurador politico na capital e despachára amigos e compadres. Dos nove parochos do concelho da Eirinha, cinco foram despachados por elle e conservavam-se-lhe fieis. Só isto lhe garantia nas eleições uma votação formidavel. Mas havia um obstaculo grave; faltavam-lhe capitaes.

Por isso, o Santos, com as fabricas, os negocios, a agiotagem, era ao mesmo tempo amigo querido e rival temivel. Banqueiro e industrial, tinha talvez mais dependencias que o proprietario e politico. Verdade seja que se conservára sempre ligado ao morgado, mas se lhe viesse a tentação de se emancipar, então a crise seria difficil.

Não faltava quem o instigasse á revolta. Elle é que resistia.

— Aquella casa nunca faltarei! exclamava solemnemente. Já meu pae foi sempre do morgado; e, ainda eu era garoto, dizia-me muita vez: — Sou do morgado e os meus filhos não-de ir pela mesma. Respeitava-o muito! . . .

O Santos fallava com sinceridade; não pensava em faltar-lhe, não por quaesquer escrúpulos de lealdade, cousa que só d'ouvido conhecia, mas unicamente porque ninguem servia os seus interesses, como elle. Não houve concessão pedida para as fabricas que a não alcançasse; da camara obteve empreitadas e a arrematação dos impostos na villa, negocios de enriquecer; da misericordia e do azylo, fornecimentos, que não era cousa para comparar com as outras, mas ainda assim bom subsi-



dio para quem nunca deixava de aproveitar migalhas. Por conseguinte, pensava o Santos, quem melhor o poderia servir?!... Esta era a razão da sua inconcussa lealdade, e até da generosidade nos periodos eleitoraes. Sabia bem que quanto gastasse em politica era dinheiro para ser pago com bom juro.

Mas nem apezar d'esta fidelidade nunca desmentida, o dr. Teixeira deixava de intrigar na Suarda contra elle. É que este não lhe dava a menor importancia. Só para advogado lhe conviria; ha muito porém se afreguezára com um sordido rábula, matreiro e esperto, a quem não repugnavam quaesquer meios de vencer.

—Cuidado! muito cuidado! Vocês não sabem o que é aquelle velhaco!... Eu é que lhe sei a vida. Não podem confiar n'elle para cousa nenhuma...

Tal era o sermão, repetido pelo dr. Teixeira cada dia, com zelo pharisaico, ao seu amigo, barão de Paço da Eirinha. Para não perder tempo, completava a intriga, juntando á suspeição da lealdade phantasticas esperanças de riqueza.

—O Santos ha-de ter influencia emquanto você quizer, dizia ao brasileiro. Pois, d'onde

lhes vem a influencia?!... Das fabricas?!... Dos trezentos operarios que lá emprega?! Ora essa influencia ha-de durar, enquanto você fôr tão pateta que não arranje tambem uma fabrica, para ganhar tanto dinheiro como elle, e ter tantos votos como elle. Os operarios mesmo não o podem vêr. Vão pelos cabellos. É a fome. Se tivessem quem lhes dêsse a mão, abandonavam-n'o todos. Todos, os melhores!... De mais a mais, um bom negocio. Um magnifico negocio!... Tivesse eu o dinheiro que você tem!...

O brasileiro convenceu-se; o proprio sogro, um momento adormecida a sua boa companhia da astucia, concordou tambem em que a montagem d'uma fabrica devia ser um excellente negocio. As melhores levadas estavam concedidas ao Santos, mas affirmavam os entendidos haver aguas de sobra; se faltassem, substituir-se-iam pelo vapor, pois o carvão, já se calculára, não ficava mais caro n'um porto proximo da Eirinha do que em qualquer da Inglaterra. Além d'isto, punha-se grande fé n'um inglez, contractado em Manchester, o qual, por meio de novos processos ignorados no paiz, havia de produzir melhor e mais barato, que todas as outras fabricas nacionaes.

O negocio era tão vantajoso que o brasileiro não quiz dar sociedade a ninguém, embora na villa não faltassem anciosos por despejar n'aquelle sorvedouro o parco pé de meia. Apenas consentiu, por muita amisade e em certo modo para agradecer a invenção de tantas prosperidades, que o amigo dr. Teixeira tivesse, além do ordenado de segundo director e unico advogado, uma percentagem nos lucros. O doutor era-lhe muito necessario. Soubera a tempo avolumar as difficuldades fiscaes e juridicas da organização da fabrica, e mostrar-se com a arte superior, necessaria para governar os operarios, de fórma a trazel-os contentes e a explorar-os; assim se tornára um bordão indispensavel. O barão não podia prescindir do coadjutor que lhe provava mais uma vez a amisade, trocando os lucros da advocacia pela industria. A este tempo já tinha conseguido ser despachado, o que, dizia, muito estimava, só por lhe deixar mais liberdade.

— Não é tanto pelo que posso ganhar, accrescentava, como pelo gosto de ser util á minha terra, e livrar estes desgraçados operarios das garras do Santos.

Ouvindo-o, julgar-se-ia a fabrica uma em-

preza de caridade, a que elle christãmente se sacrificava.

O certo é que com a sua insistencia conseguiu estabelecê-la. O barão mandou vir do Brazil quarenta contos (deviam chegar para tudo, affiançava o Teixeira); foi a Inglaterra comprar machinas e contractar o mestre; afinal a fabrica lá se ergueu na Oliveirinha, abaixo das do Santos, sobre a ribeira, com duas grandes chaminés de tijolo e uns casarões esburacados, a que chamavam officinas.

O Santos, tendo calculado com segurança quanto a phantasia do brasileiro podia custar, ainda lhe disse:

—Diabo!... V. Ex.<sup>a</sup> (dava-lhe sempre excellencia) vae talvez estragar-nos o negocio, a ambos. Se quizesse, poderíamos entrar n'um accordo. Bem sabe... as fabricas não são minhas, são d'uma companhia; eu tenho-me lembrado de que podíamos alargar um pouco o capital, comprar mais alguns fusos e n'esse caso V. Ex.<sup>a</sup> entrava tambem. Isto é lembrança minha!... Mas estou convencido que os outros directores concordavam e até haviam de ter muito gosto...

—Treme!... treme!... exclamava o Tei-

xeira, quando o brasileiro lhe dava conta d'estas propostas. Metta-o no fundo. Verá! Não queira cousa nenhuma! Que se aguento!

O Santos limitava-se a lamentar a recusa e lá ia andando na sua faina habitual, sempre na melhor harmonia com o morgado, continuando a dar-lhe os votos e a fazer-lhe protestos de lealdade. Para que mudar, pensava, se o morgado lhe ia fazendo o que elle pedia; para castigo chegava bem a ruina certa, em que o genro se precipitava.

Os quarenta contos, que primeiramente vieram do Brazil, deram para pouco. Quando a fabrica começou a trabalhar, já se tinham gasto outros quarenta, na maior parte de empréstimo, e era incerto se bastariam.

A fabrica abriu-se. Um mez depois, quando mandava para Lisboa as primeiras amostras de tecidos feitos a primor pelo inglez, o Santos, em circular dirigida a todos os correspondentes, annunciava, por ter baixado o preço das materias primas e a empreza adquirir novas machinas mais aperfeiçoadas, um abatimento de dez por cento (dez por cento em lettras maiusculas) em todos os preços dos ultimos catalogos.

O brasileiro sorriu desdenhosamente; o Tei-



xeira disse-lhe: «É o principio do fim. Estão perdidos!» / E os preços da nova fabrica foram regulados pelos das antigas.

Aqui começou o desastre. Ella de modo nenhum podia com a concorrência. Não era só a falta da agua que se mostrou ser muito grande, substituida com avultado dispendio pelas machinas a vapor; tambem o capital de installação fôra proporcionalmente avultadissimo; os operarios eram apenas os regeitados pelo Santos, pois aos bons sabia elle, como os havia de prender. Demais, o Teixeira não tinha a menor pratica de negocios; cada empreitada e cada fornecimento representava um prejuizo. O Santos ria-se, sem se amedrontar com a forçada baixa de preços. Calculava, e o futuro deu-lhe razão, que a perda havia de ser um dia amplamente compensada pela compra ao desbarato da nova fabrica e das suas magnificas machinas.

Emquanto o brasileiro se mettia n'estas andadas, Helena roia-se d'um fastio mortal. Desconhecia as obrigações domesticas; como competia á sua indolencia, para tudo havia servos, amas para os filhos e governantas para a casa. Valia-lhe a companhia da Alice, fallando-lhe das intrigas da villa, d'amo-

res, namoricos e romances tragico-dramaticos, em que mulheres mal comprehendidas fugiam dos maridos, chorando com todo o despejo pelos filhos na companhia dos amantes, sem vergonha e com menos dinheiro ainda. Alice prégava com a mais eloquente impudencia a soberania do amor, sem embargo da honestidade e dividas na tenda, com filhos ao desamparo, entregues aos beliscões das creadas impacientes.

Já assim, o amor tornava-se prenda elevada. Mas perfumado, com fitas de seda nos sapatos, muitas gravatas, dentes lavados, bem barbeado e luneta d'ouro, era sem mancha; além de soberano, estellante. E o Andrade estava no caso.

Foi o primeiro! averiguára-se em todos os soalheiros da villa. O que admirava é que ella tanto tempo se tivesse conservado na sua problematica honestidade.

Diga-se tudo! ... A culpa não foi de Helena, mas sim da Eirinha, por vergonha indigente de conquistadores, a não ser o novo arcypreste; janota, formado em theologia e modernizado em Coimbra, levava as suas cousas bem encaminhadas, quando lhe surgiu o demónio do Andrade.

O barão satisfizera os desejos da mulher e a promessa ao deputado, que antes de sair da Eirinha lhe recommendára, não deixasse de a levar para Lisboa no inverno immediato.

— Porque, meu caro visconde (foi assim, por sua voz, como usam as pessoas reaes, que o Andrade elevou o brasileiro a visconde antes de lhe fazer mercê do novo titulo no *Diario do Governo*); — porque, meu caro visconde, comprehende muito bem que com a sua fortuna é uma barbaridade obrigar uma senhora de fina educação a passar todo o inverno na provincia! O verão está muito bem; no inverno é necessario convivencia. Eu conheço muitas familias ricas do Minho que conservam até d'um anno para o outro os seus aposentos em Lisboa, para passarem os tres mezes do inverno. Muitas! . . . É uma necessidade! . . .

O barão, prompto em concordar com o Andrade, levou não só a mulher mas tambem a Alice. Tinha os seus negocios, já a esse tempo estava empenhado na questão da fabrica, e não podia prender-se com a mulher. Precisava d'alguem para a acompanhar, quando ella quizesse. Demais, explicação para

os da Eirinha; em Paris as senhoras da aristocracia eram perfeitamente independentes dos maridos; tinham a sua carruagem especial, faziam as suas visitas, passeiavam, iam ao theatro e ás compras nas lojas, sósinhas ou com as amigas. Só em Portugal se estava ainda n'esta ridicula prisão das mulhéres aos maridos.

A digressão a Lisboa fez-se pois, segundo o visconde a entendia, á moda franceza, e ficou na lembrança de Helena, como uma das mais felizes da sua vida. O Andrade perdeu de todo a cabeça com a formosa e sadia viscondessa provinciana; atraz d'elle viéram outros; a sua belleza em pouco tempo ganhou fama. Se não fossem as relações tão estreitas na sua peregrinação eleitoral, seria muito provavel que o Andrade fosse preterido. Havia particularmente um rapazinho fidalgo, magro, loiro e languido que a seguia com insistencia louca. Era certo a esperal-a no atrio de S. Carlos, só, na sua capa á hespanhola bem traçada, encostado aos humbraes das portas, em postura de estatua de cemiterio, carpideira d'amores infelizes.

— Ah! minha Helena que poesia, que encanto! dizia-lhe a Alice.

E revolviam muito os olhos para o rapaz, offerecendo-lhe baldadamente compensação da indiferença da amiga.

Entretanto o nosso antigo barão, hoje visconde do Paço da Eirinha, começava a andar com preocupações que o afastavam da mulher. Um dos motivos pelos quaes se apresára, ouvindo os rogos do Andrade para vir passar tres mezes em Lisboa, era vêr se com o auxilio d'elle contractava n'um banco um grande emprestimo, para lhe pôr a fabrica em desafogo. Á maneira que as necessidades apertavam, o generoso fidalgo, vindo do Brazil, principiava a sumir-se, para reaparecer o filho do *Cainca*, o garoto que roubava a fructa ao dr. Matheus, com todas as artes, esper-tezas, manhas e despejo do almocreve e contrabandista. Não faltava quem suspeitasse, — por inveja ou com justiça, que o barão, percebendo desde o principio a côrte do Andrade á mulher, se limitára a aproveitá-la e a explorá-la.

Fosse como fosse, se tal pensou e calculou, errou o calculo. A honra da sua casa submergiu-se; as difficuldades de dinheiro nem por isso se varreram parallelamente. Nos bancos nada se arranjou, mesmo porque



os banqueiros não davam credito ao politico, salvo o caso especial de interesses, correlativos, que pagavam com um simples logar no conselho fiscal a 4\$500 por sessão; tambem o Andrade fingiu apenas que se empenhava pelo emprestimo. O brasileiro teve pois de continuar a semear dividas, adiando o pagamento aos fornecedores, e pedindo sobre hypotheca a pequenos capitalistas, aos dois e tres contos de cada vez.

Até o trajar dizia alguma cousa sobre a sua situação financeira. As roupas flacidas e de pespontos de seda, que trouxera de Paris, ostentando-as ao pasmo dos amanuenses do escrivão de fazenda e á inveja do inquieto arcypréste, succederam casacos forrados de setim de lã, feitos em Lisboa com prévio ajuste de preço. Visconde, crescido em honrarias, já tinha roupa feita na Eirinha! Era, segundo dizia, por amor á terra e ao seu povo,— pobre desculpa de que os más linguas, condemnados á modestia, sorriam em retaliação vingadora.

Supprindo a inanidade pela infecção moral da Alice, Helena, que começára pelo desrespeito do marido, considerado sempre de condição servil, via juntar-se ao desprestigio a

ruína; de tanto desastre consolava-se, dando largas aos caprichos da sensualidade, coadjuvada pela estreiteza do coração.

Á morte do pae contavam-se-lhe ao certo tres amantes; o Andrade, um visconde ou titular, conhecimento feito nas Caldas da Rainha e o tal poetasito, que viera de Coimbra passar as ferias á Eirinha. Isso que diziam do Teixeira não era verdade, apesar de tentar impertinentemente arrogar-se essa fama, por lhe parecer coroação condigna das suas tortuosas explorações.

Se os estranhos se preocupavam muito com estes escandalos, o marido estava longe de cuidar da mulher. As letras protestadas, as ameaças de execução por parte dos crédores hypothecarios com juro atrasados, as instancias dos fornecedores, e todos os sabbados o espectro da feria dos operarios, bastavam a absorvel-o. Quando morreu o irmão de D. Luciana, teve uma grande esperança. Ella podia salvá-lo. Mas a tresloucada senhora que, na sua desconfiança selvagem nem com o dispendio d'alguns reaes para o proprio sustento se conformava, resistia ferozmente a todas as tentativas de concessão da mais pequena quantia. Empréstimos eram, na

sua imaginação afogueada em avareza, roubos! Ninguém pagava!

Nem assim o visconde desanimou, tamanha era a necessidade; visto nada ter conseguido por empréstimo, punha as suas esperanças no testamento. Recommendou a Helena toda a especie de carinhos com aquella segunda mãe; desfazia-se em palavras doces, em pequeninos presentes não menos assucarados, e frequentava de continuo o escalavrado solar da velha fidalga.

# bibRIA

# bibRIA

## XXII

A visita, que D. Luciana promettera a Fernando de Noronha, não se realisou. Ainda n'essa primavera a inflammação pulmonar re-crudescceu; seguindo sem remittencia, não lhe foi difficil prostrar o corpo depauperado por jejuns quasi ininterrompidos e o espirito enfra-quecido por cuidados espectraes. Fôra por via do arrefecimento devido ás janellas abertas n'um dia chuvoso, pensava ella na incorrigi-vel ignorancia da propria decrepitude, quando pela segunda vez se viu na enxerga.— Tanto recommendei áquella rapariga (a creada) que as tivesse sempre fechadas por causa das cor-rentes d'ar!... dizia lamentando a despeza



de nova doença. Mas, de facto, nem a rapariga nem as trovoadas de maio, com as suas chuvas fecundantes, tinham culpa d'ella estar cachetica. Morria pela mais natural depressão da vida, que os favores da morte podem conceder.

O testamento era breve. Além de poucos insignificantes legados, algumas missas e recommendações sobre a rigorosa pobreza do funeral com esmola de 500 reis, para os pobres que levassem o caixão, resumia-se a sua ultima vontade em deixar por universal herdeiro o filho mais velho do morgado da Suarda, nomeando testamenteiro Fernando de Noronha, a quem legava os moveis e dinheiro, que ao tempo da sua morte se encontrassem em poder d'elle. O tabellião adoptou este modo de redigir, para poupar a Fernando incommodos de manifesto na fazenda e despesas em impostos de transmissão.

Portanto, imaginava-se na Eirinha, Fernando de Noronha ficava riquissimo. Até o rapaz de muita graça, o Camillinho, n'esse dia deixou de a ter, e fallou a sério, na botica, triste por se vêr excluido dos magnificos bens que o destino concedia a outros.

—Dá Deus as nozes a quem não tem

dentes! . . . suspirava. Ora para que quererá aquelle pobre homem tanto dinheiro! D'aqui a dois dias morre tambem; é capaz de deixar tudo á misericordia, e o major alargará ainda mais as dietas dos doentes. Que ellas já são bem temperadas, segundo tenho ouvido! . . . Ainda se elle o deixasse á filha da creada . . . eu até era capaz de casar com ella.

—E olhe que ia muito mal! atalhou o boticario. Não é peste nenhuma. Vem aqui muita vez, sempre tão composta, tão arranjadinha que é um regalo vê-la.

—Homem, ponha ponto! Não vá a apaixonar-se! redarguiu o rapaz para continuar a ter graça.

Bem mais contrariado que todos, estava Fernando de Noronha. Não só qualquer perturbação das suas contemplações e da existencia regrada lhe aborrecia, mas ainda n'este caso não podia defender-se d'uma impressão de offensa, pela riqueza alcançada fóra do proprio esforço. Além d'isso esta de nada lhe prestava, porque a seu modo vivia na abundancia, com uma reserva em poder do Vieira, já não pequena. E finalmente os trabalhos da testamentaria pareciam-lhe tarefa inaudita.

O Vieira, que lhe conhecia as tendencias concentradas, tremendo de o vêr enlouquecer novamente, não cessava de repetir que não tivesse cuidado com esses trabalhos; tomaria conta de tudo, de fôrma a elle não ter senão a assignar, quando alguma assignatura houvesse a fazer.

Pelo seu lado o dr. Matheus, na mesma previsão, procurava tambem tranquillisal-o.

— Era cousa que não valia dois caracoés, dizia-lhe; qualquer solicitador põe-te tudo em ordem, mediante uma ridicularia. E graças a Deus, precisas de poupar a saúde!

Ainda assim estes affagos da amisade não conseguiam serenar-o. Os seus passos continuavam a ser compassados, como sempre, symbolisando a austeridade intransigente contra a fraqueza perturbadora, mas os olhos confessavam a derrota na fulguração febril.

Quem o sabia perfeitamente era Maria da Piedade; por uma longa pratica, associada ao receio constante das repetidas crises, conhecia a fundo o estado de Fernando.

— Queira Deus, que passemos sem temporal! observava á filha. Quando não me pergunta por cousa nenhuma!... Mau agouro!

O proprio Fernando de Noronha sentia a

perturbação, sem a justificar. Era certo que esta riqueza inesperada parecia trazer-lhe magoas.

Para o visconde do Paço da Eirinha o testamento de D. Luciana foi uma surpresa esmagadora. Sempre esperou, que as boas palavras d'ella para Helena e os mimos d'esta haviam de traduzir-se n'um legado redemptor. No desnorteamento do espanto chegou a suspeitar da influencia de Fernando de Noronha. Fôra elle . . . Fora elle que aconselhara D. Luciana a não deixar nada a Helena, para se vingar da rejeição.

Estes assomos de colera não duravam porém, no filho do *Cainça*, filho legitimo do traficante, que a corôa de visconde já não encobria perante o assédio da ruina. O interesse, ignobil interesse sem pudor, sobrenadaria até final em todas as suas situações. Rehavida a serenidade, um momento periclitante pelo desfazer da illusão, o visconde procurou meio de aproveitar ainda alguma cousa nos destroços da fortuna de D. Luciana.

Pensou, meditou. Pareceu-lhe encontrar nova mina segura e facil. Retribuindo com humildade vulpina o odio que, algum dia não sem motivo, d'esta vez injusto, suspeitava em

Fernando de Noronha, descobriu meio de se pagar. Sem trepidar, apressou-se a usal-o com a mesma desinvoltura, com que outr'ora jogava a pedrada.

Ainda não tinha decorrido um mez depois da morte de D. Luciana. Na villa phantasiavam um thesouro a Fernando de Noronha. O visconde entra resolutamente nos aposentos da mulher e diz-lhe:

— Tu vaes fazer uma cousa!

— O que é? perguntou ella com o costumeado olympico desdem para o marido.

— Tu vaes chamar o Fernando de Noronha e pedir-lhe vinte contos de reis.

— Mas sabes perfeitamente...

— Sei tudo o que quizeres, respondeu irritado com a previsão de estorvos. Mas o que eu sei principalmente é que se até amanhã não conseguir essa quantia, o que tenho de melhor a fazer é voltar para o Brazil. É o teu interesse e o dos teus filhos. Arranja-te como entenderes. Preciso ainda hoje da resposta. Creio ser já tempo de me ajudares!...

E sahiu, sem dar azo a novas observações, sacudido, realmente n'uma abjecta impos-tura de dignidade, n'um cynismo alumiado de esperança, Ia confundir os inimigos; a sua



arte venceria. A fabrica, o luxo e as vaidades haviam de continuar; Fernando de Noronha não era homem para se escusar, nem para mais tarde o perseguir pelos juroes em atrazo. O calculo não podia falhar.

Helena, apesar da sua fundamental levianidade, ficou embaraçada com a missão imposta pelo marido. Suspeitou talvez que viria a ser instrumento d'uma espoliação; áparte a honra propria, que não tomava em conta da cousa sujeita a espoliação, repugnava aos seus habitos roubar o quer que fosse. Pelo contrario, gostava de dar; o seu animo infantil era infantilmente generoso, com a generosidade de quem desconhece o valor dos objectos e se enfastia de os possuir — generosidade de que Alice se aproveitava, por obrigação d'amizade, d'eterno affecto, aliás custosamente lembrado nos brincos de brilhantes, com que a viscondessa houvera por bem gratificar doees confidencias e salutaes conselhos, preciosos no tempo dos amores do Andrade.

Não foram longas as reflexões do escrupulo. O marido mostrára a urgencia; os crédores ameaçavam pôr-lhe a casa e os moveis em leilão. Indifferente aos filhos — estavam todos em collegios de Lisboa — e aos amantes,

que não faltariam quando ella quizesse, se alguma coisa amava déveras, era a preguiça, a gula, as manhãs bem dormidas até ás onze horas, a cama macia, os doces de massas estaladiças com assucares corados como laminas de gelo, regalo que não perdia ensejo de encomendar quando havia portador para Lisboa. Demais, gostava de vêr Fernando. Tinha com elle uma liberdade diversa da que usava tratando toda a outra gente; por vezes sentira saudades dos brinquedos da Suarda com o seu amigo, apeteendo-os, como refrigerio das dissipações amorosas.

Sem razão para delongas, sem tentar embrenhar-se em meditações sombrias a que era avêssa, talvez com certa alegria pela consideração final, de conversar uma hora com Fernando, abriu a carteira e tirou um cartão, escripto em francez, a indicar frequencia de Paris. No cartão havia no alto nitidamente gravada uma corôa de visconde; por baixo tambem em fina gravura, estas palavras:

*Le Vicomte et la Vicomtesse de P. da Eirinha*

No verso escreveu, em linguagem tão descuidada e confusa, como a sua alma:

« Meu caro Fernando

Precisava muito de te fallar hoje aqui.  
Se podesses eu estou em casa toda a tarde.

Tua amiga

*Helena.* »

Fechou o cartão n'uma enveloppe de ligeira  
côr de malva e mandou-o pelo creado a casa  
de Fernando.

— Uma carta da snr.<sup>a</sup> viscondessa da  
Eirinha, disse o creado a Maria da Piedade.

— Como? ... perguntou ella, a affirmar-se.

— É uma carta da snr.<sup>a</sup> viscondessa.

— Para aqui?

— É para aqui mesmo, respondeu o creado.  
Ora faça favor de vêr? ...

— Está bem, está bem, respondeu a Pie-  
dade depois de lêr o endereço. Não está em  
casa, mas quando vier lh'a entregarei.

— Que quererá esta cabeça de gallo oira-  
do?! pensava Maria da Piedade, enquanto o  
creado ia descendo a escada.

O facto era, na verdade, desusado. Fer-  
nando de Noronha, embora tivesse conservado  
na Suarda as melhores relações, só por visita

d'obrigação ia a casa do brasileiro. Sentia por elle uma instinctiva repugnancia que o visconde lhe pagava, não se poderá dizer com antipathia, mas com desprezo completo. A divergencia de caracteres punha entre estes dois homens uma distancia immensa.

Maria da Piedade, apesar da sua intelligencia, não descobriu o fim da carta. Vinda do marido, teria adivinhado; da mulher, que só pensava no seu corpo e nos amantes, não podia lembrar-se que se involvesse em negocios. Se adivinhasse, teria mais uma vez lamentado a herança de D. Luciana; apesar do tino economico e toda a ponderação do seu espirito, também não a vira com bons olhos. Em presença da inquietação de Fernando, aborrecendo quanto o perturbava, muita vez pensára que passavam bem sem aquellas riquezas; nas circumstancias em que viviam, a unica riqueza, que n'este mundo pedia a Deus para o seu amo, era paz, tranquillidade e longa vida. Ora esses contos de reis nada d'isto lhe traziam; antes alguma cousa lhe furtavam.

Não se illudiu Fernando, recebendo a carta, á tarde, ao voltar da loja do Vieira. O inesperado do pedido, a urgencia, o conhecimento

da situação embaraçosa do visconde, immediatamente lhe descerraram o segredo. Córrou, mas córrou de jubilo. Ainda bem que a herança ia servir d'alguma cousa! Qualquer indignidade da acção, esquecia-a; os unicos pensamentos eram a afflicção que suppunha em Helena e a alegria de a soccorrer, de lhe restituir o contentamento e a paz. Debuxavam-se-lhe nos proprios olhos os olhos d'ella a sorrirem de gratidão e d'amor, ao annunciar-lhe que estava salva, se a salvação dependesse dos bens e vida d'elle.

O primeiro impulso foi sair immediatamente. Depois, reconsiderou; sentou-se a jantar, fallando mais do que de costume, mostrando na maneira de se servir uma vivacidade doentia, não isenta de dissimulação: mas não podia havê-la, nem para a Piedade, completamente senhora do espirito do amo, nem já para Beatriz, a quem a affeição illuminára a ingenuidade, fazendo-lhe temer quanto alterasse a mansidão regrada de Fernando.

Não foi pois sem duvidas e tristes receios que o viram apressar-se a sair no fim do jantar. Nada disseram; ambas se calaram n'uma calada, fervorosa oração. Que Deus o livrasse de afflicções e tormentos!...



Elle, ensurdecido pelo clamor da phantasia, que aos seus ouvidos resôa como cõro angelico, vae contente a caminho da casa de Helena. Ia salvall-a. O destino concedia-lhe o primeiro momento de alegria triumphante.

Á porta negra, luzente, do palacio do visconde, bem cravada de metaes polidos, correu a creada, chamada por Helena que ouvira o retinir do pequeno carrilhão electrico, comprado n'uma exposição de Paris. A creada ia já a dirigir-se á escada, mas a ama, a quem quatro horas d'espera provocaram uma impaciencia curiosa, não se julgou dispensada do aviso e acrescentou:

— Se fôr o snr. Fernando de Noronha, manda entrar para aqui.

Vestida de preto, com avental e coifa branca na cabeça, esta creada e as campainhas electricas da porta, unicas em toda a Eirinha, representavam o supra summo do bom gosto do brasileiro, e grandeza com que pretendia avassalar as gentes. Depois da Alice, ella auferia o maior quinhão da generosidade de Helena; merecia-o pela discripção, que lhe valêra um peculio solidamente collocado em escripturas com hypotheca, garantindo-lhe o

pão para a velhice, talvez mesmo um marido ambicioso e docil.

Sobre as docilidades e commodidades do matrimonio muito aprendera com a ama; se algum dia casasse, não deixaria de aproveitar tanto saber. Isso, porém, guardava-o para mais tarde; por agora as pausas, com que de manhã preparava as abluções d'um joven engenheiro da fabrica, hospede do visconde, induzem a suspeitar tendencias para estado de maior liberdade.

Ao chegar ao cimo da escada, Fernando dirigia-se para a sala.

— Por aqui, se V. Ex.<sup>a</sup> faz favor, advertiu a creada, abrindo a porta que dava para um corredor. A snr.<sup>a</sup> viscondessa está na salinha de costura, lá ao fim.

Fernando seguiu o corredor, galeria sobre o jardim, com muitas janellas, enfeitadas de palmeiras e plantas exóticas, tratadas com desprezo, as folhas cobertas de pó, a terra dos vasos secca; no chão estendia-se um tapete de côco, mal sacudido e gasto, d'ourelas vermelhas que pela continuidade pareciam alongar o aposento. No extremo, havia uma porta a que Helena appareceu, sentindo os passos do antigo companheiro.

Esta salinha, onde o seu bello corpo todos os dias se espreguiçava durante a maior parte do tempo, fórma uma especie de torreão entre arvores, vestido de trepadeiras odoríferas, refrescado pelos tanques que ficavam em baixo. Quando o brasileiro se enlevava em fumos de fidalguia, hoje substituidos pela afflictiva sêde de dinheiro, fôra a mais brilhante prova da sua delicadeza, arte e elegancia. Forrada a papel com flôres de myosotis, as janellas, portas e estofos, cobertos de seda clara estampada d'avencas e afogueadas rosas chá, com moveis e madeira branca assetinada, sobriamente cortados por molduras d'ebano, a sala era o confronto da gloria nascente do vaidoso plebeu do Paço da Eirinha com a sévêra, solida belleza da fidalguia perduravel da Suarda, gravada nos resistentes moveis de pau santo e nas janellas, sem o minimo trapo, de cantaria com assentos de pedra, que enchiam os cantos. Os moveis da Suarda lá estão, como eram d'antes; os do Paço da Eirinha, convertidos em ninhos de poeira, ao desmazelo, por toda a parte ostentam franjas a desfiarem-se, esperando em vão o estofador que ali veio armal-os e não voltára.

Mas as graças da natureza tudo salvam; vestem as misérias com a mesma graciosa liberalidade, a que se submettem para coroar de grinaldas a opulencia. Apesar do desalinho da sala, não eram menos frondosas as robinias que a invadiam, derrubadas de cachos de flores brancas, abrindo as azas quasi desprendidas dos favos negros d'onde se exhalavam perfumes subteis, a darem tonturas d'amor; nem se escureciam as irisiadas perolas que o golfinho de bronze lançava na taça de mármore, nem as rosas fechavam o calice a esta tarde quente d'uma primavera prestes a mudar-se nos fogos do estio. A natureza entorpecia de volúpia.

Helena recebeu Fernando sem a menor perturbação; um desprendido contentamento por elle ter vindo, e ainda pela possibilidade d'entreter alguns momentos da ociosidade bocejante, era quanto o seu rosto n'aquella hora podia traduzir.

N'este rochedo de insensibilidade espiritual, a belleza do corpo sentia-se firme; com o olhar sempre largo e sereno, o rosto não se rasgava nas contracções da dôr; sobre os braços semi-nús, emergindo das rendas do vestido, esvoaçavam sylphides d'amor, a velarem

de purpurinos, transparentes véus, as fôrmas d'alabastro.

A pallidez e a anciedade eram só para Fernando; esse vinha ajoelhar com fervor aos pés da amada. Desprendida, com familiaridade, fê-lo sentar ao seu lado. Começou a dizer-lhe que os negocios do marido não iam mal, mas os inimigos tentavam perdê-lo; — fallava assim porque assim tinha ouvido; nada inventava nem pensava; indifferente áquillo que dizia, nem sequer alguma vez cuidára de o averiguar.

No tom mais banal continuou:  
— Ora para pôr tudo em ordem, desejava eu que fizesses o favor de nos emprestar... Não é por mim, é pelos meus filhos!...

E na commoção feminina que acompanha todo o movimento dramático, levou o lenço aos olhos, a enxugar mal esboçadas lagrimas.

— Helena! ... disse-lhe docemente Fernando. Estás ao pé do teu amigo, que nunca deixou de o ser.

Ella, acceitando sem mais delongas as consolações, rehavida a serenidade só instantaneamente abalada por aquellas duas lagrimas indiscretas, concluiu:

— Queria pedir-te que do dinheiro, que te



deixou a D. Luciana, nos emprestasses hoje vinte contos.

— Mas eu não tenho vinte contos! respondeu Fernando com espanto, erguendo-se deante d'ella, impellido por uma dôr aguda.

— Estás a rir!... redarguiu Helena brincando.

— Não! É a verdade!

— Sériamente?!... Os bahús, que levaste de casa d'ella não eram todos de dinheiro?!

— Não! Recebi só quinze contos.

— Tinham-nos dito... Bem, não te afflijas; senta-te, meu filho, disse ella, só agora reparando na exaltação de Fernando. Eu digo-lhe isso! Elle que se arranje!...

— Mas talvez esses quinze contos possam remediar!...

— Sim, eu digo-lh'o. Elle que se arranje!... Que se arranje!... Não estou para me massar.

Fernando traduzia o estouvamento por ingenuidade e candura. Em vez da insensibilidade moral, sonhava a rapariga que com elle brincára nos pinhaes da Suarda; sonhava-a com toda a virgindade d'alma. Contemplando-a, sentiu uma irradiação de beatitude que o emmudecia.

Vexado da sua mudez, levantou-se. Ella ergueu-se tambem, estendeu-lhe a mão, ajustando o modo da entrega do dinheiro.

Depois, sem nunca lh'a largar, cortando um rapido silencio, como illuminada por uma fulguração satanica, vinda dos astros com o latejar fecundo da primavera, corou levemente n'uma severidade perfida, que continha doçuras infinitas.

— Fernando! ... disse-lhe.

Elle ergueu os olhos.

— Fernando!... Meu Fernando!... repetiu.

E, pousando-lhe no hombro a mão esquerda:

— Has-de vir aqui muita vez, sim? ... insistiu baixinho.

— Venho, respondeu elle, afogada a voz, quasi imperceptivel.

— Sempre que eu quizer? ...

— Sim ... sempre que tu quizeres.

As mãos desprenderam-se; e os braços de Helena foram-se lentamente a reanimar o corpo exaurido no martyrio.

— Adeus, disse beijando-lhe os olhos, soltando-o, bem segura da sua preza.

— Adeus, respondeu-lhe Fernando, surdamente estrangulado por um soluço.

A creada, chamada pela voz sonora e fresca de Helena, veio abrir a porta; Fernando saiu, ouvindo o bater metalico da fechadura de bronze.

A tarde esmorecia; o sol baixava. No ceu desmaiado formou-se uma nuvem de virginal claridade, d'onde um rosto angelico olhava indulgentemente o escravo da terra; uma voz lhe veio aos ouvidos, como o grito d'alguem chorando uma traição.

Escutou. Olhou.

Era a voz e o rosto de Beatriz.

— Meu Deus! . . . balbuciou.

E, sem trêmer, o passo lento, foi andando junto á gradaria do jardim, entretecida de roseiras. O remorso, a consciencia d'uma grande culpa, parecia acordar obscuras, latentes energias.

bibRIA

### XXIII

Está bem triste a loja do mercador. A mulher desdobra as fazendas sobre o balcão; elle trepa ás prateleiras a procurar as peças, arrumadas a primor; os freguezes affluem, é certo; mas já não sabe gracejar. Offerece e vende sem uma palavra de sympathia a animar o espirito do comprador. Foram-se embora os risos insinuantes. Levou-os uma saudade, com que o coração jámais se resignará. O povo entra e sáe, arrastando pelo soalho os sapatos ferrados e os cajados; o mercador porém sente um grande silencio; espera em vão que elle se quebre. Nunca mais!... Nunca mais, ao sonoro cair das nove horas,



verá estender-se-lhe a mão descarnada, que tanto lhe aquecia a sua musculosa! Nunca mais sentirá lá em cima, a subir a escada, os passos cautelosos do seu socio! O fidalgo, que fazendo-se commerciante soube conservar a fidalguia, não voltará á loja do mercador.

Amarrado ao leito, na derradeira cruz, espera em longa agonia a morte que já tarda. As amarguras rastejam em torno e cravam-lhe nas carnes desfallecidas as aceradas farpas do veneno: elle recebe-as abençoando-as, como as penas d'um purgatorio, em que veio remir os peccados, para entrar na bemaventurança divina.

Ali revive toda a sua vida; julga-a e quer isental-a da impureza. Os olhos, vagueando pela sala, no silencio preparado por um zeloso carinho, pousam nos moveis em que as mãos de seu pae tambem pousaram; resurge a sombra austera a pedir-lhe contas, na alma enferma recrudesce o amor da austeridade. Ai! Quanto a ama n'este instante, com que dôr recorda os momentos em que deixou de a venerar! Como, por que maus fados a esqueceu, quando o pae morrêra? Sacrilego ardor fizêra dependente a saudade paterna da communhão

no seu amor por Helena?! Crime!... A consciencia condemnava-o. Revia o cadaver ali, rigido e immovel, estendido por terra, n'aquella mesma sala, velado pelo mesmo crucifixo que tinha deante de si, para novamente ajoelhar a beijar-lhe os pés, a ungil-os de lagrimas de contricção. E—horror! fôra Helena, a sua amada, a sua fiel amada, que o arrastára á negrura da ingratidão.

Depois, vieram as benções do ceu, os anjos do Senhor a guardal-o, placidas consolações do trabalho e Beatriz, a graça, o canto da castidade ingenua. Amára-a! Tornava a ouvir as canções das sereias que lá nos montes, quando do casal da Mulata interrogava o poente, lhe vinham povoar o somno de aparições divinas. Também as atraioára, também lhes fôra desleal, quando as deixou approximar da imagem de Helena, quando no ciume lhe cuspira palavras d'affronta. Crime!... Voltam-lhe á lembrança as agruras d'essa noite, em que, perdido d'inveja, insultára Beatriz por amor do operario; e não encontrava perdão, nem no fundo arrependimento de haver cubicado uma fortuna que não podia ser sua. Depois ainda,—ultimo crime, essa hora louca, em que os braços de Helena o involveram,

despenhando-o na abjecção da sensualidade. De tudo lhe ficava a queimadura lancinante da deshonra, da deslealdade sem redempção, da traição a Beatriz.

Onde estavam os braços de Helena, a bocca, o cõllo, os olhos, os cabellos louros, todo esse palpitar de carne contemplado sobre as aguas do rio, em noites tenebrosas e de luar, feiticeiras nymphas, creadas para o deleite? Morreram, desfizeram-se em pó e podridão; do contacto impuro exhalam-se emanações pestilentas — o peccado, a traição a Beatriz, com o horror da perdição final.

Creado sob o despotismo do rei e do dogma, a religião representava-se-lhe concreta; as pessoas e as cousas não eram symbolos, mas deuses activos, fabricados do barro, das fórmas e da vontade humana; na sua imaginação enlouquecida, não traira o amor pela sensualidade, traira Beatriz por Helena; fitava aquella, esperando uma palavra, um gesto, que dissessem — «Perdão», sem comprehender que a graça não perdôa, porque é intangível, inacessível á injuria.

Tinha visto, ha muitos annos, no claustro d'um convento, a imagem do anjo da morte, as azas abertas sobre a terra, arrebatando-lhe

os escravos das ambições; magro, leve, pairava sobre as cidades, onde figuras coroadas de preciosas pedrarias revolviam o oiro, incendiadas d'avidez. O anjo estendia-lhes as mãos; ao longe ia despontando nos ceus resplendente aurora.

N'esta recordação insistente, as mãos do anjo reappareciam nas de Beatriz; elle, Fernando, estava prostrado sobre a terra, com a corôa de lealdade toda manchada; o oiro, a que se prendêra, eram os braços, os olhos, a bocca, o cõllo e os cabellos de Helena, jazendo ali em montão, tão appetecidos, agora repellidos com pavor; erguia o olhar para o anjo que lá do ceu o chamava, cuja voz era a de Beatriz. Enleado no extasi da gloria, tremia que lhe fugisse, implorando a paz infinita, abandonando ao tumulo os ultimos despojos d'um corpo que vivera.

Entre a lucidez e o delirio da febre, o pensamento perdia-se-lhe no labyrintho do passado; percorria-o sem lhe encontrar um oasis de plena liberdade. Cousas apagadas da lembrança reviviam perseguidoras; obsessões, que pareciam eternas, pulverisavam-se, dissipavam-se em cinza. Porque era que só hoje via a pallidez de Beatriz nos dias seguintes á noite

em que a ultrajára? Que cegueira o impediu de conhecer a ferida aberta com impia raiva no seu coração, mancha de sangue na candidez angelica?! . . . Suprema deslealdade! Nem a humilde conformidade posterior com os amores de Beatriz, desligado o seu affecto dos laços sensuaes e estendido ao esposo, filhos, a quanto da sua pureza viesse, a tudo o que ella santificasse, nem esse sentimento, que lhe abria os horisontes da eterna paz, desvanecia a nodoa corrosiva.

O desespero, a revelação dos erros, não lhe traziam, porém, a revolta; não praguejava, não maldizia o destino. Se no espirito, vencido de phantasmas, passava a lembrança de lhe ter o pae envenenado o sangue, infiltrando-lhe ardores de lealdade, se algum momento procurava cúmplices da sua angustia, era para sem demora converter as recriminações em lagrimas de reconhecimento. Pelo temor das culpas de deslealdade chegou á revelação da propria fraqueza; por ellas rojou-se submisso, n'uma submissão que era a bemaventurança, perante os altares da pureza. E meditando no passado, a timidez religiosa com Beatriz crescia todos os dias, mysteriosamente. Tendo feito da vida um combate heroico, sentia-se perseguido



pela ancia de ser perdoado por ella, de continuo interrogado severamente pelos espectros da traição a qualquer cousa não jurada nem prometida em palavras, mas que lhe avassalára o coração, como se magicos nenuphares nascidos no proprio sangue, ali se enraizassem, a bebel-o, e a transformal-o em flores, estrellas alvas que só se abriam ao sol.

A solidão da doença fôra-lhe fecunda. Esta lentidão na agonia era propicia; as chimeras, em que vivera, precisavam do silencio para desfraldar as azas. No ruido perdiam-se, embaraçavam-se, occultavam-se; talvez por pudor, talvez por orgulho, talvez pela repugnancia d'uma atmosphera contraria, agitada pelas ambições terrenas. Agora voam livres. Cantam-lhe melodias celestes, enquanto o entregam nas mãos de Deus.

# bibRIA

## XXIV

Desde o dia em que Fernando foi a casa de Helena, a sua alma nunca mais recuperou tranquillidade. Em todo o corpo via estigmas de deshonra; e convencia-se que os estranhos, vendo-os tambem, o evitariam como um leproso.

Os pedidos para a visitar succediam-se sem o menor recato, com instancia que ella explicava pela vehemencia do amor, na verdade com o despejo de mulher perdida. Reeditava para o novo amante toda a escala de expressões amorosas que a pratica lhe ensinára e a Alice lhe gravára na memoria; dizia-se victima d'uma paixão irresistivel.

Não mentia inteiramente. Os amores de Fernando, inflammados pelas narrações commoventes do seu tormento, eram para Helena coisa nova que nunca encontrára, nem no Andrade, de elegancia banal fabricada no barbeiro e no alfaiate, nem no tal rapazinho poeta de Coimbra, de banaes pieguices rimadas, que a saude vulgar, propensa a materialidades, mal podia supportar. Era em Fernando, n'um velho, n'um organismo decrepito, que pela primeira vez o seu coração tocava a frescura da primavera, até ali ignorada. Aproveitava-a portanto com indomavel voracidade, admiravelmente servida pela experiencia das campanhas anteriores.

O drama que se apoderou da alma de Fernando de Noronha, ao fechar o portão da casa do brasileiro, n'essa tarde da visita fatal, repetia-se com a mais viva intensidade sempre que lá voltava. Os olhos e a voz de Beatriz reappareciam a condemnal-o, lançavam-n'o em negro remorso; nem um só instante o abandonavam, acordando-lhe apprehensões afflictivas, alastrando-se como verdadeiro incendio destruidor.

Mil vezes protestava não ceder ás ordens de Helena, laconicamente transmittidas pela

creada, em bilhetinhos breves, aromatisados, entregues, com uma impudencia que queria passar por naturalidade, na casa da Eirinha, a qualquer hora, a qualquer pessoa. Chegou mesmo a mandar-lh'os a casa do Vieira, com recommendação verbal, que eram para cousa muito urgente. Despertando-lhe a natural repulsão da honestidade esta ausencia completa de pudor, e sabendo, que em todos os passos para casa do brasileiro, no simples pensamento em Helena, era espreitado pelo remorso, pela consciencia agora nitida de faltar a Beatriz, temia os continuados convites da amante. Eram uma tentação, monstruosa abjecção, de que tantos annos passados em exaltação amorosa não podiam absolver-o. Pelo contrario, se n'esse passado alguma cousa houvera de pureza, era no presente afogada n'uma inundação pestilenta, onde se lhe figurava perecer a honra do cavalleiro.

Mas não resistia. Ia sempre. Foi, emquanto a debilidade physica o deixou. A fascinação era tamanha como o remorso. Até por vezes parecia sentir particular deleite em revolver no proprio coração toda a vasa, para a beber mais amarga, porventura presentindo castigos de justiça na dôr, e anciando pela



expição, unico resgate possível de tanta vergonha; precisava de a padecer, para inteiramente apagar o passado, convertido perante Beatriz em compromisso aviltante. Foram degradantes as horas em que contemplara extático a imagem de Helena; foram traição á pureza, posta por Deus a guardal-o, a guial-o aos páramos de luz, desde a infancia prometidos, nas allucinações de heroismo, á sêde de consumpção na verdade eterna e na eterna gloria.

Aos mesmos logares de solidão, que o viram divinisar Helena em apparições radiantes, ia contar uma a uma as miserias da degradação. Já não tornaria a ver os seus braços, os olhos, a bocca, o collo, os cabellos, senão para lhes respirar a corrupção, e convencer-se da ignominia em que o haviam lançado. Adorára-os e terminára por os comprar, como a cousa mais vil; no seu espirito desvairado e perseguido de attribulações não podia desvanecer-se a desconfiança da venalidade de Helena. Da adoração resvalava na injustiça; desconhecendo que ella obedecera aos impulsos do coração pervertido pela sensualidade, só via claramente a mercancia do ouro legado por D. Luciana, a compra d'aquelle corpo ideal-

sado pela paixão durante tão longos annos, ao abrigo da injuria do mundo. Lançando por terra a imagem, cuspia sobre os destroços palavras de odio e de affronta. Fôra ella que o perdera!... Mas não!... Lá estava a escutal-o Beatriz, segredando lamentos, palavras de doçura, a dizer-lhe que perdoasse, esquecesse humildemente os seus erros e os alheios, que voltasse a alma para a luz e deixasse a desprezível poeira da terra. E vinha então um novo remorso, o remorso da propria angustia, da revolta contra as attribuições, a que o amor de Helena o arrastára.

bibRIA

bibRIA

## XXV

Não foi talvez o transe menos doloroso da vida de Fernando de Noronha, vêr-se obrigado a confessar a sua quêda, embora tacitamente, aos dois amigos que mais o amavam, o Vieira e o dr. Matheus. Ambos elles eram, ha muito, seus conselheiros e tutores economicos, dependencia sobretudo estreitada depois da morte de D. Luciana, pelo accrescimo dos bens e as variadas diligencias relativas á herança. O dinheiro ficára em casa do Vieira, com as outras economias; e o dr. Matheus, como amigo e mestre na materia, cuidou do cumprimento das formalidades legaes, indispensaveis á posse regular d'estas novas e malfadadas riquezas.

Saindo de casa de Helena, para cumprir o que lhe havia promettido, Fernando foi procurar o Vieira. Era necessario dar-lhe ordem para a entrega do dinheiro.

Não hesitou. Reagindo insubmisso a todos os tormentos, da agudeza das dôres tirou coragem; firmemente disse ao Vieira que emprestára ao brasileiro quinze contos de reis.

O Vieira empallideceu.

— Como?! . . . O que foi fazer?! . . . exclamou. Esse homem está perdido! . . .

— Bem sei, respondeu Fernando com serenidade, parecendo alliviado da exaltação ao descobrir o sobresalto do amigo. Mas que quer?! . . . Pediu-m'o a mulher; julguei da minha obrigação não lhe recusar esse pouco que tenho. Alegrei-me por ter occasião de reconhecer as minhas obrigações a essa familia.

O Vieira não insistiu. Aquella serena firmeza dominava-o. Habituará-se a respeitá-lo. Mas n'essa tarde, e ainda pela noite adiante, nada fez. Ficára-se a passear d'um lado para o outro, a par do balcão, tomado d'espanto e de receio, agourando tristezas n'esta resolução inesperada. Com simplicidade infantil sonhára ali uma dourada velhice para Fernando, vira



na fortuna a coroação condigna da nobreza, phantasiára carinhosamente a restauração completa da fidalguia dos Noronhas que venerava; não podia conformar-se com esta expoliação, em que logo suspeitou torpezas. Revoltando-se, meditava meios de salvação. Todos, antes de experimentados, se mostravam impotentes, porque iam desfazer-se contra uma vontade, rebelde a derivações, escusas, ou sequer á mais ligeira trepidação de cobardia.

Não foi menor a surpresa do dr. Matheus, quando Fernando lhe communicou o seu proposito. Não se perturbou, porém; experiente da alma humana, prompto a penetrar-lhe os segredos, não teve exclamações de temor ou de lamentação. Compreendeu immediatamente a vileza do brasileiro, servida pelo desleixo moral de Helena, caracteristico da sua natureza inferior; habituado pela profissão a lidar com toda a sorte de baixezas, não lhe eram estranhos, antes os tinha bem presentes pela frequencia, estes casos de cubiça, atropellando a dignidade. Nunca os podéra sentir sem repulsão, apenas attenuada por impulsos de piedade; mas supportava-os pelo conhecimento da miseria humana, unico escudo contra raivosos arrancos de indignação esteril.

Se esta razão o continha em face dos clientes vulgares, não precisou invocal-a ouvindo Fernando. A sua voz tremula, o rosto cavado e pallido, os olhos febris diziam tão claramente a turbção angustiaa, que todas as placidas considerações, inventadas pelo raciocinio, cessaram perante a viva intelligencia d'uma grande dôr; a sympathia correu para ella, a partilha-a, a offerecer-lhe lenitivo.

—Fizeste bem, meu rapaz, fizeste bem! dizia o doutor francamente risonho, com a maior despreocupação. Fizeste bem!... Mostraste de quem és filho. Ora para que demonio te servia aquelle dinheiro?!... Estás como eu, só precisas de socego. Se se perder, pouco importa!...

E o doutor, com mais loquacidade que de costume, discorria sobre a inutilidade da riqueza e mil cousas incidentes, sem outro intento senão aturdir-lhe o espirito, anesthesial-o, para supportar o golpe que lhe rasgára o coração.

Debalde! Nem o dr. Matheus se illudira vendo Fernando, nem este adormecia com tão compadecido discurso. A confissão estava feita, a deshounra consummada. Apenas merecia compaixão e piedade. Esses esteios, em que a sua vida incerta se apoiava, os amigos que

todos os dias o acolhiam no coração, a reanimar-o de tanta enfermidade, haviam de futuro hesitar de lhe estender a mão, sentindo que entre o justo e o criminoso se interpunha fundo abysmo.

Seguiram-se então longos silencios, ora junto ao balcão do Vieira, ora no jardim do dr. Matheus. Tinha alguma cousa a dizer-lhes, que os labios recusavam exprimir. Esperava talvez um momento de coragem, uma interrogação que desprendesse aquella palavra oppressora, fluctuando como n'um mar cerrado, batida pelas ondas, de rochedo em rochedo, sem encontrar calma nem abrigo. Queria gritar — «Perdão», e a consciencia da indignidade suffocava-o. A coragem submergia-se. Reconhecida a deshonra de que a consciencia o accusava, parecia-lhe cessar toda a indulgencia para a miseria. Evitava a ultima hora da condemnação. Vergado sob esse peso, que crescia todos os dias, só um allivio intermittente lhe vinha em soccorro. Sobre os destroços d'este longo naufragio, espargindo uma doce luz, reaparecia a imagem de Beatriz, aos pés da qual o penitente se rojava constricto, em arrebatamento de purificação, quasi inacreditavel, tamanha era a uncção divina,

derramada em todas as suas dôres. Seria possível ainda redempção para tão desvairado aviltamento?!...

A realidade negava-lhe a attribuição interior. A casa do fidalgo da Eirinha jámais estava deserta ou lacrimosa; o anjo do seu lar adejava suavemente, a protejel-a. Beatriz ignora as angustias de Fernando; enquanto o louco arde na chamma da paixão, redobram os carinhos; em volta do enfermo semeiam-nos mãos prodigas, que elle tem deante dos olhos, como symbolo de pureza, castidade e doçura. Nunca os cuidados de Beatriz foram mais attentos, o riso mais caricioso; nunca impregnou o respeito de maior ternura. Vagamente percebe que a sua missão attinge n'este momento o poder supremo de salvar uma alma, dilacerada pelas mortificações do mundo.

Quando Fernando recolhia de casa de Helena, anciado, febril, vergonhoso, acossado pelo remorso, se julgava encontrar os olhos de Beatriz dardejando condemnações e desprezo—eram pelo contrario passos ligeiros que vinham recebê-lo, a voz d'outra alma, paradisiaca, dissipando a escuridão e o tumulto atreador, para soltar harmonias de bemaventu-

rada gloria. Cantavam as mesmas sereias, ouvidas em dias de sonho puro, isento de tentações terrenas, entre o palpitir do firmamento ou sobre as ondas, que no poente desfaziam em diamantes a juba glauca saccudida ao vento. Ficava-se a escutar o canto da rapariga singela, humilde e pobre; mas a sua alma mal sorvia aquellas consolações, logo se despenhava em abysmos demoniacos, onde o riso e o escarneo faziam côro aos gritos dos condemnados. O espirito não alcançava desprender-se d'esta oscillação; na luta, o corpo ia succumbindo.

As vezes o desespero tentava-o a confessar tudo a Beatriz. Adivinhava na sua bocca palavras acariciadoras; sem poder definil-a, passou-lhe no pensamento a visão de que toda a miseria do corpo, sem se banir, se dissipava. Mas timido, nos seus escrúpulos de lealdade, hesitava e recuava. Não podia ser!... Não devia ser!... Era indiguo manchar com o espectaculo da indignidade a alma virgem, profanar o templo sagrado com lamentos sacrilegos! Restava só soffrer corajosamente a expiação! O seu derradeiro combate seria este — apartar a sua miseria da candidez de Beatriz. Passaria na terra adorando-a, recebendo as



benções, sem a confundir nos caudaes da propria vileza. E na crença de vencer esta ultima batalha cobrava horas de repouso.

Já sem forças, levado pelo braço de Maria da Piedade para o canto da varanda, d'onde se avistava o rio e o pôr do sol, revivia na memoria o drama da sua existencia. Entre as ultimas claridades do poente destacava-se a cruz da egreja dominando a villa. Era a imagem do seu viver. Rezava-lhe a miudo; quando dizia — *Perdoae-nos Senhor, as nossas dividas*, ouvia como uma voz do céu a trazer-lhe o perdão; fitavam-no os olhos de Beatriz; calma infinita, castidade e pureza, vinham então consolal-o, desvanecendo todas as dôres.

Mas eram momentos breves, após os quaes resurgia o duello interminavel, entre o amor da mocidade sensual e o novo, o amor da eterna belleza. A sua ambição, outr'ora, era vencer, glorificar-se, engrandecer-se para conquistar Helena, fazel-a partilhar da sua gloria levando-a em triumpho. Hoje, a ambição é vencer-se, dominar-se, banir do coração o appetite material, purificar-se para pôr a alma ao lado da de Beatriz, confundindo-se na sua pureza. Em Helena tivera a adoração da fór-

ma viva e quente, apeteendo consumil-a no prazer; em Beatriz encontrava a belleza, em cuja irradiação queria sublimar-se. Uma era a sujeição á terra; a outra a libertação das cousas parecíveis, a absorpção no Infinito.

Soffria; soffria muito. Deslumbrado, comprehendia que este era a graça de Deus, derramada sobre a miseria humana, lampejo ephemero, eternamente confundido com a cinza e o pó. O anceo de purificação não se conciliava com a condição terrena; o corpo, em vez de barro fragil em que a essencia divina se contém, era profanação irreverente e orgulhosa da belleza. Odiava-o, anathematisava-o, injuriando injustamente a fragilidade, crendo-se na deshonra, porque da fraqueza nunca podéra libertar-se. Ignorava, o pobre louco, enlouquecido pelo sonho da perfeição, que no seu peito nunca tivera senão amor ideal, um unico que pouco a pouco, como a flôr que desabrocha, se foi desdobrando em perfumes; a lealdade que o pae lhe infundira, a propria paixão por Helena e por fim a adoração de Beatriz, tinham sido só degraus da mesma vida, cada vez mais alta, passos dolorosos pelos quaes alcançou o throno de Deus. Repugna-lhe a inani-dade voluptuosa de Helena, porque turva a

pureza, revelada por Beatriz. Desde que concebeu a perfeição e a graça, não mais poderá conformar-se com a propria fraqueza. Esqueceu as palavras do Evangelho:— *Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma*. Tendo subido á luz do espirito, não admitte a enfermidade do corpo. E sem poder conseguir a conformidade, dilacerado nos abrolhos da lealdade indefessa vae morrer d'esta ambição, que é ao mesmo tempo fraqueza e summo poder, loucura e santidade.

# bibRIA

## XXVI

Ao fim de seis mezes decorridos n'uma angustia sem descanso, Fernando de Noronha tocára o termo da existencia. A debilidade, a magreza, a febre continua com accessos periodicos, já nem forças lhe deixam para se erguer da cama.

O dr. Matheus e o Vieira visitavam-n'o todos os dias; elle pouco fallava, sempre distraido, ou em modorra. Quando dormia, mostrava na tranquillidade do rosto uma paz, desconhecida na sua physionomia vibrante. Porventura presentia a libertação d'aquelle corpo que tanto lhe pezava.

Por fim, accometteram-n'o ataques de suf-

focação, lançando-o n'uma inquietação crudelissima. O medico aconselhou algumas gottas de chloral; d'ahi em diante, o somno mal se interrompia.

O dr. Matheus, percebendo chegado o ultimo momento, disse a Maria da Piedade que o mandasse chamar, se houvesse alguma cousa de novo.

O medico veio á tarde, segundo o costume.

Fernando de Noronha estava na sala de jantar, para onde lhe tinham trazido o leito, a vêr se na proximidade das janellas respirava melhor. Quasi sentado, pousadas sobre o peito as mãos deformadas pelos edemas, dormia.

Maria da Piedade fez menção de se dirigir para o doente. O medico, com um gesto rapido, indicou-lhe que não lhe tocasse, e chamou-a.

— Deixe-o dormir, deixe-o dormir!... Está muito mal!... Lá para a madrugada... provavelmente...

O medico não se atreveu a dizer tudo. Maria da Piedade occultou o rosto nas mãos, a soluçar. Logo que elle saiu, mandou immediatamente chamar o dr. Matheus.

Quando este chegou, bem certa de que



vinha para o ultimo apartamento, abraçou-o. Chorando, dizia-lhe entre lagrimas:— Mata-ram-m'o, mataram-m'o!

No vigor do seu temperamento, equilibradamente sadio, não cabia a comprehensão de que Fernando, a quem queria tanto como á filha, podesse morrer por virtude da propria natureza. Deveria haver um criminoso, alguém que lh'o roubasse; esse criminoso era Helena. Elle, Fernando, cheio de bens da terra e do ceu, de riquezas e affectos, só violentamente podia morrer; d'outro modo, a existencia deveria alongar-se, porque a felicidade a prolonga, e elle devia ser feliz pelo amor que o cercava.

Beatriz chorava silenciosa, mas confrangia-se com as palavras da mãe. Suspeitava n'ellas uma injustiça para estranhos, ou uma offensa para o proprio Fernando? Na sua candidez, adivinhára que elle morria de qual-quer cousa fóra do commum, que sobre elle se estendia uma nobre mortalha; morria pelo amor da perfeição. Enquanto chorava de saudade, levantava-se-lhe no coração um culto hostile a toda a mesquinhez e odio, não podendo, ao contrario da mãe, acreditar que morresse victima d'um peccaminoso amor, quem no amor eterno se abrazára.

Nos ultimos tempos, a febre, conjugando-se com a debilidade, fazia-o cair a cada instante em delirio, com intervallos lucidos, desordem de que resultava a confusão do passado e do presente. Referia-se ao pae, por quem perguntava, ao morgado da Suarda, a cujos officios funebres julgava acabar de assistir, á casa do fidalgo d'Almeida, ao jardim do dr. Matheus, á casa do Vieira, confundindo tudo.

A Piedade conseguia despertal-o frequentemente e restituir-lhe a consciencia da realidade.

— Então?! ... sr. Fernandinho, dizia-lhe reprehendendo-o. Acorde, acorde! Sempre a sonhar!

Elle convencia-se de que havia sonhado. E n'estes sonhos vae morrer.

Ao cair da noite, moveu-se no leito.

— Descansou um pouco? perguntou-lhe Beatriz.

— Sim, respondeu, agora vou a descansar. Tenho estado a vêr ali no rio, a afundar-se na agua escura um caixão negro, que leva uma mulher. Já a conheci, não sei aonde. Tem o cõllo branco, os cabellos loiros, os olhos fechados. Já a vi! ... Já a vi! ... Foi na egreja! Estava lá deitada n'aquelle

caixão. Vae a afundar-se!... Tão longe e tão escuro!... E estão sobre a nevoa as se-reias a cantar!... Ai, meu Deus!... Cantam tão bem!... Mas não!... Estou a sonhar... Eras tu que me fallavas!... Eras tu!...

E rehavendo toda a lucidez:

—Que escuridão! que escuridão... exclamou em voz sumida. Não vejo!... não vejo nada!...

Cobriu-lhe a fronte o suor da morte; e o sonho ~~proseguiu~~ na eternidade.

bibRIA

bibRIA

## XXVII

Da geração a que pertenceu o morgado da Suarda e da qual foi na Eirinha o representante mais conhecido, já não vive senão o dr. Matheus. Apesar de muito velho, ainda vae a miudo, tremulo e nos seus passos incertos, á casa que foi dos Noronhas. Habita-a o serralheiro, senhor d'ella, pelo casamento, assim como da quinta das Pontes e outros bens que eram do fidalgo. Embora rico, o rapaz não quiz abandonar a officina; tem-na em baixo, onde em outro tempo era o celleiro. O dr. Matheus parece commungar no seu sentimento; quando lá vae, não quer subir, costuma sentar-se no mocho do torno,



de que o serralheiro se apressa a sacudir a limalha, com um panno enegrecido de oleos e ferrugens. Nem a Piedade o convida para subir; sabe que elle não passa d'ali.

— Então que é feito de seu genro? perguntava-lhe o doutor risonhamente, parando á porta, n'este tepido meio dia d'um limpido dezembro.

— Foi á quinta, mas não deve tardar. Queria-lhe fallar?

— Não!... Vinha só tomar um bocadito do sol, que elle agora appetitece.

— É a Beatriz? accrescentou, enquanto ia a sentar-se.

— Esta lá em cima, a adormecer o Fernando.

SONHO DE PERFEIÇÃO

# bibRIA

Classif.  
869.0-37

18916

JAYME DE MAGALHÃES LIMA



REGISTO N.º 6906

# SONHO DE PERFEIÇÃO

1953/11/06

# bibRIA



\*006906\*

PORTO  
Typographia Pereira  
1901

*Et venit ad discipulos suos, & invenit  
eos dormientes, & dixit Petro: Sic non  
potuistis una hora vigilare mecum?*

*Vigilate, & orate ut non intretis in  
tentationem. Spiritus quidem promptus  
est, caro autem infirma.*

(E. s. Math. xxvi, 40 e 41)

Depois veio ter com seus discipulos  
e os achou dormindo, e disse a Pedro:  
Visto isso não podestes uma hora vigiar  
convigo?

Vigiae orae para que não entreis  
em tentação. O espirito na verdade  
está prompto, mas a carne é fraca.

bib**RIA**

A Alberto Sampaio

Al historiadór eminente das  
"Villas do Norte de Portugal"  
— reconstituição admirável dos fun-  
damentos sociais históricos do povo  
português — em testemunho de mui-  
to reconhecida amizade, offereço  
este pobre trabalho, no qual pelo  
seu conselho foi sempre para mim  
grande mestre e muitas vezes gene-  
roso collaborador.